

Revista

RAÍZES

64

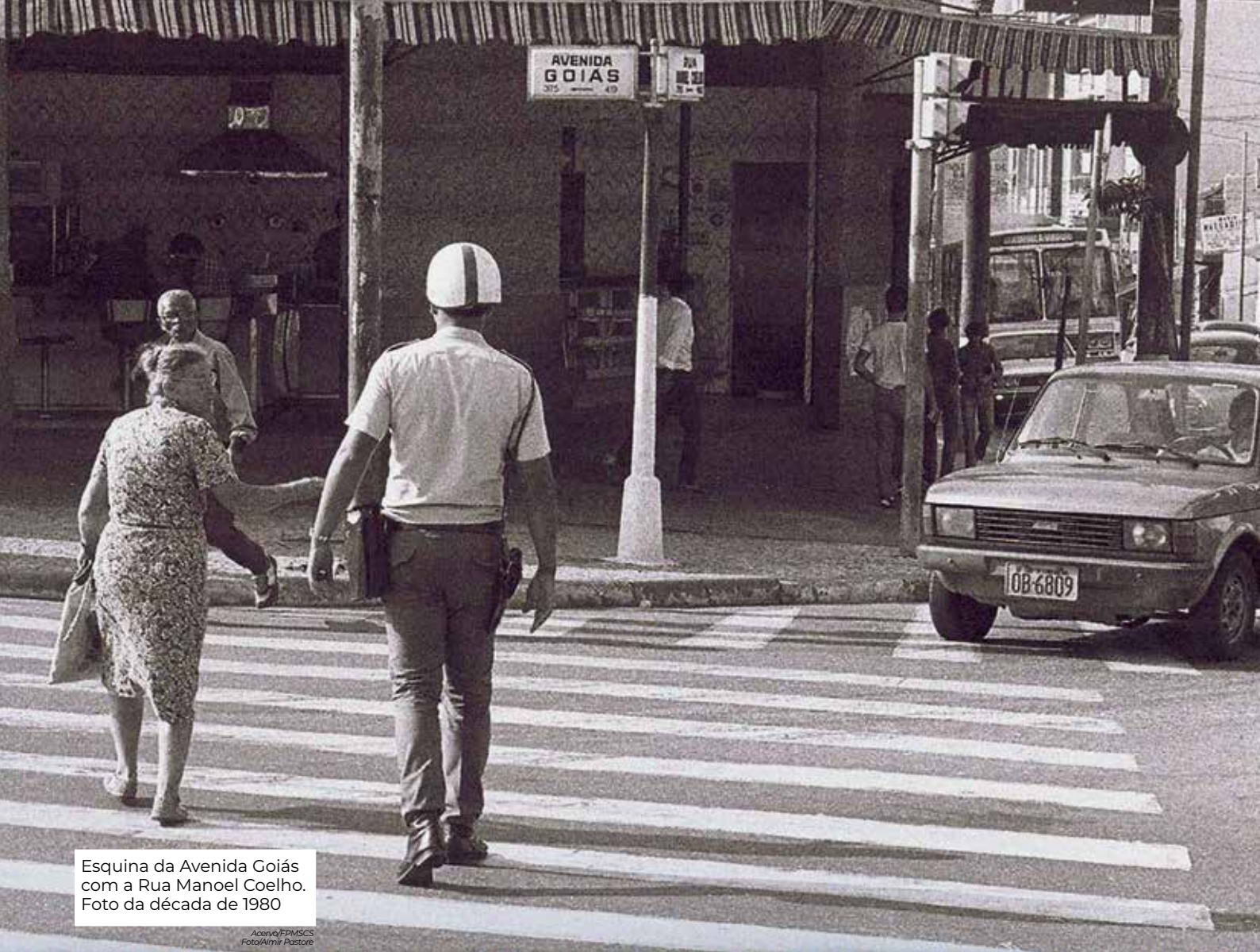
Publicação Semestral
Distribuição gratuita

Dezembro de 2021

Publicação da
Fundação Pró-Memória
de São Caetano do Sul

ANO XXXIII





Esquina da Avenida Goiás
com a Rua Manoel Coelho.
Foto da década de 1980

*Acervo/FPMSCS
Foto/Almir Pastore*

Fundação
Pró-Memória

30



1991_2021
SÃO CAETANO DO SUL



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



CENTRO DE
DOCUMENTAÇÃO

PINACOTECA
MUNICIPAL

MUSEU
HISTÓRICO



WWW.FPM.ORG.BR

Palavra do Presidente

 Charly Farid Cury

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

AINDA ESTAMOS CELEBRANDO o aniversário de 30 anos da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, criada em 12 de junho de 1991. E, como parte das comemorações, é imprescindível nos lembrarmos da revista *Raízes*. Com seu primeiro número lançado em 1989, precede a instituição, e hoje é seu carro-chefe no campo das produções editoriais.

Falar em *Raízes* é rememorar histórias de vidas, de lutas, de sonhos, de tristezas e de alegrias. É lembrar o nosso passado, nossas ruas, nossa paisagem, nossas pessoas. É o fortalecimento da identidade do povo de São Caetano do Sul.

Alcançamos o número 64 da publicação. Há mais de 30 anos a revista *Raízes* vem conduzindo um dos caminhos da Fundação Pró-Memória, em um fluxo de fundamental importância para a valorização de nossa história.

Soprando as velas de nosso aniversário, desejamos vida longa à Fundação Pró-Memória e à revista *Raízes*. ■

Ano XXXIII – Número 64
Publicação semestral
Distribuição gratuita
Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

WWW.FPM.ORG.BR
FPM@FPM.ORG.BR
RAIZES@FPM.ORG.BR



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL

Prefeito Municipal: Tite Campanella (interino). **Secretária Municipal de Cultura:** Liana Crocco. **Presidente da Fundação Pró-Memória:** Charly Farid Cury. **Coordenação Geral da Fundação Pró-Memória:** Márcia Gallo. **Conselho Diretor:** Charly Farid Cury (PRESIDENTE), Anna Figueira, Breno Diorrener Pereira, Eva Bueno Marques, Francisco José Gripp Bastos, João Manoel da Costa Neto, João Tarcísio Mariani, Kátia Valéria Gomes de Souza, Luiz Domingos Romano, Márcia Gallo, Monica lafrate, Wagner Antônio Natale, William Pesinato. **Conselho Consultivo:** Issao Toyoda Kohara, José Luiz Cabrino, José Ramos Vitorino, Maria José Amaral Pante, Mário Porfírio Rodrigues, Mauro Vincenzi Laranjeira, Newton Mori, Sueli Bimbachi, Valdo Armindo Rechelo.

RAÍZES

Jornalista Responsável: Paula Fiorotti (Mtb. 28.927). **Edição e Revisão:** Cristina Toledo de Carvalho, Paula Fiorotti, Rodrigo Marzano Munari. **Comissão Editorial:** Charly Farid Cury (PRESIDENTE), Ana Luísa Nóbrega Cury, Ana Maria Guimarães Rocha, Antonio Reginaldo Canhoni, Caio Bruno Siqueira de Paula, Cristina Toledo de Carvalho, Humberto Domingos Pastore, Cristina Ortega, João Alberto Tessarini, João Manoel da Costa Neto, Mário Porfírio Rodrigues, Monica lafrate, Nelson Albuquerque Jr, Paula Fiorotti, Roberta Giotto. **Projeto Gráfico e Diagramação:** Roberta Giotto. **Serviço de Difusão Cultural (nesta edição):** Cristina Ortega, Paula Fiorotti. **Fotografia, Digitalização e Restauração de Imagens:** Antonio Reginaldo Canhoni. **Apoio à Pesquisa Iconográfica:** Jacqueline Nakagawa, Monica lafrate.

Tiragem desta edição:
2.000 exemplares
Dezembro de 2021

Av. Dr. Augusto de Toledo, nº 255
Santa Paula - CEP: 09541-520
São Caetano do Sul - SP
Fone/fax: (11) 4223-4780

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade da Comissão Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

Mais normal e menos isolada



Paula Fiorotti

EDITORA

ESCREVO esta *Carta ao Leitor* no dia seguinte à divulgação de uma notícia que trouxe a todos muita esperança. No dia 8 de novembro, pela primeira vez, o Estado de São Paulo não registrava nenhum óbito por Covid-19. O mapa da vacinação divulgado pelo portal G1 mostrava, em 9 de novembro, que 56,52% da população brasileira já havia sido completamente imunizada.

Aos poucos, retornamos a uma vida mais normal e menos isolada. Na Fundação Pró-Memória, o trabalho já é totalmente presencial. A revista *Raízes* não foi mais feita sob “quarentena”. Mas, depois de tanto tempo e tanta distância, estamos sentindo falta do calor humano. Falta de sentar e bater aquele papo com um entrevistado. De tomar um café com bolo enquanto ouvimos histórias do passado, dos bons tempos...

A pandemia provocou a aceleração no uso da tecnologia e na digitalização, transformando as formas de trabalho. Mas esta crise mundial de saúde, que trouxe o isolamento, o *home office* e a perda de pessoas queridas, deixa muitas outras consequências econômicas e sociais, e também no aspecto pessoal. Nossas vidas foram impactadas e modificadas de forma definitiva.

É hora de redescobrir pequenos prazeres, buscar novas perspectivas, voltar o olhar para nosso interior e criar novos vínculos. A nossa proposta é que você aproveite este momento e desvende a trajetória de sua família, relembre momentos de sua infância e juventude, mergulhe no passado. *Raízes* te convida a escrever sua história!

Qualquer pessoa pode participar da revista, enviando textos ou fotos. Mas se você não se sentir à vontade para escrever, não há problema algum. Chame a gente pra tomar um café. Vamos adorar! ■

Paula Fiorotti

é jornalista formada pelo Instituto Metodista de Ensino Superior, tem pós-graduação em Comunicação Empresarial e Relações Públicas, pela Faculdade Cásper Líbero, e especialização em Gestão de Patrimônio e Cultura, pela Unifai (Centro Universitário Assunção). É membro do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de São Caetano do Sul e é colaboradora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul atuando na área editorial.





10
CAPA
Goiás, a cara
e o coração de
São Caetano
Caio Bruno

FOTO DA CAPA
Avenida Goiás em registro
da década de 1980

4
#HASHTAG

5
ENSAIO
Uma tarde em São Caetano
Carlos H. Chiroto

20
ARTIGOS
A navegação no Rio
Tamandateí entre os
séculos 16 e 19
José de Souza Martins

25
ARTIGOS
A morte, a placa, o forno
e o demônio; na memória
e no patrimônio
Enrique G. Staschower

31
ARTIGOS
Afinal, os imigrantes
bessarabianos do Brasil são
russo, romenos ou búlgaros?
Jorge Cocicov, Roseli Stainoff e
Sonia Dimov

42
MEMÓRIA
Fundação de Rotarianos de
São Caetano do Sul e Colégio
Eduardo Gomes - 40 anos de
história (1981 - 2021)
Equipe do Colégio Eduardo
Gomes

47
MEMÓRIA
Um passeio pelas ruas
de São Caetano do Sul
Cristina Ortega

51
MEMÓRIA
Casa do Artesão comemora
duas décadas de atuação
em São Caetano do Sul
Cristina Toledo de Carvalho

55
MEMÓRIA
O Clube Esportivo Caça
e Pesca de São Caetano
do Sul: esporte e lazer em
meados do século 20
Márcia Gallo

63
MEMÓRIA
Do antigo Grupo Escolar de
Vila Barcelona à atual EMEF
Dom Benedito: 85 anos de
atividade em São Caetano
Rodrigo Marzano Munari

70
PERSONAGEM
Uma quadra poliesportiva
leva o nome de uma
vencedora: Delenice
Paulo Moriassu Hijo

76
QUEM FOI?

77
ESPORTES
Tênis Clube de São Caetano
do Sul, uma escola de
campeões!
Altevir Vargas Anê

83
ESPORTES
Futebol profissional nos
festejos do aniversário
de São Caetano do Sul
Parte 2: Saad E.C. nas
décadas de 1960,
1970 e 1980
Renato Donisete Pinto

90
ESPORTES
São José Futebol Clube -
Duas vezes campeão no
mesmo ano!
Luiz Domingos Romano

93
POESIAS
E CRÔNICAS
Sempre (ou quase
sempre) alerta!
Marcos Eduardo Massolini

97
NOSSO ACERVO
Pinacoteca Municipal

98
NOSSO ACERVO
Museu Histórico Municipal

100
ACONTECEU

104
MEMÓRIA
FOTOGRAFICA

8, 39
CURIOSIDADES

9, 40, 69, 92
RAÍZES E RETRATOS

99
BAÚ DE MEMÓRIAS



instagram.com/
fpmscs_oficial



facebook.com/
promemoria.caetano



youtube.com/
promemoriasaocaetano



Fique de olho!

Agora você pode acompanhar as ações da Fundação Pró-Memória e a programação cultural da cidade em um novo portal criado pela Secretaria Municipal de Cultura. Notícias, eventos, datas, endereços e serviços culturais estão disponíveis em um só canal. É fácil consultar, basta acessar cultura.saocaetanodosul.sp.gov.br, do computador ou de um smartphone, e ficar por dentro de tudo o que está acontecendo na cidade!

Por dentro da Pró-Memória

Criada em 1991, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul tem diversos departamentos e desenvolve muitos projetos. Em 2021, no aniversário de 30 anos da instituição, resolvemos mostrar como as coisas funcionam por aqui. Se você também ficou curioso para saber, por exemplo, como publicar um artigo na revista *Raízes* ou até mesmo como lidar com fotos em arquivos digitais, acompanhe uma série de vídeos disponíveis em nossas redes sociais. São 15 depoimentos de nossos colaboradores que permitirão que você conheça um pouco mais sobre a Pró-Memória.




Acervo/FPMSCS





← Uma fotografia e algumas breves reflexões

Uma tarde em São Caetano

 Carlos H. Chiroto

O AROMA DO CAFÉ é formado por compostos químicos voláteis, que são exalados pelos grãos após a torra e a extração. Quando “passamos” um cafezinho é inevitável aquele cheirinho tomar conta do ambiente. E é inconfundível, tamanho o seu poder. Aposto que já sentiu o aroma, só de ler este texto. Imagine, então, morar próximo de uma torrefação de café? Conviver diuturnamente com essa sensação?

São Caetano do Sul já contou com alguns estabelecimentos onde a torra do café era realizada. Anastácio Barrante, Alfredo Banini, Agostinho Campi, Gustavo Chchia, Alberto Mariani e Caetano Malavazi foram proprietários de torrefações na localidade. Encontramos ainda registros de outros estabelecimentos com a mesma área de atuação como a R. B. Martins & Cia, a Campoi & Cia e a Torrefação e Moagem do Café Jambo.

A imagem em destaque nos mostra a primeira empresa de produção de café instalada no município, a Torrefação e Moagem de Café São Caetano. De propriedade da família Musumeci, foi instalada no final da década de 1920, na Rua João Pessoa. O texto apresentado na seção *Ensaio* foi inspirado pelas sensações do aroma de café, exalado por uma torrefação que ficava na esquina das ruas Rafael Correa Sampaio e José Benedetti. Quem nos presenteia com suas memórias é o poeta Carlos Chiroto.

Não era sem motivos que evitava passar pela junção de duas ruas, onde outrora havia uma torrefação de café; sentia aquela melancolia nostálgica que lhe comprimia o peito. Na memória, um antigo retrato paulatinamente se formava: Saudade!

Tépida tarde de um céu outonal, sem máculas e de um amarelo ouro que permitia, em meio a um indolente silêncio, ouvir-se ao longe um indeterminado bater de martelo em algo metálico, por alguém regido pela cadência do tempo. Ruas solitárias, desertas, que apenas o palpável aroma oriundo da torrefação de café imiscuído à visão de uma criança sentada ao pé do portão de uma casa, fazia destoar.

Aproximou-se e indagou à criança - que parecia não tê-lo notado - o que fazia ali. Simultaneamente arrependeu-se, afinal o que tinha ele com isso. A criança, contudo, permanecia em silêncio. Tinha razão, ela nem o notara, era como se ele nem realmente estivesse ali. Esqueceu-se? Somente os “adultos”, quando atingem a dita “idade da razão”, procuram motivação seja lá para que ato for; ela simplesmente estava ali.

A imagem se completara! Algo tão volátil e ao mesmo tempo sólido, com densidade comparável ao do diamante, assim são esses retratos que, por alguma razão, ficam perpetuados na memória e que,

(...) O olhar que abarca o todo e não a soma das partes é o olhar do artista-criança, olhar da criança que o fixava e sorria.

acionados eventualmente por alguma chave, emergem à consciência, originando sensações que nos fazem eliminar o tempo, o espaço... De retratos semelhantes apenas crianças e autênticos artistas são capazes, pura arte pela arte. Intentou-lhe dar uma definição e concluiu: “ - Mas não há definição, basta tentar aprisioná-la a um fim e... Não se trata mais de arte”. Afastar-se de si mesmo, vislumbrar o todo, fixar o instante, criar sua imitação; um nível mediano de sensibilidade pode possibilitar a elevação da alma... O olhar que abarca o todo e não a soma das partes é o olhar do artista-criança, olhar da criança que o fixava e sorria.

Ela simplesmente estava ali, e ali permaneceria, em seu coração, enquanto ele pudesse manter seus sonhos. Retrato de uma tarde - cujas cores, pintadas na infância contempladas posteriormente sob a perspectiva do olhar da maturidade, perdem sua luminosidade - de uma rua de São Caetano e de uma criança, que permanecerá em meu coração, enquanto eu puder manter meus sonhos. ■

Carlos H. Chiroto
é poeta livre da musa acadêmica, premiado e publicado pela Academia Jundiense de Letras. É membro da Academia Popular de Letras de São Caetano.

Na página 5, fachada da Torrefação e Moagem de Café São Caetano, em foto de 1937

Um “arranha-céu” em São Caetano

NAS ÚLTIMAS DÉCADAS, o processo de urbanização de São Caetano do Sul tem sido marcado, principalmente, pelo crescimento vertical. Mas, até a década de 1950, não havia nenhuma edificação imponente por aqui, até porque os sistemas de água e esgoto não comportavam construções de grande porte.

Foi então que, em 1953, um prédio ganhou destaque na paisagem urbana da pacata São Caetano. Inaugurado no dia 30 de setembro daquele ano, o Edifício Vitória firmou-se como uma das construções anunciadoras da modernidade da cidade. O em-

preendimento da família Dal’Mas tinha mais de 30 mil metros quadrados e abrigava um cinema, 56 salas comerciais, diversos salões e uma grande galeria. Nenhum prédio com tais dimensões havia sido visto antes por aqui. **Não era propriamente um “arranha-céu”, pois contava somente com quatro andares, mas causou impacto na cidade.**

Além disso, o prédio ganhou grande representatividade pois abrigou, de 1953 a 1961, os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. O local foi palco de grandes acontecimentos políticos, culturais, artísticos e sociais. Seus

andares foram ocupados, ainda, pela Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acascs), pelo Clube Comercial, centro acadêmico, clube de xadrez, outras associações, além do Cine Vitória, com duas salas de exibição. ■

O MAIOR ARRANHA-CÉU DO BRASIL

Com 44 pavimentos e 191 metros de altura, o edifício mais alto do Brasil atualmente é o Órion Business & Health Complex, na cidade de Goiânia (Goiás), que concentra um hospital, um hotel e espaços corporativos no mesmo conjunto.

Fonte
www.archdaily.com.br



Nesta imagem de 1959, o Edifício Vitória destaca-se em meio à paisagem local

Acervo Sérgio Miliani



Flagrantes do casamento de Sergio Miliani e Inês Moretto, realizado no dia 20 de maio de 1967, na Igreja Matriz Sagrada Família



Sergio Miliani e Inês Moretto com o primogênito Marcelo Henrique Miliani, em foto de 1968, na Rua Tenente Antonio João



Goiás, a cara e o coração de São Caetano

 Caio Bruno

Há 45 anos a mais famosa avenida da cidade era duplicada e ganhava seus contornos atuais

ALICE VEIGA, 22 ANOS, NASCEU E SEMPRE MOROU EM SÃO CAETANO DO SUL. Ela tem aquele perfil de munícipe que vive completamente a cidade. Moradora do Bairro Santo Antônio, estudou e trabalha em terras sul-são-caetanenses e, aos fins de semana, sempre frequenta as lojas do corredor comercial do Centro ou da Rua Visconde de Inhaúma, e os bares da Avenida Goiás. Aliás, foi em uma quarta-feira de sol e trabalho que a encontrei, com certa pressa, andando nessa via com destino ao Bairro Barcelona, onde exerce a função de atendente em uma loja.

- Oi, você pode me responder uma pergunta? – indaguei.

- Claro, mas rápido. – disse a moça, apressada.

Após perguntar as informações que compartilhei no primeiro parágrafo, questionei:

- Você sabia que a Goiás, essa avenida em que estamos, até 1976, era de pista única com uma faixa para ida e outra para volta?

- Não sabia. Passo aqui todo dia e nunca soube. É sério?

- Sim, é sério. A Goiás, como conhecemos, em sua extensão e características atuais, completa 45 anos em 2021.

E assim como Alice, muitas das milhares de pessoas que passam todo santo dia no principal endereço da cidade não sabem dessa história, a de como a dupli-

cação de uma avenida transformou São Caetano e foi motivo de discussões, polêmicas, debates e, com o tempo, se mostrou fundamental para o progresso e para a vida municipal.

De Rua a Avenida Goiás - A origem da Goiás remonta ao início do século 20 quando o então subdistrito de São Caetano começou seu processo de industrialização e o município sede – Santo André – resolveu ampliar as ligações entre os locais. Nesse período surge de forma mais efetiva a Rua Souza Ramos, no Bairro Barcelona, que depois, já nos anos 1930, desaguaria na Rua Goiás, no Bairro Santa Paula.

Com o passar do tempo, o subdistrito virou município autônomo, passando a ser, a partir de 1948, São Caetano do Sul, crescendo em população e economia. A Souza Ramos, nessa época já chamada de avenida, deixou de existir na década de 1950 e foi incorporada pela Rua Goiás, que também foi *promovida* ao status de avenida e, nessa época, já era uma das principais vias da cidade.

A instalação da prefeitura e o início do debate da duplicação

- Em 1959, após 10 anos perambulando por alguns endereços, o então prefeito Oswaldo Samuel Massei, em sua primeira gestão

(...) Era fato consumado que a Goiás precisava ser alargada, quiçá duplicada, senão o município iria ter sérios problemas.

(1957-1961), deu início à construção do paço municipal. O local escolhido para abrigar a sede do Executivo e do Legislativo sul-são-caetanense era a Avenida Goiás, entre as ruas Goitacazes e Rio Grande do Sul. Além do prédio cívico, também seria instalada uma concha acústica para a realização de atividades diversas.

Inaugurados em março de 1961, os equipamentos promoveram grande impulso à avenida que, além do tráfego carregado naturalmente, por ser ligação até as cidades vizinhas de Santo André e São Paulo (por meio da Rua Margarido Pires, que futuramente também seria incorporada à Goiás), contava com a presença de grandes indústrias (como a General Motors, instalada na via desde 1928). A vinda do poder público para a avenida fez crescer o comércio local e conseqüentemente o fluxo de carros e pessoas.

No final daquela década, o debate já tomava conta das rodas políticas da cidade. Era fato

consumado que a Goiás precisava ser alargada, quiçá duplicada, senão o município iria ter sérios problemas.

Vem aí a Nova Goiás - Eleito em 15 de novembro de 1972 para seu segundo mandato como prefeito de São Caetano do Sul, com expressivos 53.213 votos (que correspondiam a quase 90% dos eleitores), Hermógenes Walter Braido tinha como uma das plataformas de sua campanha eleitoral a duplicação da Avenida Goiás.

Vinte dias após tomar posse, em 21 de fevereiro de 1973, Braido divulgou seus planos viários para a região central de São Caetano, entre eles estava a duplicação da Goiás. Sob o título de *Centro de S. Caetano terá anel viário*, o jornal *Diário do Grande ABC* daquele dia noticiou as ações. Sobre a reformulação da via, explicou: “O prefeito Braido determinou o apressamento dos estudos técnicos sobre a viabilidade do alargamento da via uma vez que os 90 mil veículos que por ela tra-



Antecessora da Avenida Goiás, a Rua Souza Ramos foi importante eixo que ligava Santo André ao então subdistrito de São Caetano. Foto da década de 1940

fegam causam congestionamentos contínuos provocando o caos diariamente no trânsito local”.

Após a conclusão dos estudos, a prefeitura aproveitou o ano de 1973 para resolver questões jurídicas e contratuais e iniciar o processo de desapropriações para o começo da obra, que, por motivos diversos, entre eles, o baixo número de edificações, teria o lado rente ao paço municipal como local para a nova pista.

As obras - Em 22 de janeiro de 1974, tiveram início as obras, de duplicação da Avenida Goiás, chamada pela prefeitura de *Nova Goiás*. Nesta data, de acordo com o *Jornal de São Caetano*, foram

iniciados “os trabalhos de sondagem do terreno, e que servirão de base para o alargamento da Goiás, que passará a ser conhecida como Complexo Viário Nova Goiás”. O periódico também informava que “as primeiras escavações foram feitas na Praça dos Estudantes, esquina com a Rua Goitacazes”.

Além da duplicação da Goiás, a antiga Rua Margarido Pires, que ia da Avenida Guido Aliberti até a Avenida Senador Roberto Simonsen, também seria alargada e incorporada à Nova Goiás.

Em 1974, devido ao longo processo de desapropriações, as obras transcorreram em várias frentes e não de maneira unifor-

me. Fato que mexeu com a cidade foi a demolição do imponente obelisco, localizado na Praça dos Estudantes, no paço municipal, em 28 de setembro daquele ano.

Com o título *Obelisco Cai Hoje*, o *Jornal de São Caetano* noticiava que a demolição do monumento causaria alterações no trânsito, que o público não deveria acompanhar o ato e classificava a ação como um “instante histórico”: “Deixará de existir um monumento e uma praça para que seja possível a solução de um dos mais graves problemas do município. A acanhada Goiás, que causou tantos desastres e emperrou tanto o tempo o progresso da cidade”.

Antiga Rua Margarido Pires, que atualmente corresponde ao trecho da Goiás entre as avenidas Guido Aliberti e Senador Roberto Simonsen



A obra andou sem sobresaltos (apesar de todo o natural transtorno causado no tráfego, por causa das interdições) nos anos de 1974 e 1975, com a prefeitura dependendo prioridade total no feito, com foco nas desapropriações e na instalação de galerias pluviais e nova rede de esgoto para atender à demanda e resolver o problema das enchentes na região central de São Caetano.

A inauguração da Nova Goiás estava prevista para o início do segundo semestre de 1976, ano em que Hermógenes Walter Braido estaria prestes a encerrar seu segundo mandato. Época, portanto, de eleições municipais.

Necessária ou faraônica? A eleição de 1976 e a duplicação da Goiás - Em 1976, sob a presidência do general Ernesto Geisel, o Brasil se preparava para realizar mais uma eleição municipal. No dia 15 de novembro daquele ano seriam eleitos prefeitos e vereadores nas cidades de todo o país, exceto nas capi-



Vista aérea da Avenida Goiás pouco antes de sua duplicação, no fim dos anos 1960

tais e nos chamados municípios de segurança nacional (que só elegeriam vereadores). São Caetano do Sul não se enquadrava nesses casos, portanto, o povo deveria ir às urnas.

Sob a vigência do bipartidarismo da época, desde o início do ano já se desenhava que a eleição seria polarizada entre o oposicionista Raimundo da Cunha Leite (Movimento Democrático Brasileiro-MDB) e as candidaturas governistas de Gentil Monte e Antônio José Dall’Anese (Aliança Renovadora Nacional-Arena). A legislação da época permitia que cada um dos dois partidos lançasse até três candidatos a prefeito. No final, venceria o mais votado nominalmente com a soma de seus próprios votos com os dos outros dois.

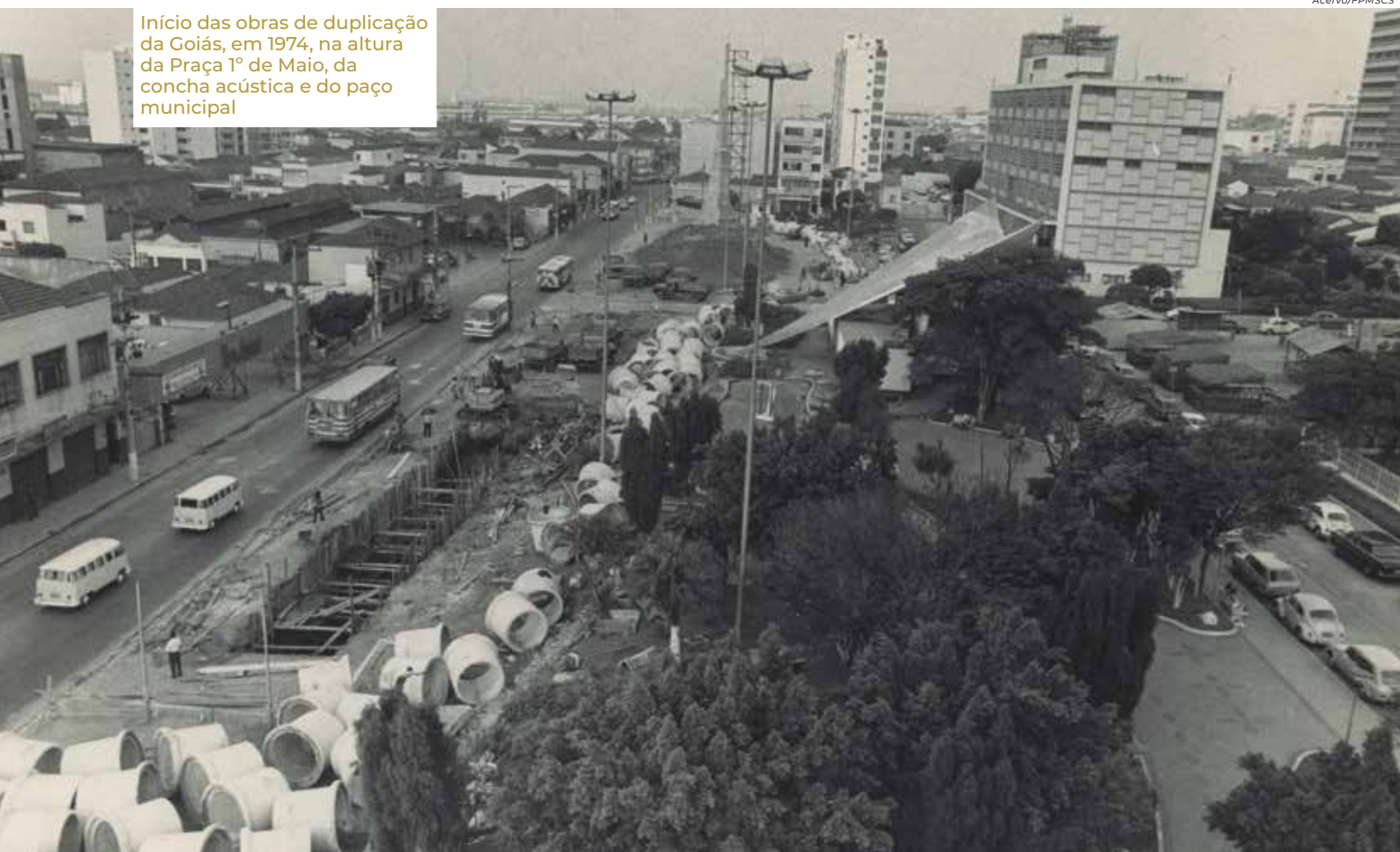
Evidentemente que a duplicação da Avenida Goiás seria uma das principais pautas da eleição e causou discussões pró e contras. A politização tem início em reportagens do jornal *Folha de São Caetano*, nas edições de 10 e 17 de julho. Simpatizada à candidatura de Leite, a publicação trazia depoimentos da população com críticas à duplicação chamada de “sem pé nem cabeça”, “faraônica” e “sem sentido”.

Em paralelo, as obras avançavam e, em 31 de julho de 1976, o *Jornal de São Caetano*, mais próximo do governo, vaticinava em manchete garrafal: **NOVA AVENIDA GOIÁS EM FASE DE ACABAMENTO**. A reportagem dizia que a inter-

venção chegava a sua fase final de cobertura asfáltica e que a conclusão estava prevista para o mês de agosto.

A guerra de versões entre os dois periódicos sobre a importância ou não da Nova Goiás prosseguiu até a eleição. Em 21 de agosto de 1976, a *Folha de São Caetano* mostrou, mais uma vez, sua contrariedade com a manchete: *Alargamento da Goiás: um dinheiro mal utilizado*, artigo no qual chamava a remodelação da via de “desnecessária”. No dia 16 de outubro, o mesmo jornal voltou com a carga na reportagem intitulada *Nova Goiás: Campeã dos acidentes*, na qual taxistas reclamavam e relatavam acidentes de carro oriundos da nova configuração do local.

Início das obras de duplicação da Goiás, em 1974, na altura da Praça 1º de Maio, da concha acústica e do paço municipal



A resposta do *Jornal de São Caetano* veio 15 dias depois, em 31 de outubro, com a matéria *Nova Goiás melhorou trânsito em São Caetano*, com relato do comandante da polícia militar da cidade na época, Wilson da Silva, afirmando que os problemas do trânsito na região estavam “resolvidos” e que os índices eram “excelentes”.

Em 15 de novembro, os eleitores foram às urnas e elegeram Raimundo da Cunha Leite, do MDB, o novo prefeito da cidade, com 32.325 votos (37,26%). Gentil Monte e Dall’Anese, os candidatos da governista Arena, tiveram 13.299 (15,33%) e 10.711 (12,34%) votos, respectivamente. A eleição acabou, mas havia uma nova disputa. O nome da nova avenida.

Avenida São Caetano di Thiene ou Goiás? - Sempre chamada de Nova Goiás durante as obras de duplicação e de incorporação da extinta Rua Margarido Pires, a avenida foi inaugurada na manhã de 21 de agosto de 1976, na presença de centenas de pessoas e com novo nome alterado um dia antes, em uma lei aprovada na Câmara Municipal. Agora, o trecho entre as vias Guido Aliberti e Presidente Kennedy se chamaria Avenida São Caetano di Thiene, uma homenagem à cidade italiana de mesmo nome que em junho



Em 28 de setembro de 1974, o imponente obelisco à frente do paço municipal era demolido para dar lugar à nova pista da Goiás



Acervo/PPMCS

Placa da prefeitura orientando e comunicando carros e pedestres sobre as obras da Avenida Goiás

Obras da nova
Goiás, em 1974



Terraplanagem sendo
realizada na avenida no
início de 1975





Avenida Goiás recém-duplicada em foto de 1976. Ao fundo, cruzamento com a Rua Manoel Coelho

daquele ano se tornaria irmã de São Caetano em um *gemellaggio* assinado pelos respectivos prefeitos. O alcaide do município, Camillo Cimenti, aliás, esteve presente na solenidade de inauguração. Goiás seria tão somente o trecho entre a divisa com Santo André e a Presidente Kennedy (correspondente à antiga Rua Souza Ramos).

Com o clima ainda quente pelo resultado das eleições travou-se nova polêmica entre os atores políticos, agora pelo nome da avenida. O imbróglgio foi resolvido em março de 1977 quando o recém-empossado Raimundo da Cunha Leite revogou a lei promulgada por seu antecessor e devolveu ao local seu nome de origem. Em toda a sua extensão, o nome seria apenas Avenida Goiás, como é chamada até os dias de hoje. A alegação foi

de que a mudança estava causando prejuízos para indústrias, comércios e moradores.

A cara e o coração de São Caetano - Claro que nesses 45 anos a Goiás passou por diversas modernizações e reformas, como sinalização, pavimentação, ganhou canteiros e viu surgirem e desaparecerem casas, estabelecimentos comerciais e indústrias. Mas, mais do que isso, a avenida é a principal via arterial de São Caetano, um verdadeiro cartão-postal da cidade, um endereço conhecido fora dos limites municipais e local de trabalho, passagem e lazer para milhares de pessoas diariamente.

É nos seus quatro quilômetros de extensão, cruzando quatro bairros da cidade (Centro, Santo Antônio, Santa Paula e Barcelona), que cidadãos e ci-

dadãs estudam em suas escolas e universidade, trabalham em seus comércios e indústrias, fazem suas compras, se divertem nos bares, teatro e pinacoteca, se locomovem com destinos diversos e vivem parte de suas vidas. Como a Alice, lá do início do texto, como eu, e como qualquer morador de São Caetano do Sul e das redondezas. ■

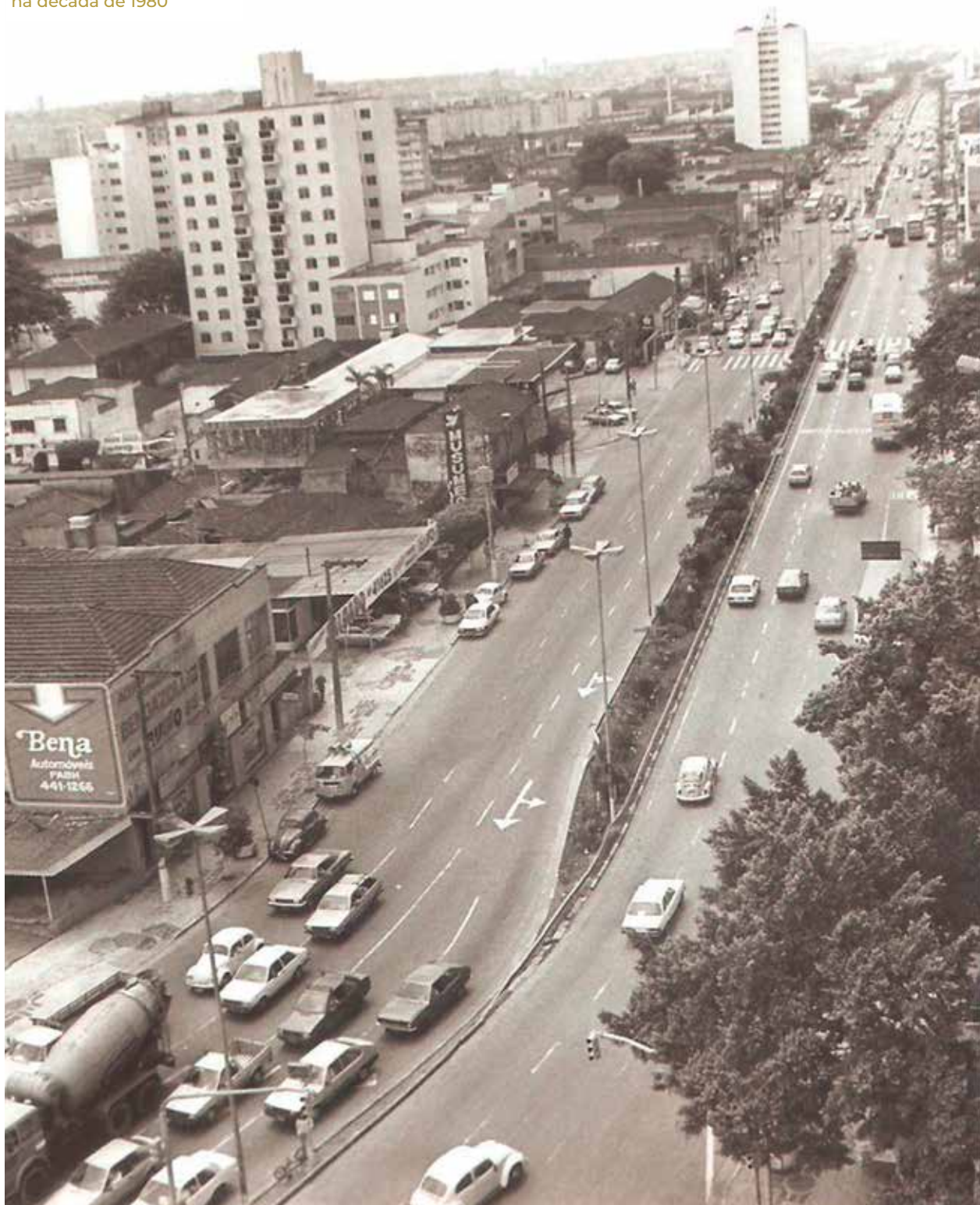
Referências Bibliográficas

- ALARGAMENTO da Goiás: um dinheiro mal utilizado. *Folha de São Caetano*, 21 ago. 1976.
 GOIÁS: Raimundo pede revogação Lei que mudou o nome. *Folha de São Caetano*, 12 fev. 1977.
 INICIADAS obras da Nova Goiás. *Jornal de São Caetano*, 26 jan. 1974.
 MAIS desapropriações para as galerias da Nova Goiás. *Jornal de São Caetano*, 18 mai. 1974.
 MILHARES de pessoas assistiram a entrega oficial ao público de SCS, da moderna e nova Avenida Goiás. *Jornal de São Caetano*, 28 ago. 1976.
 NOVA Avenida Goiás em trabalhos de acabamento. *Jornal de São Caetano*, 31 jul. 1976.
 NOVA Goiás melhorou trânsito em São Caetano. *Jornal de São Caetano*, 31 out. 1976.
 NOVA Goiás terá outra denominação. Avenida muda de nome. *Jornal de São Caetano*, 21 ago. 1976.
 NOVA Goiás volta a ser Avenida Goiás. *Jornal de São Caetano*, 13 fev. 1977.
 OBELISCO Cai Hoje. *Jornal de São Caetano*, 28 set. 1974.
 O que o povo pensa da Nova Goiás? *Folha de São Caetano*, 10 e 17 jul. 1976.
 S. Caetano terá um anel viário. *Diário do Grande ABC*, 21 fev. 1973.
 Fundação Seade - Informações sobre o resultado das eleições de 1976 (www.seade.gov.br)

Caio Bruno

é jornalista, pós-graduado em Comunicação Empresarial (Universidade Metodista de São Paulo), especialista em Marketing Político (PUC-SP) e atualmente é supervisor do Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul.

Trecho da Avenida Goiás,
na década de 1980





Trecho da Avenida Goiás, na década de 1980



Trecho próximo à Rua Aurélia, no Bairro Santa Paula, em 2017



Avenida Goiás à noite, na altura do cruzamento com a Rua Oswaldo Cruz. Foto de 2018

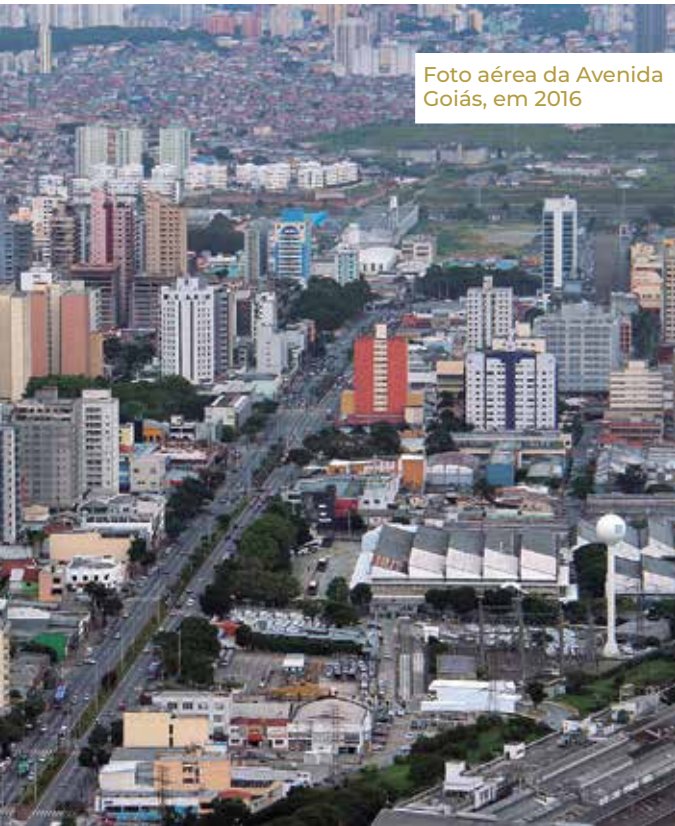


Foto aérea da Avenida Goiás, em 2016



Início da via na região central, no começo da década de 2000

A navegação no Rio Tamanduateí entre os séculos 16 e 19

▣ José de Souza Martins

A HISTORIOGRAFIA PAULISTANA não contém, senão ocasionais, esparsas e inconsistentes, referências à navegação no Rio Tamanduateí, embora existam documentos relativos a ela do século 16 ao 19.¹ Nem mesmo se chegara à razoável identificação de qual poderia ser, nos atuais cursos d'água do planalto, o verdadeiro Tamanduateí.

Resolver esse problema é a chave do mistério da geografia piratingana dos séculos 16 e 17. Em especial, pelo muito mistério que cerca o assunto, identificar a localização mais provável do povoado de referência da vila de Santo André da Borda do Campo. Isso depende de reconstituir a geografia da região na época e identificar os rios e seus nomes originais e verdadeiros, porque são decisivos para ler e interpretar os documentos e solucionar o enigma.

Depois de anos de busca na documentação, mesmo nos documentos já conhecidos, que

carecem de revisão crítica, tive condições de compreender que o segredo está nos nomes, quase sempre tupis, especialmente nas denominações dos rios. Eles foram alterados, e até adulterados e trocados, no século 19 e ainda nos primeiros anos do século 20, por grileiros e falsificadores de documentos de terras. A história oficial de toda a região do que é hoje o ABC, e dos bairros de São Paulo que lhe são vizinhos, está amplamente deturpada por informações falsas colhidas em documentos forjados ou em suas cópias cartoriais que oficializaram as fraudes.

No Registro Paroquial de São Bernardo, de 1856, decorrente da lei nº 601, de setembro de 1850, a chamada Lei de Terras, o vigário, padre Tomás Inocêncio Lustosa, refere-se ao Rio Tamanduateí como sendo o rio que já começava a ser conhecido como Rio dos Meninos, afluente do “outro Tamanduateí”, ou seja, do atual. Nisso, o padre acompanha os documentos

do século 18, que definiam, sem relutância, o atual Rio dos Meninos como Rio Tamanduateí e, a partir da confluência atual desses dois rios das denominações atuais, o ramo em direção ao leste, à Santo André atual, era o Rio Caaguaçu, afluente do Tamanduateí, isto é, do Rio dos Meninos.

A dúvida em relação ao verdadeiro Tamanduateí, o rio principal, surgiu devido à diminuição do regime de suas águas em decorrência do desmatamento de suas margens, durante o século 18. O rio, por isso mesmo, começou a ser chamado de Rio dos Meninos.

Tomava o nome do Sítio dos Meninos, da Fazenda Boa Vista, comprada pelo Mosteiro de São Bento e anexada à Fazenda de São Caetano em 1803. Eram terras há muito cobiçadas pelos monges em razão das matas que ainda possuía.

O nome Meninos ficou associado ao antigo, original e verdadeiro Rio Tamanduateí.²

Já no século 18, o abade de São Bento mencionava o desaparecimento das matas ciliares ao longo do Rio Tamanduateí original. A madeira fora consumida na manutenção dos três fornos da fábrica de produtos cerâmicos da Fazenda de São Caetano, mas também como lenha enviada regularmente ao próprio mosteiro e até mesmo na fabricação de carvão, em São Bernardo, para as ferrarias de São Paulo.

Em meados do século 19, os moradores da Mooca se queixavam à Câmara Municipal de São

Paulo de que havia redução do volume da água do rio por eles utilizada, a do Tamanduateí, a oeste da foz atual do Rio dos Meninos, na direção da cidade.

Uma verificação oficial do estado do rio foi feita no dia 12 de outubro de 1825 pelo tenente coronel engenheiro José Antonio Teixeira Cabral, em sua viagem de inspeção pelo Rio Tamanduateí, que ainda era continuação do rio que, na segunda metade do século 19, cada vez mais, seria conhecido como Rio dos Meninos:

“passei (...) à Fazenda dos Frades Bentos, denominada São Caetano, e vim sucessivamente sondando o Rio Tamandataí (*sic*), pelo espaço de 3 léguas (cerca de 20 km) até a sua confluência no Rio Tietê, e achei sempre a correnteza regular, apesar do Rio estar muito trancado, que quase não dá passagem em alguns lugares: achei também um fundo regular 7, 8, a 9 palmos (1,40m a 1,80m), e em alguns lugares um fundo de 6 palmos (1,20m), tendo também vários fundões de 18, 19, e 20 palmos (3,60m a 4,00m)”.³

Canoa grande, no Rio Tietê, em Porto Feliz, escavada em um só tronco. Desenho de Aimé-Adrien Taunay (1826)



A pesquisa fluvial de Teixeira Cabral era parte do levantamento do patrimônio natural herdado pelo Brasil independente na província de São Paulo, em decorrência da Independência, proclamada na tarde de 7 de setembro de 1822.

Tinha, também, o propósito de subsidiar o redesenho da paisagem da várzea do Carmo (atual Parque Dom Pedro II) e, especialmente, identificar as causas das enchentes naquela extensa área da cidade de São Paulo. O tormento das inundações levará a um projeto de construção de um lago na divisa de São Paulo e São Caetano, na confluência do que já era o Rio dos Meninos com o Tamanduateí, lá pelo final do século 19. Seria o predecessor dos “piscinões”, mas a obra foi considerada cara e dela desistiu a prefeitura de São Paulo.

A pesquisa de 1825 indicava que, não obstante algumas dificuldades, o rio ainda era navegável. Em duas fotos de cerca de 1901 fica evidente que o atual Rio dos Meninos, comparativamente ao rio de hoje, ainda era largo. Uma delas feita na altura da atual Igreja de São Caetano e outra, no que foi o antigo bairro dos Meninos Velhos em São Caetano, na margem direita do rio.

O nome Meninos Velhos, em São Caetano, distinguia-o do lugar dos Meninos Novos, na margem esquerda do rio, em São Bernardo, no quarto final do sé-

culo 19. José Alves de Siqueira, ao assinar o mencionado contrato de arrendamento do sítio, em São Caetano, em 1806, dizia: “arrendei por ano, ao Mosteiro de São Bento desta cidade de São Paulo, denominado os Meninos Velhos, hoje Boa Vista...” (*sic*).⁴

O rio era decisivo na economia local. No século 18, a Fazenda de São Caetano chegou a ter uma frota de três canoas para o transporte de produtos até o Porto Geral de São Bento, em São Paulo. Duas das canoas eram chamadas “pequenas”, para navegação na época de poucas águas no Rio Tamanduateí. “Pequenas” queria dizer menores do que a “canoa grande”, que era utilizada no tempo da cheia, com pouco mais de dez metros de comprimento, o que indica que era um barco bem grande.

Era ela do tipo das canoas usadas na navegação pelo Rio Tietê, a partir de Porto Feliz, com destino às minas de Cuiabá.⁵ Utilizadas ainda nas primeiras décadas do século 19, como se vê em uma gravura de uma delas, de Aimé-Adrien Taunay, de 1826, que participou da expedição do Barão de Langsdorff ao interior do Brasil.

Os dois tamanhos de canoas eram necessários como forma de ajustamento às variações estacionais nas condições de navegabilidade do rio para assegurar o transporte regular dos produtos, principalmente os ce-

(...)
O rio
era
decisivo na
economia da
propriedade.
No século 18,
a Fazenda
de São
Caetano
chegou a ter
uma frota de
três canoas
para o
transporte
de
mercadorias
até o Porto
Geral de São
Bento, em
São Paulo.

râmicos, de São Caetano, mas também outros produtos vindos de São Bernardo. O que indica que o regime das águas do Tamanduateí, já naquela época recuada, estava sujeito a variações extremas em consequência do desmatamento. Mas também em consequência de que o Tamanduateí era, desde sempre, o rio que separava a mata do campo. Era o rio da Borda do Campo.

Ao longo do tempo, algumas canoas foram compradas já prontas. Outras foram encomendadas e feitas nas matas dos beneditinos na Fazenda Parateí, em Mogi das Cruzes, no que é hoje Guararema, onde a Ordem de São Bento ainda mantém sua antiga fazenda. Ou em São Bernardo, onde as canoas ali feitas eram escavadas em troncos, como se pode deduzir das ferramentas mencionadas na lista de seus bens.

De uma das canoas grandes há detalhada descrição quanto ao tamanho, à feitura e ao uso que se lhe daria. Foi em 26 de fevereiro de 1754 que o abade, frei Jerônimo da Ascensão, no relato do estado do Mosteiro de São Bento durante seu governo, iniciado em 21 de abril de 1750, descreveu, pela primeira vez, a nova canoa da Fazenda de São Caetano: “Fez-se uma canoa de pau durável, que é peroba-mirim”, cortado em lugar “distante desta Cidade nove léguas” (cerca de 60 quilômetros). Com

12 metros de comprimento, na proa, tinha 80 centímetros e, na popa, tinha 60 centímetros de largura. Era a maior e a melhor de São Paulo, afirma o abade, em documento do que foi o acervo do Mosteiro de São Martinho de Tibães, em Portugal.

As dimensões da canoa indicam que fora feita de um tronco só, como era próprio da técnica da época, alternativa para a canoa de casca. Os especialistas dizem que a peroba-mirim, ou peroba-rosa, costuma chegar a 20 ou até 30 metros de altura.

Ela foi cortada nas matas da mencionada Fazenda Parateí, Rio Tietê acima. Essa fazenda, de 550 hectares, que fora adquirida em 1671 pelo Mosteiro de São Bento, tinha densas florestas, minuciosamente descritas em documento de 1677, com grande variedade de árvores de madeira de lei, dentre elas, a peroba.⁶

Esses barcos tanto podiam ser feitos com a casca da madeira (de que há um exemplar no Museu do Ipiranga e outro em Porto Feliz) quanto podiam ser feitos do tronco escavado por carapinas especializados, como aconteceu no caso da canoa de São Caetano.

A canoa grande, diz o abade, podia transportar de uma vez mil telhas, madeiras, lenha. Era um volume considerável em comparação ao número menor de telhas que a capacidade das canoas pequenas permitia, o que é indicado em uma anotação de

junho de 1758, tempo de seca. Com as canoas pequenas da frota da Fazenda de São Caetano, eram necessárias mais viagens para levar os produtos ao depósito que o mosteiro mantinha no Porto Geral de São Bento, ao pé do outeiro em que se localizava. A canoa grande representava um considerável aumento na produtividade do trabalho de transporte das mercadorias.

Diferente dos detalhes quanto ao uso diversificado da canoa grande, as pequenas eram destinadas preferencialmente ao transporte das telhas, pois a isso se refere a documentação. Em 24 de junho de 1758, a compra de “uma canoa pequena para conduzir a telha de São Caetano no tempo de poucas águas no rio”. Ou: “uma canoa pequena para conduzir a telha de São Caetano no tempo de poucas águas” (5 de fevereiro de 1759).

Essa canoa grande durou nove anos, sem apresentar problemas. Seu naufrágio, em março de 1763, sugere que precisava de reforma. Em abril desse ano, o padre gastador comprou breu para a calafetação e três tipos de pregos para o conserto. Em abril de 1766, foi feita uma nova compra de breu para calafetá-la. Sinais de que se deteriorava muito depressa.

Os documentos da segunda metade do século 18 dão indicações sociologicamente importantes para compreender a economia da navegação do rio e de como ela se

Os documentos da segunda metade do século 18 dão indicações sociologicamente importantes para compreender a economia da navegação do rio e de como ela se situava na diversidade de relações de trabalho do sistema econômico beneditino.

situava na diversidade de relações de trabalho do sistema econômico beneditino.

As anotações do padre-gastador do mosteiro, relativas às despesas com os canoeiros, mostram o que era a modalidade de relação de trabalho que com eles havia. Não eram escravos negros de origem africana. Eram, de preferência, índios administrados do fim do regime de cativo indígena, que legalmente cessara em 1757, com a extensão, ao Estado do Brasil, da abolição da sua escravidão com o Diretório dos Índios do Estado do Maranhão e Grão Pará, em 1755.

Os canoeiros eram índios jovens, como nesta anotação de uma terça-feira, 17 de julho de 1759, quando o padre gastador pagou 100 réis “aos rapazes que levaram a canoa para São Caetano”. Em um sábado, 7 de maio de 1763, o padre compra dez réis de bananas para José da Vitória “que leva a canoa para São Caetano”. Além disso, devido ao frio e à umidade na situação do trabalho, é frequente a referência à aguardente e ao fumo, oferecidos aos canoeiros. Era trabalho de agregado, uma relação laboral que foi comum após o fim da escravidão indígena.

A navegação do rio estava diretamente relacionada com a produção dos três fornos da fábrica de cerâmica da fazenda. Ainda em 1869, o abade de então registrava a colocação, em São Caetano, de uma máquina de amassar barro, indício de que a indústria cerâmica continuava operando dois anos antes da libertação dos escravos de São Bento. Portanto, as olarias deixaram de funcionar com o fim da escravidão em São Caetano, em 1871.

Só então a navegação do Tamanduateí provavelmente cessou. Ao menos quanto à utilização de canoas para fins econômicos, no transporte de produtos. A navegação nele resistira por mais de 300 anos. Só no serviço da fábrica de telhas e de outros produtos cerâmicos, de São Caetano, 140 anos. ■

Notas

¹ Embora minucioso e analítico em relação à navegação bandeirante para e do Centro-Oeste, Sérgio Buarque de Holanda dedicou pouquíssimo interesse à navegação na área do Planalto e da região tributária da vila de São Paulo de Piratininga, especialmente entre a Borda do Campo e São Caetano, de um lado, e o Porto Geral de São Bento, de outro. Cf. Sérgio Buarque de Holanda, *Capítulos de Expansão Paulista*, Companhia das Letras, São Paulo, 2014, p. 269.

² Cf. Contrato de arrendamento de José Alves de Siqueira, Sítio da Boa Vista, 18 de setembro de 1806, Arquivo do Mosteiro de São Bento de S. Paulo, Códice 102, fls. 7 e 7v.

³ Cf. Tenente Coronel José Antonio Teixeira Cabral, *A Estatística da Imperial Província de São Paulo*, Apresentação de José de Souza Martins, Edição fac-similar, Edusp – Editora da Universidade de São Paulo / Fapesp, São Paulo, 2009, p. 146.

⁴ Cf. José Alves de Siqueira, loc. cit., fl. 7.

⁵ Cf. Sérgio Buarque de Holanda, ob. cit., esp. p. 264-274.

⁶ Cf. Dom Martinho Johnson, O.S.B., *Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade de São Paulo*, cit., p. 128-143.

José de Souza Martins

é sociólogo. Professor titular aposentado de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Professor visitante da Universidade da Flórida (EUA) e da Universidade de Lisboa. Professor da Cátedra Simón Bolívar da Universidade de Cambridge, Inglaterra, e *fellow* de Trinity Hall (1993-1994). Entre outros livros, autor de *Sociologia do Desconhecimento – Ensaio sobre a incerteza do instante* (Editora Unesp, 2021) e de *No Limiar da Noite* (Ateliê Editorial, 2021).

A morte, a placa, o forno e o demônio; na memória e no patrimônio

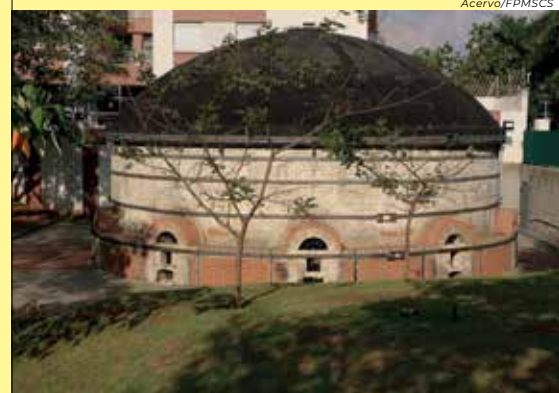
MEMÓRIA E HISTÓRIA não podem ser considerados sinônimos. Enquanto a história é regida pelos registros e documentações, a memória é um processo vívido, de maneira inconsciente, conduzido de forma individual ou por grupos, em permanente evolução, já que busca um caráter de identidade ou de recompensa. A memória trata, estrategicamente, de transformar a realidade para torná-la compreensível, organizando nossa relação com o passado, para se apropriar de um sentimento de identidade – aquele sentimento de *monumentum* e *patrimonium* (monumento e patrimônio) – como resgate de um passado.

Dentro destas conceituações, as memórias de Celeste Pantalo e sua esposa Maria referentes ao sepultamento de sua filha

Ana Maria, em 7 de dezembro de 1877, seguramente foram marcantes para eles e os colonos recém-chegados às antigas construções da Fazenda Benedictina de São Caetano do Tijucuçu. Não somente pela morte da filha de apenas um ano de idade, mas por enfrentarem um longo caminho de lágrimas, dor e ressentimento, tendo como destino o Cemitério Municipal da Consolação, que era o primeiro cemitério municipal da capital. Provavelmente os acompanharia na sua volta o sentimento de arrependimento, por terem cruzado o Atlântico em busca de nova vida e encontrado a morte. A morte e a desesperança eram compartilhadas entre aqueles imigrantes.

A Fazenda Benedictina do Tijucuçu deixara àqueles imigrantes

Enrique G. Staschower



Espaço do Forno: antiga instalação de um dos fornos da Cerâmica São Caetano hoje é espaço de exposições da Fundação Pró-Memória

(...)

A memória trata, estrategicamente, de transformar a realidade para torná-la compreensível

(...)

seu cemitério, antigo e abandonado (posteriormente ocupado pelo campo de futebol do Trupica e onde hoje está sendo construído um parque), destinado aos não-batizados, escravos ou indígenas, somado à capela, em homenagem a São Caetano, à casa grande e ao que restou das cozinhas, galinheiros, estábulos e, principalmente, os três fornos destinados à produção de cerâmica e louças.

Por mais paradoxal que pareça, a morte, sua presença e seus rituais de sepultamento revelam muito sobre nossos sentimentos com a vida, bem além da perda e ausência dos entes queridos. As decisões sobre a forma de depositar, prantear e recordar os mortos permitem identificar estruturas religiosas e as personas sociais que as moldam.

A memória registrada pela constante presença da morte dos imigrantes no estágio inicial do núcleo colonial negou reminiscências de outros. Aquele cemitério e as edificações beneditinas não foram uma grata lembrança aos colonos, nem mesmo aos representantes da província, que viam neles uma herança colonial a ser apagada pelo trabalho autônomo e a visão empreendedora esperada destes imigrantes, cuja produção agrícola abasteceria a capital. Assim, as edificações e as memórias que elas carregavam não prevaleceram por muito tempo e foram demolidas.

Convém frisar que a raiz filológica de memória provém do

latim *memini*, do verbo *monere* (recordar, alertar, iluminar, instruir), a mesma de *monumentum* e *patrimonium*. Os vestígios de um passado servem para instruir ou advertir uma memória coletiva, capaz de permitir o resgate de um tempo perdido, elaborado por aqueles que nos antecederam, alimentados por sentimentos de afetividade e pertencimento, que podem ser depositados, cognitiva ou esteticamente, sobre um artefato, imagem, edificação, rua ou, até mesmo, uma prática social. Estes monumentos nos salvam do esquecimento, já que nos dão o sentimento de continuidade, prevalecimento e manutenção de um grupo.

Seguramente, o oposto do prevalecimento da memória tenha sido destinado à guarda da casa grande, que sequer fora cogitada como elemento a ser preservado como *memorial*, nem mesmo da Capela de São Caetano, que passou por reformas em 1784, com a contribuição do renomado engenheiro militar José Custodio de Sá e Faria - quando fora considerada “um exemplar da arte barroca numa fazenda de um subúrbio paulistano” - e uma segunda intervenção entre 1817 e 1828. (MARTINS, 1992 p. 57)

Talvez, também aqui, paradoxalmente, as edificações beneditinas teriam de ser suprimidas e erradicadas, mesmo que carregadas do sentimento do sucesso

do empreendimento fabril beneditino, da mais prolífica das quatro fazendas beneditinas ao redor de São Paulo, que permitiu erigir o Mosteiro de São Bento, em São Paulo, conformando, não somente o tramado urbano do largo ao seu redor, mas o

Por mais paradoxal que pareça, a morte, sua presença e seus rituais de sepultamento revelam muito sobre nossos sentimentos com a vida, bem além da perda e ausência dos entes queridos. (...)

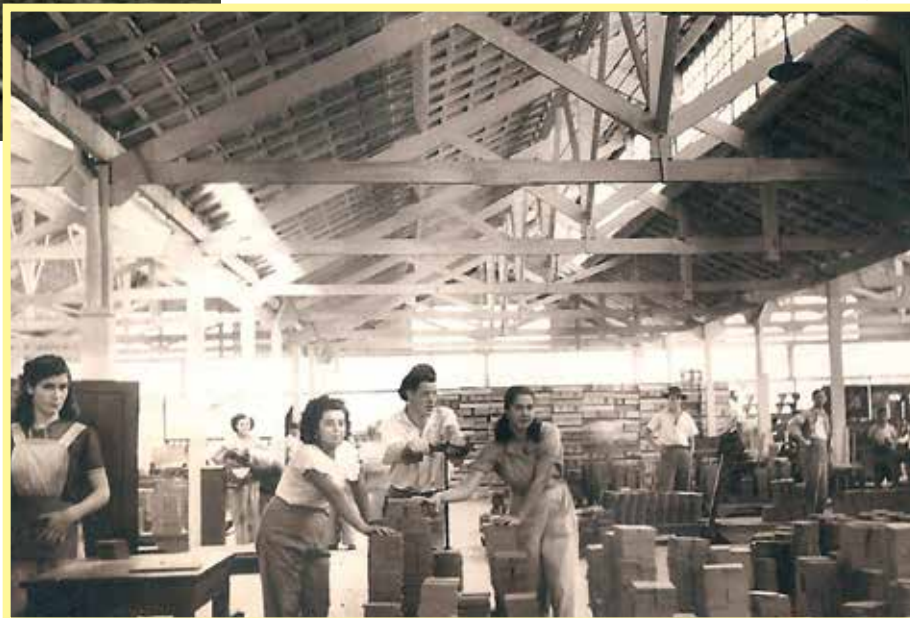
Porto Geral, no Rio Tamanduaí, que atendia as interconexões com São Caetano. Sobre o sentimento de um sucesso não vivenciado, prevaleceriam memórias das adversidades iniciais na implantação do Núcleo Colonial de São Caetano, levando de roldão, não somente as memórias



Registro fotográfico do ano de 1946 mostra casas da vila operária das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo, localizadas entre as ruas Araraquara e Durval Vilalva, próximas da Praça Maria Pia Matarazzo

Funcionárias da Cerâmica São Caetano, na seção de escolha de ladrilhos. Foto da década de 1950

Acervo/FPMSCS



beneditinas, mas o apagamento daqueles que trabalharam e habitaram, por mais de 250 anos, a Fazenda Tijucuçu.

A antiga capela seria demolida e sobre ela erigida a Igreja Matriz de São Caetano, realizada através de um trabalho coletivo dos imigrantes italianos, que doaram material, tempo e dedicação. Dominaria o cenário, enquanto “Matriz Velha”, mesmo encapsulada pelas Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo, já que sobre ela depositara-se o sentimento de *monumentum* e *patrimonium*, identificados como resgate de um passado, que aspira à representação de uma identidade.

Estes sentimentos e esta representação de uma identidade refletem-se na placa comemorativa do cinquentenário do núcleo colonial, afixada na lateral da Igreja Matriz. Nela, buscam legitimar os “destemidos precursores que das itálicas terras a estas terras aportados com indômita pujança abriram o caminho ao hodierno progresso”, como fundadores e inauguradores de um processo de ocupação territorial, relegando ao esquecimen-

to os ocupantes anteriores do território beneditino.

Das riquezas beneditinas, restariam os fornos e o trabalho fabril, inicialmente nos tijolos da Olaria Paulista, que se apropriara dos terrenos circundantes à capela em 1879. Suas chaminés seriam utilizadas em sequência pela Pamplona Sobrinho & Cia., lá transferida em 1896, produzindo sabão e graxa, empregando 30 operários (mormente vizinhos italianos ou seus descendentes). Estas mesmas chaminés interessariam a Francesco Matarazzo, arrendando-as em 1912, culminando por comprar a Pamplona em 1916, para, a partir daí, instalar um complexo industrial verticalizado – que consumiria casas, lotes, ruas, praças, as

águas do Córrego dos Meninos e findaria contaminando-os por mercúrio e BHC (Hexacloro-ciclohexano).

Nosso cotidiano, nossos utensílios e os lugares onde nos relacionamos são depósitos onde nossas memórias se acumulam, tal como uma pátina – nos apegamos a eles porque nos representam. Assim, este “depósito afetivo” transforma-se em um “lugar de memória”, articulando a memória individual ou involuntária e a coletiva, aquela construída e celebrada oficialmente. Desta forma, o autorreconhecimento dá-se em “lugares de memória”, quando atribuímos valores a objetos, locais ou edificações a fim de preservar uma identidade coletiva. Não

por acaso, nomeamos ruas, praças e edificações homenageando personagens e acontecimentos locais, como pontos de rememoração ou celebração, para nos conectarmos a um passado e evitar o esquecimento.

Gradualmente, as cidades do ABC criaram sua identidade industrial graças à linha férrea. Indústrias se instalaram na região pela possibilidade de adquirirem terras de colonos empobrecidos, com facilidade de comunicação férrea e pela disponibilidade de mão de obra – provavelmente do colono empobrecido que se transformou em operário. Conformam-se, assim, os subúrbios industriais.

Gradualmente, as cidades do ABC criaram sua identidade industrial graças à linha férrea. Indústrias se instalaram na região pela possibilidade de adquirirem terras de colonos empobrecidos, com facilidade de comunicação férrea e pela disponibilidade de mão de obra

Nas memórias do século 20, no caso do ABC paulista, deve-se destacar que, especificamente na formação dos subúrbios, como São Caetano do Sul e Santo André, conforma-se a região como a mais importante zona industrial paulista. Portanto, seus lugares de memória baseiam-se na prática socioespacial da industrialização. A fábrica organizava a vida suburbana e era sua principal referência espacial, organizando seu cotidiano operário, sua moradia nas vilas operárias, os encontros nas esquinas e nos bares, ao final do expediente e, aos finais de semana, nos campos de futebol de várzea.

Devemos considerar as dificuldades de manter-conservar-restaurar as edificações industriais, onde estariam resguardadas as técnicas, maquinários e processos. A dificuldade deve-se à reestruturação produtiva, quando muitas indústrias se retiram do ABC, relegando suas antigas instalações a uma reestruturação urbana. Assim, antigas construções estão em processo de resignificação,

sendo transformadas em shopping centers, condomínios ou supermercados, graças à largueza dos terrenos, somada a sua localização como motivo de atração e rentabilidade ao mercado imobiliário.

Se as edificações industriais se perderam, as vilas operárias se mantiveram, mas não se perpetuaram como *monumentum* e *patrimonium*. A estratégia industrial de criar vilas operárias representava um investimento imobiliário, uma vez que aumentava o patrimônio da empresa, revertendo mensalmente um valor locatício e, ao mesmo tempo, permitia o controle sobre as atividades extrafábrica do operário, mantendo-o comprometido à permanência na residência e ao desempenho e obediência às suas funções. Entretanto, nessas vilas, estreitam-se os contatos diários entre os moradores, gerando o vínculo entre semelhantes que compartilham da mesma condição de trabalho e moradia.

Um exemplo dessas vilas, que reproduzem em suas fachadas os produtos industrializados, seriados, idênticos e impessoais, tal como a linha de produção, é a Vila Matarazzo, construída adjacente às instalações da Matarazzo. Ela foi capaz de criar um tecido urbano (que se estende fora das fronteiras do município de São Caetano do Sul, já que avança além do Rio Tamanduaí) com suas 79 residências, implantadas sobre oito quarteirões,

mais aquelas no perímetro da fábrica (que receberam seu alvará de habite-se em 27 de setembro de 1940).

Passados mais de 80 anos da sua construção, o conjunto da Vila Matarazzo não se encontra mais no Bairro da Ponte, e sim no Bairro da Fundação. As casas já sofreram várias modificações, mas ainda são capazes de resgatar, por meio da sua localização, nome e repetição modular de moradias, a memória industrial. Esta vila operária manteve-se, mas não se perpetuou como *monumentum* e *patrimonium*, cercada de uma fábrica que se foi, dos empregos que levou, da contaminação que deixou.

Outras indústrias foram marcantes, porém, na sua trajetória, legaram-nos parcas memórias e vários mistérios. A renovação do processo industrial das olarias de São Caetano se daria pela instalação da renovadora produção de telhas francesas que substituiriam as telhas colônias capa-canal, produzidas artesanalmente. A Cerâmica Privilegiada chegava ao distrito de São Caetano, em 1913, trazendo a tecnologia da telha marselhesa, sob licença da Société d'Exploitation de Brevets Industriels de Paris. Podemos dimensionar a importância da empresa, pelo quilate dos 37 acionistas que subscreveram a compra de 206 mil metros quadrados, comportando casas de operários, forno, trilhos, vagonetes e amassador de barro.

A Privilegiada inovaria, reduzindo o impacto do trabalho braçal com uma escavadora mecânica e contando com a orientação de um engenheiro francês para dar início à produção. Porém, com o avanço da Primeira Guerra Mundial na Europa, a compra de maquinários e a importação de tecnologias levaram a empresa a ter sérios problemas financeiros. Em 1915, alguns acionistas retiraram-se da sociedade. Em 1916, o diretor e principal acionista, Cajado de Lemos, suicida-se no Rio Tietê – as razões desta atitude são um mistério, porém as consequências foram a decretação da falência, a interrupção da produção e a venda das instalações.

Diversas soluções financeiras e diversos proprietários a conduziram até 1924, quando Roberto

Simonsen e Armando de Arruda Pereira assumem as instalações e passam a denominar a empresa Cerâmica São Caetano S/A, que transformaria o nome do distrito em município, celebrado e reconhecido nacionalmente pelos produtos de qualidade desta fábrica.

Hoje guardamos como *monumentum* e *patrimonium* o forno remanescente da Cerâmica São Caetano, cercado de modernidades, shopping e torres residenciais. Porém, no imaginário daqueles que participaram das transformações fabris de um subúrbio em crescimento, o mistério trazido pelas lembranças deste forno instalou-se nas suas memórias, quando o demônio passou a frequentar a seção de encaixotamento de ladrilhos da fábrica, em 1956.

Este forno circular, hoje preservado e eleito como patrimônio, fora substituído por outro em forma de túnel, com 40 metros de comprimento, abastecido com ladrilhos produzidos por novas prensas automáticas, sistema no qual o operário se adaptava à velocidade da máquina. Graças às inovações tecnológicas, sob comando dos engenheiros, o ritmo das funcionárias na seção de escolha e classificação foi enormemente intensificado – um trabalho artesanal que dependia do conhecimento e prática das qualidades pessoais das escolhedeiras e encaixotadeiras, porém sob vigilância e poder de uma máquina invisível.

Desajustes na produção, ritmo frenético e aumento dos defeitos, seguramente eram produto do fantástico, ameaçador, sorridente e bem-vestido como os engenheiros, envolvido em cheiro de enxofre, que aparecera às operárias, desumanizando suas relações com a produção. Várias delas desmaiaram, reportando a presença do demônio na produção. Essa “besta” surgiu em meio a desajustes na banalização da trabalhadora, enquanto pessoa, e a valorização da máquina, enquanto elemento essencial. Assim o *monere* (o iluminar, em latim) como raiz do *monumentum* e *patrimonium*, aqui presente no forno preservado, busca nos iluminar e advertir sobre um modelo de trabalho perdido,

que, talvez, aqueles que hoje o veem, seguramente não o reconhecem assim.

Estas trabalhadoras da seção de encaixotamento de ladrilhos, mormente, eram filhas de migrantes do Nordeste ou de Minas Gerais, provenientes de meios rurais empobrecidos pela crise do café de duas décadas anteriores. Elas moravam junto à fábrica nos bairros Cerâmica e São José, onde lotes estreitos abrigavam casas simples. A Cerâmica São Caetano era o sustento de pais, irmãos, maridos e tios, todos mestres e operários calcados pela prática. Esses mestres, com suas relações familiares de parentescos entremeados com empregos, seriam conduzidos por saberes externos à produção, quando o monopólio do conhecimento técnico passaria aos engenheiros, agora responsáveis pelas mudanças tecnológicas que intensificaram a produção.

Como reflexo deste tecnicismo, descaracterizando relações e saberes, surgem, nas décadas seguintes, na Vila Boqueirão, conjuntos residenciais padronizados e populares, que não se relacionam à produção de uma fábrica – como as vilas operárias – mas à produção descaracterizada de moradias que se destinam a acolher mais migrantes. Surge o conjunto da Cooperativa Habitacional do ABC, com 493 casas

populares, e ruas que recebem nomes das cidades do ABC, como Diadema ou Ribeirão Pires.

Nossas cidades são plenas de relações sociais que aderem a lugares, esquinas, bancos ou praças. Lembranças no longo caminho para o sepultamento da filha de um ano de idade, no apagamento beneditino, na placa comemorativa do cinquentenário, na fábrica que organizava a vida suburbana, nos mistérios em torno do forno circular, preservado e eleito como patrimônio, ou nos conjuntos de moradias repetitivas, já que todas elas surgem como o sentimento de *monumentum* e *patrimonium*. Estas lembranças agem tal como o resgate de um passado; algo que nos conecte e nos faça sentir parte de um elo, não somente da cidade atual, mas parte do fluxo de uma corrente, conduzindo-nos em pertencimento à humanidade.

Preservar, mais do que tomar ou tratar de restaurar – mimetizando edificações passadas – é reconhecer que estes monumentos salvam a humanidade do esquecimento, oferecem um sentido de continuidade da vida. Essa é a noção do monumento como um “universal cultural”, que possibilita a fuga da ação do tempo pessoal e o mergulho em um tempo coletivo. O tempo de uma vida humana é breve demais, mas o da existência em sociedade convida à sensação de

imortalidade, fortalece o pertencimento e o interesse pela manutenção do grupo.

A educação e o reconhecimento do que seria o monumento e o patrimônio são uma dimensão da formação cidadã, cujo principal objetivo é promover a sensibilização sobre a importância do afetivo-sentimental, da sua preservação, e da formação de sujeitos da sua própria história, que atuem na reivindicação de seus direitos coletivos e no fortalecimento desta cidadania, enquanto representantes do interesse coletivo. ■

Referências Bibliográficas

- CARVALHO, Cristina Toledo de. Sociedade Beneficente Brasil Unido: entidade de amparo ao migrante nordestino em São Caetano do Sul. *Trovesia* (Revista do Migrante), n. 71, 2012, p. 91-101.
- GIANELLO, José Roberto. Cerâmica Privilegiada (1913-1919): tecnologia francesa na fabricação de telhas. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 24, dez. 2001, p. 28-30.
- LANGENBUCH, Juergen Richard. Os núcleos de colonização oficial implantados no planalto paulistano em fins do século XIX. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 46, 1971, p. 88-106.
- MARTINS, José de Souza. *A aparição do demônio na fábrica: origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário*. São Paulo: Editora 34, 2008.
- _____. *Diário de fim de século: Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no século XIX*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
- _____. *Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1992.
- NASCIMENTO, Flávia Brito; SCIFONI, Simone. Lugares de memória: trabalho, cotidiano e moradia. *Revista Memória em Rede*, v. 7, n. 13, 2015, p. 069-082.
- NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História* (Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP), v. 10, 1993, p. 7-28.
- SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas F. Dos lugares de memória ao patrimônio: emergência e transformação da problemática dos lugares. *Projeto História* (Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP), v. 52, 2015.

Enrique G. Staschower é arquiteto graduado pela Universidade Braz Cubas, mestre em Culturas e Identidades Brasileiras, pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Membro do grupo de pesquisa CAPES/Mackenzie Arquivo Memória e Cidade. Pesquisador e docente no curso de *Arquitetura e Urbanismo da Fundação Santo André*. É autor dos livros *Arquitetura Brasileira - da Arquitetura Colonial às Divergências no Modernismo e Arquitetura e Urbanismo - Paisagismo de Jardins e Plantas Ornamentais*.

Afinal, os imigrantes bessarabianos do Brasil são russos, romenos ou búlgaros?

Entenda o que foi a província chamada Bessarábia

Jorge Cocicov
Roseli Stainoff
Sonia Dimov

Acervo/ Associação Cultural do Povo Búlgaro no Brasil



Montagem feita por Sonia Dimov, demonstrando a escrita cirílica e a escrita em português da palavra Bulgária

COMPREENDER A REGIÃO DE ORIGEM dos imigrantes búlgaros e gagaúzos bessarabianos implica conhecer um pouco da história dessa região denominada Bessarábia, sujeita a guerras, ocupações e invasões. Destaque-se que a Bessarábia não existe mais, pois, hoje, o território faz parte dos países Ucrânia e Moldávia.

Antigamente, no mapa da Rússia, constava uma região que se chamava Bessarábia, que, depois de inúmeras disputas políticas, devidamente explicadas no decorrer do texto, foi dividida em duas partes: uma tornou-se o atual sul da Ucrânia e a outra, a Moldávia.

Hoje, se procurarmos o termo Bessarábia, praticamente vamos encontrar somente a sua história. Sabendo-se, conforme nos ensina Neide Praça (2016, p. 41), que, outrora, ela correspondia à metade oriental do Principado da Moldávia (1359-1859).

Com o colapso da União Soviética em 1991, a República Socialista Soviética da Moldávia tornou-se território independente, sob o nome de República da Moldávia, limitando-se a oeste com a Romênia e ao norte, leste e sul fazendo fronteira com a Ucrânia. A República da Moldávia mantém duas regiões independentes – a Transnístria e a Gagaúzia.

A Bulgária e a primeira migração - A Bulgária manteve-se sob a autoridade romana de Constantinopla, Império Bizantino, entre 1018 e 1185, quando se torna independente. Em 1393, é dominada pelo Império Otomano, que, por 500 anos, tenta aniquilar sua cultura, religião e costumes, tornando a vida da população intolerável pelo medo constante, pela falta de liberdade civil e religiosa, com impostos insuportáveis. Um deles, o mais cruel, chamado “Imposto



Carteira de habilitação de cocheiro urbano de Julio Dimov, emitida em Santo André, em 4 de abril de 1940

de Sangue”, consistia em meninos adolescentes serem tirados de suas famílias e levados para a Turquia para serem forçados a se converterem ao islamismo e treinados como soldados muçulmanos, ainda mais cruéis que os próprios turcos. Em consequência dessas atrocidades, iniciou-se uma diáspora, com fuga da opressão para garantir a preservação de sua identidade.

A ação russa - Entre 1765 e 1796, a imperatriz russa Catarina, a Grande, iniciou ofensivas contra o Império Otomano, culminando no ataque final do imperador Alexandre, o Gran-

de, em 3 de março de 1878. A Bulgária teve então o apoio necessário para conquistar sua liberdade, que, efetivamente, só ocorreu em 1908.

Há relatos de que 400 mil indivíduos saíram da Bulgária

em êxodo entre os anos de 1806 e 1812, buscando refúgio tanto em territórios russos como no Principado de Walákia, na antiga Moldávia, e depois na Bessarábia (província russa), em consequência da guerra russo-



Grupo de imigrantes reunidos durante almoço realizado em São Paulo, em 2001. Em pé está o casal Gilberto e Maruska Cara. Sentados, a partir da esquerda, vemos: Teodora Paslar, João Paslar, Pedro Ieroski, Demétrio Coev, Julio Dimov, Anna Dimov, Irina Ivanov, Catarina Ialamov e Anna Cara

-turca. Os gagaúzos, que viviam na Bulgária, utilizavam o alfabeto cirílico, mas mantinham cultura, costumes, tradições e idioma próprios e foram perseguidos por professarem a fé cristã. No momento da fuga, acompanharam os búlgaros e buscaram refúgio na Bessarábia e em outras regiões de domínio russo.

A partir de relatos dos refugiados, acredita-se que havia um interesse do Império Russo de povoar a região da Bessarábia, visando impedir o acesso dos turcos ao Mar Negro. A Rússia colaborou para a criação de novas aldeias búlgaras em seu território ao oferecer suporte financeiro e doar terras para o plantio familiar. Cada família recebia 65 hectares. Assim, a Bessarábia foi povoada por refugiados das mais variadas etnias e nacionalidades, como moldavos, judeus, ucranianos, russos, búlgaros, gagaúzos, alemães, ciganos, romenos, cossacos, poloneses, armênios, gregos, entre outras nacionalidades. Como refugiados na Bessarábia, os búlgaros e gagaúzos fundaram aproximadamente 64 aldeias. As mais conhecidas são Conrat, Bolgrad e Tabac.

A segunda migração búlgara - A segunda migração maciça de búlgaros para a Bessarábia e Criméia ocorreu entre os anos de 1828 e 1830. Segundo Stefan Doinov, um dos líderes daquele êxodo, aproximadamente 140 mil pessoas deixaram a Bulgária rumo ao sul da

Bessarábia, dando origem aos povoados e aldeias conhecidos como Iserlia, Glavan, Gulmen, Cuparani, Vaisal, Tvarditza, Hasan-Batâr, entre muitos outros. Estabelecidos na Bessarábia, puderam conviver e experimentar outras línguas e culinária de outros povos. Ainda que vivessem sob forte influência de outras culturas, idiomas, usos e costumes, os búlgaros se esforçavam para perpetuar a memória de sua terra de origem e nunca se esqueceram de suas características e de seus costumes.

Até 1856, a Bessarábia ficou sob o domínio do Império Russo, quando o czar Alexandre II, sucessor de Nicolau I, cedeu seu território ao Principado da Moldávia, tirando da Rússia o controle sobre a foz do Rio Danúbio, e o tratado de paz assinado em Paris desmilitarizou o Mar Negro e o declarou região neutra, autorizando a navegação apenas de navios mercantes. Em 1861, proclama-se a união entre os principados da Waláquia e da Moldávia (a qual pertencia à Bessarábia), oficializando os Principados Unidos da Romênia e/ou Reino da Romênia; porém, em 1878, a Rússia reanexou a Bessarábia, que passou a fazer parte do Império Russo até 1917.

Em 1918, a Romênia invadiu a Bessarábia, subjugando-a e promovendo a “romenização” de seus habitantes, em consequência do desgaste russo com a Primeira Guerra Mundial e as demandas internas da sua própria revolução.

Os romenos impuseram-lhes o seu idioma, além da pobreza aumentar cada vez mais. Embora a terra ainda fosse deles, o que plantavam e colhiam fugia-lhes para as mãos dos romenos. A vida tornava-se cada vez mais precária e o governo da Romênia cada vez mais cruel em relação aos estrangeiros. Os búlgaros estavam cansados de ser convocados pelos exércitos governantes, para guerrear em favor de causas que não lhes diziam respeito. Muitos jovens haviam morrido ao serem convocados, também ao tempo do domínio da Rússia, na Primeira Grande Guerra Mundial.

Emigração para o Brasil - Sabendo da situação difícil da população da Europa Oriental, principalmente da região compreendida pelos Balcãs nas décadas de 1920 e 1930, o Brasil reativou as ações de incentivo à imigração de europeus para trabalhar nas lavouras de café e derrubada de florestas no interior do Estado de São Paulo. Na divulgação desse incentivo, eram valorizados o clima agradável do Brasil, a oferta de moradias gratuitas e terras férteis e, ainda, passagens gratuitas.

Os búlgaros e gagaúzos resistiam à “romenização” e à perda de suas identidades como povo. Em virtude disso, o governo romeno facilitou a saída deles para o Brasil, promovendo, praticamente, uma limpeza étnica.

Poderiam emigrar somente famílias inteiras, entre as quais deveria haver um filho homem, solteiro, com idade entre 10 e 14 anos. Outra regra de que se tem registro é a necessidade de que os emigrantes falassem pelo menos duas línguas, para impedir que o romeno emigrasse. A maioria dos habitantes da Bessarábia era originária de outros povos ou países, consequentemente, falava, no mínimo, três línguas: a sua, o russo e, por último, o romeno.

Nos anos de 1925 e 1926, foi registrado um grande número de emigrantes de origem búlgara e gagaúza para o Brasil, vindos da Bessarábia (dez mil, aproximadamente). Saíam da Bessarábia com destino a Bucareste para regularizar os documentos. Em seguida, encaminhavam-se para os portos correspondentes às suas passagens: Viena, Bremen, Gênova ou Hamburgo.

As viagens duravam aproximadamente 22 dias e não eram nada confortáveis, e o que os marcou pelo resto de suas vidas foi o fato de que seus passaportes foram emitidos pelo Reino da Romênia e, por esse motivo, eram, erradamente, considerados “romenos”, nacionalidade que eles nunca tiveram.

A chegada ao Brasil - Há relatos de imigrantes sobre os inúmeros problemas de comunicação que encontraram ao chegarem ao Brasil. A maioria deles era



Mulheres integrantes da Associação Cultural do Povo Búlgaro do Brasil reunidas durante evento realizado em 26 de outubro de 2019, em São Caetano do Sul. Da esquerda para a direita, vemos: Debora Ivanov, Sonia Dimov, Roseli Stainoff, Maria Dimov, Maria Ângela Ivanov e Ana Maria Barbosa (família Sibov), então presidente da entidade

analfabeta ou era alfabetizada no alfabeto cirílico e, no momento de registro de seus documentos na recepção da imigração, não eram entendidos. Isso gerou a emissão de muitos documentos com nomes errados.

Todos sentiram-se decepcionados e enganados pelo governo brasileiro, pois aos que manifestavam intenção de migrar era dito que receberiam terras para cultivar e que iriam para a América. Eles acreditavam que estavam indo para os Estados Unidos da América e, ao chegarem aqui, surpreendiam-se pelo fato de não ser esse país e por terem de trabalhar como empregados, com um salário muito baixo, e ainda terem de pagar as suas despesas ao patrão. Foi um golpe muito grande para eles, que, além disso, não tinham dinheiro para voltar à Europa, pois a viagem havia sido paga pelo governo. Se quisessem

voltar, deveriam utilizar os próprios recursos.

Sendo assim, pouco a pouco, foram saindo das fazendas e tentando uma forma mais digna de viver, dirigindo-se às cidades e procurando se empregar em trabalhos para os quais já tinham habilidade, tais como: operários na indústria, comércio, carpintaria, serralheria, ferraria, construção, alfaiataria. Enquanto as mulheres empregavam-se nas indústrias de tecido como tecelãs, costureiras, ou confeccionando botões e aviamentos em geral.

Histórico da Associação Cultural do Povo Búlgaro no Brasil - Passados 30 anos da chegada dos búlgaros bessarabianos ao Brasil, após várias tentativas de agregação e organização, no ano de 1956, concretizou-se um sonho dos imigrantes com a criação da Sociedade Cultural Búlgara Bessarabiana.

Seu objetivo era o de promover a união entre suas famílias, preservar as tradições e os costumes, organizar festas típicas, piqueniques, fazer palestras sobre a história e a cultura búlgara e comemorar datas históricas. Tudo com a finalidade de difundir a cultura da origem familiar e nela iniciar seus descendentes brasileiros, voltados, dessa forma, para a parte cultural e recreativa, cuja gestão deveria ser entregue aos filhos brasileiros para atender à exigência legal.

Os pais dessa ideia foram os patrícios Pedro Curalov, Pedro Gaidargi, Geremias Delizoi-cov, João Delijaicov, Felipe Ialamov e Zacharia Custadin, que programaram um piquenique na represa de Guarapiranga, com a finalidade de reunir as famílias para o lançamento da ideia da fundação da entidade corporativa. A convocação foi um sucesso, pois compareceram perto de 300 pessoas de vários bairros da capital e de alguns municípios limítrofes, tais como São Caetano, Santo André e São Bernardo do Campo.

Exposta a ideia da fundação da sociedade e de seus objetivos, circulou um livro de ouro, a fim de angariar fundos. E a receptividade à ideia foi unânime. O estatuto foi elaborado e, dentro dos ditames legais, a diretoria foi eleita por aclamação de todos os presentes na reunião convocada ainda no mesmo ano de 1956, tendo como seu primeiro presidente o brasileiro e advogado Jorge Argachoff.

A circunstância de congregar estrangeiros, em particular de um país do Leste Europeu, cuja política, naquela época, tinha seu esteio no regime comunista, foi o grande obstáculo para sua legalização.

Argachoff, constantemente, era intimado para comparecer às dependências do Departamento de Ordem Política e Social (Dops), sendo recebido pelo seu diretor, Ítalo Ferrigno, e submetido a um verdadeiro interrogatório polialesco, para explicar o porquê da fundação



Passaporte de Vasile Dimov



Matrícula operária de João Dimov, emitida em 24 de abril de 1928, pela Delegacia de São Bernardo

da sociedade; e, verdadeiramente, qual seria o objetivo que se ocultava no sugestivo nome a entremostrear uma finalidade recreativa e cultural, pois o registro civil do estatuto dependia de uma autorização policial.

Criou-se, dessa forma, um impasse. Momento em que os imigrantes deliberaram pela desistência de dar seguimento à fundação oficial e regulamentar da sociedade. Todos os donativos arrecadados foram devolvidos.

Acervo/Sonia Dimov

Acervo/Sonia Dimov

Os imigrantes búlgaros bessarabianos, porém, eram unidos; tanto que, apesar de não estarem agrupados em uma associação oficial, organizaram, em 1957, uma recepção à delegação de futebol da Bulgária, que viera ao Brasil durante os preparativos para a Copa do Mundo, prevista para 1958.

No decênio de 1980-1990, os imigrantes conservaram suas amizades e renovaram o convívio em reuniões e festas organizadas pelo casal Constantino Terzi e Vera Cherov Terzi, as quais aconteciam no salão paroquial da Igreja São José, na Vila Zelina; inclusive com festiva comemoração do cinquentenário da imigração no Brasil, organizada, em 1976, por uma comissão composta por Pedro Terzi, Estefania Terzi, Pedro Curalov, Pedro Stoianov, entre outros.

Passados 70 anos da imigração ocorrida em 1926, Júlio Dimov, outro imigrante idealista, e sua filha, a professora Sônia Dimov, cuja família era moradora de São Caetano do Sul há décadas, conseguiram realizar a comemoração da passagem desse aniversário.

Eles contaram com o estímulo da diretora técnica Midori Kimura Figuti, do Museu da Imigração de São Paulo, e realizaram, de 16 a 31 de maio de 1996, a *Exposição Histórico-Fotográfica da Imigração Búlgara no Brasil*, mais propriamente búlgara bessarabiana, realizada naquele mesmo prédio onde os

imigrantes haviam sido recepcionados e alojados ao desembarcarem de trem, pela primeira vez, vindos dos portos de Santos e do Rio de Janeiro.

Painéis foram montados relatando a história e a origem dessa imigração no Brasil, a qual fora antecedida por outra, quando as famílias moravam na Bulgária, a fim de que emigrassem para a Bessarábia, no fim do século 18 e início do seguinte, a convite do czar da Rússia. Diversos preparativos foram idealizados e concretizados para essa efeméride, e um deles, que desponta como documentário precioso, foi a coleta de depoimentos orais prestados pelos imigrantes.

O setor de história oral do mesmo museu captou uma série desses depoimentos, sob orientação da pesquisadora Sônia Maria de Freitas, em entrevistas com os imigrantes búlgaros bessarabianos: Maria Verchev Rashev, Ana Dimov, Vera Cherov Terzi, Constantino Terzi, Júlio Dimov, Demétrio Coev, Constantino Curalov e André Peticov. Fruto imediato dessa comemoração foi a criação de uma entidade corporativa, mais uma vez sob a inspiração de Dimov.

Entusiasmados com o sucesso dessa rica exposição, foi criada, nesse mesmo ano de 1996, uma entidade corporativa, ainda sob a inspiração de Dimov, oportunidade em que Jorge Cocicov se propôs a elaborar um projeto de estatuto para ela.

O projeto estatutário foi apresentado em São Caetano do Sul, na residência de Júlio Dimov, situada na Avenida Senador Roberto Simonsen, nº 537, no Bairro Centro, a um grupo de imigrantes e seus descendentes. No dia 16 de novembro de 1996, uma assembleia reuniu: Jorge Cocicov, Catarina Paslar, Vera Lúcia Lorenz, Catharina Stoianov Filha, Marucia Victor Santos, Anna Stoianov, Sonia Dimov, Nelson Grecov, Olga Dimov Zanelatto, Catharina Duduchi, Julio Dimov, Maria Dimov e Carlina M. Nicolau.

Sob a presidência de Cocicov, secretariado por Catarina Paslar, após discutido, adaptado e aprovado o estatuto, que foi, posteriormente, registrado no Cartório de Registro das Pessoas Jurídicas, anexo do 2º Cartório de Registro de Imóveis, da Comarca de São Caetano do Sul, e microfilmado sob n.º 21.032, deu-se por fundada a Associação Cultural do Povo Búlgaro no Brasil.

As atividades da associação têm sido intensas no sentido de, cada vez mais, confraternizar com os seus quase 500 associados cadastrados, destacando-se: comemoração do octogésimo aniversário da imigração, na data de 28 de outubro de 2006, condecorando com uma medalha comemorativa os imigrantes vivos; a *Exposição de Arte Eslava*, da artista plástica Ana Maria Barbosa, descendente da família Sibov, com destaque para a arte búlgara,

em 2007; a *Cartilha da Língua Búlgara*, em português, elaborada por Jorge Argachoff, como primeiro passo para a implantação do seu regular ensino, sob os auspícios da associação (registrando-se que com o falecimento desse combativo presidente, a cartilha ficou nas suas primeiras lições e o ensino foi adiado).

A associação, na área cultural, também contou com a colaboração de Jorge Cocicov, que editou três livros que registram uma profunda investigação histórica da imigração búlgara no Brasil, ao lado dos gagaúzos, vindos na mesma época. Os seus títulos são: *Imigração no Brasil – Búlgaros e Gagaúzos Bessarabianos*, publicado em 2005; *Imigração: Búlgaros e Gagaúzos Bessarabianos – “Romanos” – Brasil-Uruguai*, publicado em 2007; e *Imigrantes Bessarabianos – Búlgaros e Gagaúzos (“Romanos”) Bessarábia (Moldávia) – Brasil Uruguai - 1926/2015*, publicado no ano de 2015.

Tais publicações, além de reforçarem o elo com a associação, tiveram o condão de, nos seus memoráveis lançamentos, reunir centenas de imigrantes e familiares, despertando-lhes a vontade e a curiosidade de voltarem-se para a sua própria história e perceberem que, no futuro, eles representarão um repositório de respostas às indagações que os seus descendentes certamente farão sobre suas origens. As pesquisas de Cocicov

As atividades da associação têm sido intensas no sentido de, cada vez mais, confraternizar com os seus quase 500 associados cadastrados (...)

foram consagradas pela Agência Estatal para os Búlgaros no Exterior, por meio da seguinte manifestação de sua presidente, Denitza Hristova: “A sua obra é exemplo de interesse pela memória familiar e a identidade nacional, uma vez que a ligação com os ancestrais é parte inseparável da sensação de pertencer a um grupo bem definido. É uma procura de um jeito para que cada um entendesse a sua

existência, um desejo profundo de se resgatarem, através das tradições, lembranças e cartas, fatos importantes e argumentos para a evolução da vida, dos sonhos e das perspectivas”.

Especial destaque se dá com a instituição do Dia do Imigrante Búlgaro e Gagaúzo, no calendário oficial do município de Ubatuba (SP), consagrando o dia 18 de abril de cada ano para a reverência aos 151 imigrantes búlgaros e gagaúzos, em sua maioria crianças, falecidos na Ilha Anchieta, em 1926, onde se encontravam segregados por terem se revoltado contra o tratamento dado aos imigrantes nas fazendas de café do interior de São Paulo.

No ano de 2017, durante o mês de junho, a associação teve a honra de receber o professor Nicolai Cervencov, sua esposa, Maria Cervencova, a tradutora e intérprete, Maya Daskalova, e Vasil Dimitrov. Professor titular da Universidade da Moldávia, Nicolai Cervencov, também descendente de búlgaros bessarabianos, veio com sua comitiva pesquisar sobre o destino das inúmeras famílias que deixaram a Bessarábia em 1926, devido à dominação romena. Nessa ocasião, visitaram a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, e, sob orientação de Monica Iafrate, realizaram suas pesquisas.

Outro evento promovido pela associação, de grande repercussão social e cultural, foi

a exposição de fotos *O Mundo em Movimento – Imigração Búlgara no Brasil*, em 2019, realizada na Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo, cujo enorme sucesso fez com que fosse replicada, no mesmo ano, na cidade de Ubatuba, em sua Biblioteca Pública Municipal e na Escola Municipal Tancredo Neves.

Anualmente, no dia 27 de outubro, a associação participa ativamente com uma barraca de culinária búlgara, de evento promovido pela Associação dos Moradores e Comerciantes do Bairro de Vila Zelina (Amoviza), que celebra o aniversário de fundação do Bairro de Vila Zelina, e o Dia do Imigrante do Leste Europeu.

Nessa data, e mensalmente, a associação participa com barracas expondo artes plásticas, com obras da consagrada artista plástica Ana Maria Barbosa e objetos artesanais de marchetaria de João Coltacci Filho, ambos integrantes da associação e descendentes de búlgaros bessarabianos.

A diretoria da associação promove reuniões de expediente e dos seus associados em datas festivas, bem como, mensalmente, reuniões virtuais, em uma atividade constante para cumprir os seus objetivos estatutários. A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul recebeu, em doação, todo o acervo das pesquisas feitas por Jorge Cocicov, as quais serviram de fundamento para a elaboração da citada trilogia. A associação e a instituição assinaram, em 13 de julho de 2021, uma parceria que estabelece um convênio que rege a utilização do referido material, bem como a realização de eventos e publicações destinados à divulgação da imigração búlgara e gagaúza no Brasil.

As primeiras famílias que se instalaram em São Caetano do Sul na década de 1930 foram: Alavask, Butxcovar, Dimov (segundo artigo publicado na revista *Raízes* nº 8) e Serchelis (conforme *Raízes* nº 14).

Hoje contamos com a atuação de um de nossos representantes, Maurílio Duduch Silva, neto de búlgaros bessarabianos, na Fundação das Artes de São Caetano do Sul, como professor de Estruturação, de Apreciação Musical e de Flauta Transversal. Silva

participa como flautista em dois grupos: Quinteto Sopro Novo e Les Folies.

Relacionamos as famílias, em número de núcleos familiares, que moraram ou ainda moram em São Caetano do Sul e que atuaram na indústria, comércio e serviços: Alavask (3), Argachoff (3), Arnaut (2), Arabage (2), Atanasov (3), Bolgar (3), Butxcovar (3), Cheban (2), Chevrov (2), Conovalov (2), Constantinov (3), Delic (2), Dimov (3), Grecc (6), Grecov (2), Ialamov (2), Ianov (3), Ivanov (2), Ivanoff (2), Ivanof (2), Kolomietz (2), Lungov (2), Milosev (2), Paslar (2), Petcov (2), Pipiliascov (2), Popov (2), Puliov (2), Peev (3), Staicov (3), Stainoff (3), Stoianov (3), Telpis (2) e Uzun (3).

Nos livros de Jorge Cocicov, citados anteriormente, é possível conhecer as narrativas históricas das famílias: Uzun, Coralov, Ivanov, Atanasov, Bolgar, Carabadjac, Argachoff, Arabage, Arnaut, Conovalov, Petcov, Delic, Lungov, Grecov, Milosev, Dimov e Stainoff.

Atualmente, a associação conta, em sua sede, com livros, filmes e revistas no idioma búlgaro, objetos doados por imigrantes, bem como peças de roupas. Mantém perfis nas redes sociais e o site www.bulgaribrasil.org.br. ■

Referências bibliográficas

- BARRACLOUGH, Geoffrey. *Atlas da História do mundo*. 4ª ed. Editado por Geoffrey Parker. COCICOV, Jorge. *Imigração no Brasil - Búlgaros e Gagaúzos Bessarabianos*. Ribeirão Preto (SP): Editora Legis Summa Ltda., 2005.
JORNAL *Folha de S. Paulo*, 1995.
LEIMOS, Vilma. *Narrar para Não Esquecer* (SP).
POPOV, Nikolas. *Resumo histórico da imigração dos búlgaros através dos séculos*. Texto dactilografado, s/d.
PRÁÇA, Neide de Souza. *Imigrantes da Bessarábia: Jornada em terras tropicais*. São Paulo: All Print Editora, 2006.
Sites:
https://pt.wikipedia.org/wiki/História_da_Bulgária
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bessarábia>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Catarina_II_da_Rússia
<https://www.infoescola.com/idade-media/imperio-bizantino/>
<https://www.infoescola.com/historia/imperio-otomano/>
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bessarabia_ethnograficalmap1919.jpg?uselang=pt
Acessos em 27 de julho de 2018.

Jorge Cocicov

é formado em Direito, com mestrado pela Universidade de São Paulo (USP). Juiz de Direito aposentado é professor universitário e membro da Academia Ribeiraopretana de Letras Jurídicas. É autor de diversas obras sobre a imigração de búlgaros e gagaúzos para o Brasil, entre elas: *Ação de Nunciação de Obra Nova* (2004) e *Vassil, o Imigrante Búlgaro* (em coautoria com M. A. Vazniac).

Roseli Stainoff

é pedagoga, com especialização em Jean Piaget pelo Instituto Sedes Sapientiae. Atuou como coordenadora pedagógica na rede municipal de ensino de São Paulo. É estudiosa e pesquisadora das áreas que abrangem a imigração búlgara e gagaúzo bessarabiana.

Sonia Dimov

é psicopedagoga, pedagoga e professora de Língua Portuguesa e Literatura. É a atual presidente da Associação Cultural do Povo Búlgaro no Brasil.

No tempo das carroças

CAMINHOS DE TERRA E CARROÇAS, carros de boi, charretes e coches. Houve uma época em que São Caetano tinha características rurais e esses eram os meios de transporte utilizados para se cruzar as diversas trilhas que atravessavam a cidade. Estamos falando do final do século 19 e início do século 20, quando as carroças realizavam o transporte de gêneros alimentícios, bebidas, carvão, e outras mercadorias.

Antiga Rua São Caetano, no início do século 20 (atual Avenida Conde Francisco Matarazzo)



Acervo/FPMSCS

Acervo/FPMSCS

Eram os carroceiros que faziam o serviço de “delivery”, entregando mercadorias nas residências da cidade. Para ser cocheiro ou carroceiro, era preciso ter uma carta de habilitação, emitida pela Inspeção de Veículos da Prefeitura Municipal de São Bernardo (lembrando que até 1938 São Caetano era um distrito de São Bernardo). Nomes como Faustino Roveri e Pedro Mazetti estão entre os primeiros carroceiros que atuaram na localidade.

As charretes e os coches eram destinados ao transporte de pessoas. Os coches eram fechados e alguns muito luxuosos. Conta-se que Agostinho Marinotti tinha um veículo semelhante ao utilizado pela rainha da Inglaterra. Outros cocheiros foram Benedito Cavana, Silvério Rodrigues, Antonio Marinotti e José Cardoso. Em meados da década de 1910, começaram a aparecer os primeiros carros de aluguel na cidade. ■

RUAS DE TERRA

Até o ano de 1933, as ruas da cidade não eram calçadas. Foi nesse ano que a Avenida Conde Francisco Matarazzo e as ruas Amazonas e Baraldi receberam calçamento de paralelepípedos.



Habilitação de cocheiro de Angelo Zucato, emitida em 1913 pela Inspeção de Veículos da Prefeitura Municipal de São Bernardo

Acervo José Schneedorf

Estes são meus bisavós. O registro mostra um casal orgulhoso posando para foto na frente de sua casa recém-construída, no Bairro Santa Paula. Suas poses eram, a seu tempo, comemorativas, por terem alcançado, enfim, um lar só seu. O próprio registro fotográfico, então pouco habitual e acessível para famílias imigrantes humildes, demonstra a importância do acontecimento.

Ela era francesa, e ele, tcheco. Theresia e Franz Schneedorf, dona de casa e tapeceiro, vieram da Áustria para o Brasil para tentar reconstruir a vida, após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Estabilizados em São Caetano, em 1928 compraram, por seis contos e setecentos e quinze mil réis, de Gabriel Teixeira de Paula, um terreno bem próximo à Avenida Goiás, localizado na Rua Tiradentes, nº 138. Quase nenhuma construção havia em volta do lote. Em julho do mesmo ano, já estava aprovada a planta e sendo iniciada a obra. Bem simples, a casa tinha dois quartos, cozinha e terraço.

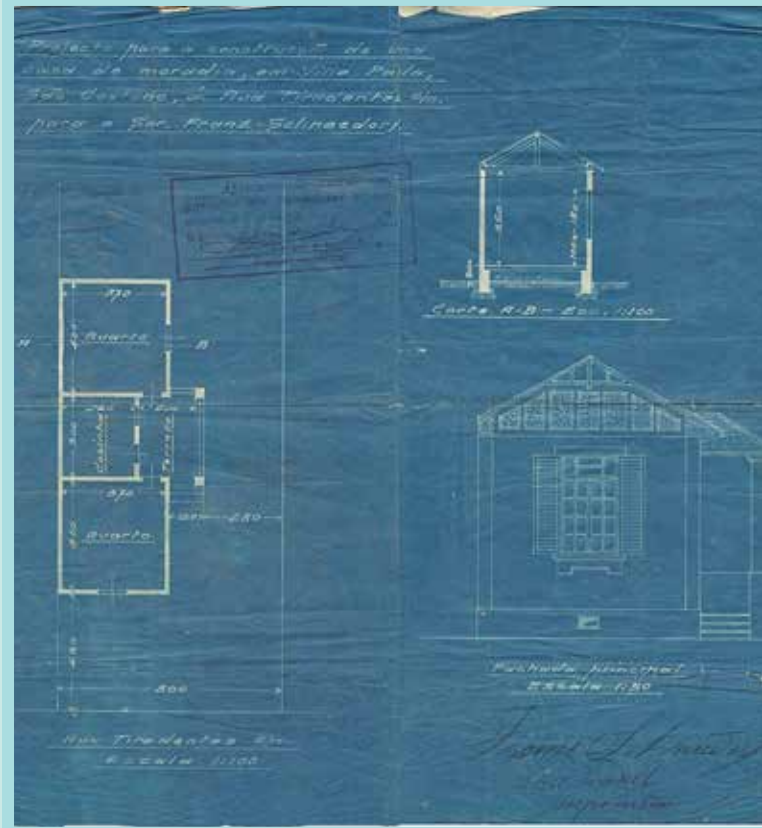
Alois Schneedorf, meu avô e único filho do casal, herdou a casa. Ali morou até o fim de sua vida. Era bastante conhecido nas redondezas, popular pelo seu bom humor e pelo estacionamento que administrou, instalado em parte do terreno – que atendia especialmente o pessoal da General Motors.

A casa passou por reformas ao longo do tempo, estendendo-se para o fundo do terreno. Eu morei no local durante toda minha infância, com meus avós, tio, pais (a primeira geração sul-são-caeta-



nense da família) e irmãos. Nesse período, entre as décadas de 1970 e 1980, ainda permanecia bastante presente a sensação de “colônia”: a vizinha à esquerda era húngara; os casais à direita e à frente, italianos.

Ao lado desses últimos, uma família espanhola. Brincávamos e andávamos de bicicleta com liberdade e segurança pelas ruas do bairro, íamos aos cinemas do Centro (meu avô foi gerente do Cine Primax), e o apito de fábrica, que regulava os turnos de entrada e saída dos trabalhadores da General Motors também norteava nossos horários e hábitos. **(Texto enviado por José Schneedorf)**



Planta baixa da casa de Theresia e Franz Schneedorf, localizada na Rua Tiradentes

Nas imagem da página anterior e na foto superior, Theresia e Franz Schneedorf aparecem nas fachadas da casa. Na foto acima, os moradores estão acompanhados de vizinhos. Fotos de 1928

Fundação de Rotarianos de São Caetano do Sul e Colégio Eduardo Gomes

40 anos de história (1981 – 2021)

PONTO DE PARTIDA - Para entender melhor o ponto de partida do sonho dos homens que idealizaram o Colégio Eduardo Gomes e colocaram em prática suas ideias, voltemos às origens do Rotary International.

Tudo começou com Paul Percy Harris, americano nascido em 1868, no estado de Wisconsin. Formou-se em Direito pela Universidade de Iowa e, já maduro, fixou-se em Chicago, uma cidade com alto índice de corrupção e criminalidade, que experimentava, ao mesmo tempo, um grande crescimento, proporcionando excelentes oportunidades para advogados.

Em Chicago, reuniu-se com três amigos e fundou um clube a ser integrado por homens de negócios, no qual cada atividade

profissional estivesse representada, com o objetivo de trabalhar para assuntos da comunidade. Assim surgiu o Rotary, em 23 de fevereiro de 1905.

Em 1936, Paul Harris esteve em São Caetano do Sul, visitando Armando de Arruda Pereira, então diretor da Cerâmica São Caetano e presidente do Rotary Club de São Paulo, eminente rotariano, que viria a ser o primeiro brasileiro a presidir o Rotary Internacional, na gestão de 1941/1942.

O Rotary em São Caetano do Sul - Em 70 anos de história, desde que aqui foi constituído o Rotary Club de São Caetano do Sul, fundado em 19 de maio de 1951, esteve presente, direta ou indiretamente, em

muitas conquistas e realizações importantes para a comunidade sul-são-caetanense e da região. Podemos citar, por exemplo, a criação da Companhia Telefônica da Borda do Campo (CTBC), a instalação da Biblioteca Pública Municipal Paul Harris, a criação da Casa da Amizade, a participação ativa na campanha McDia Feliz (em parceria com a rede McDonald's), além da instituição e manutenção do Colégio Eduardo Gomes.

O Rotary International e as mulheres - Dadas as mudanças ocorridas no mundo e a inserção do sexo feminino no mercado de trabalho, desde 1989, o Conselho de Legislação do Rotary International aprovou a admissão de mulheres como associadas de Rotary Clubs em todo o mundo. Foi uma decisão feliz, possibilitando aos clubes contarem também com as características e aptidões femininas. Tal fato fez com que seu quadro associativo crescesse ainda mais, permitindo que mais pessoas pudessem utilizar seus talentos para construir um mundo melhor! Logo elas começaram a galgar posições na organização, ocupando funções importantes na estrutura administrativa. Hoje as mulheres representam cerca de 20% dos quadros do Rotary International.

Como surgiu o nome do colégio? -

Em julho de 1981, o Conselho Deliberativo da Fundação de Rotarianos de São Caetano do Sul reuniu-se para referendar decisão do conselho de curadores de criar um colégio denominado brigadeiro Eduardo Gomes. A decisão foi aprovada, e o colégio foi nomeado sem referência à patente.

Eduardo Gomes faleceu em 13 de junho de 1981, em meio às reuniões que levaram à criação da entidade e do colégio, fato que pode ter sido o determinante emocional, além, é claro, da vontade de seus adeptos políticos de homenageá-lo.

Gomes nasceu no Rio de Janeiro, em 1896. Em 1918, era aspirante a oficial na Escola Militar do Realengo. Participou da revolta de 1922, contra a candidatura de Arthur Bernardes, e da Revolução de 1924. Foi o primeiro comandante do Grupo Misto de Aviação, criado em 1931, que, mais tarde, daria origem ao Correio Aéreo Nacional.

Em 1935, participou da resistência aos rebeldes da Intentona Comunista. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), como brigadeiro, foi nomeado comandante das 1ª e 2ª zonas aéreas, tendo hospedado o quartel general do comando da esquadra do Atlântico Sul.

Candidatou-se, em 1945 e em 1950, ao cargo de presidente da República, sem sucesso. Por duas vezes foi ministro da Aeronáutica. Em 1960, foi transferido para a reserva e promovido a Marechal do Ar.

Cronologia dos presidentes do Conselho de Curadores da Fundação de Rotarianos de São Caetano do Sul (Conselho Executivo)

1981 a 1983	João Caparroz Ruiz
1983 a 1987	José Francisco Alves Cruz
1987 a 1989	José Herculano do Amaral
1989 a 1991	Alberto Custódio
1991 a 1993	Roberto Krunfly
1993 a 2001	José Benedito Ramos Prado
2001 a 2004	Luiz Emiliani
2004 a 2007	Amâncio da Cruz dos Santos
2007 a 2013	Juvenal Francisco Cianfarani
2013 a 2018	Charly Farid Cury
2018 a 2021	Vanderlei Antônio Moreira dos Santos
2021 a 2024	Célio Brait Rodrigues



Fachada do Colégio Eduardo Gomes em foto de 1986, quando a sede ficava na Avenida Paraíso

Acervo/Colégio Eduardo Gomes



Unidade da
Rua Nelly
Pellegrino, em
foto de 1997

A concretização de um sonho -

Em geral, as grandes obras nascem do sonho de uma pessoa ou do compartilhamento de uma aspiração de um grupo de pessoas. Com a Fundação de Rotarianos de São Caetano do Sul, criadora e mantenedora do Colégio Eduardo Gomes, não foi diferente. Os integrantes dos clubes de Rotary existentes em São Caetano do Sul, juntos, constituíram a Fundação de Rotarianos, que criou o colégio. O primeiro ano letivo foi o de 1982.

Como ainda não tinha uma sede própria, a escola começou a funcionar nas dependências do Instituto Municipal de Ensino Superior (Imes, atual Uni-



Início das obras da sede atual, na Rua Major Carlo Del Prete. Foto de 2003

versidade Municipal de São Caetano do Sul), na Av. Goiás, nº 3.400, onde permaneceu durante os primeiros anos de existência. Com muita dedicação e trabalho da entidade, em poucos anos, o colégio passou a ocupar um espaço mais amplo, cedido pela prefeitura de São Caetano do Sul, exclusivamente, para seu funcionamento. Em 1986, a escola mudou para a Avenida Paraíso,

nº 600. No ano seguinte, uma nova unidade passou a funcionar na Rua Nelly Pellegrino, nº 444.

Em 2002, ocorreu a compra do terreno da sede própria, na Rua Major Carlo Del Prete, nº 1.120, que passaria a abrigar a escola em 2004, já com os blocos 1, 2 e 3 em funcionamento. No ano de 2010, a escola foi ampliada, com a finalização da construção do bloco 4, que

conta com 12 salas de aula, um pátio, cantina, sala de atendimento pedagógico, sala de multimídia, área para esportes, terraço, espaço de convivência, sala de TI (Tecnologia da Informação) e sala de reuniões.

E o crescimento do colégio não para por aí. Em 2018, é inaugurado mais um bloco, chegando à configuração atual da instituição em um terreno de 8 mil m², com uma área de 17 mil m² de construção.

Que colégio é esse? - Contando com excelentes profissionais, que desenvolvem seu trabalho com competência, comprometimento e afeto, o Eduardo Gomes atende, hoje, cerca de 1.700 alunos, da educação infantil ao ensino médio, em espaços planejados e adequados a cada atividade – quadras e piscina cobertas, academia, laboratórios, biblioteca (com salas de estudo), cozinha experimental, salas multimeios, sala de dança, de judô, de arte, de robótica, de orientação profissional, estúdio de rádio e TV, espaço maker (elétrica, hidráulica, mecânica, marcenaria, corte e costura, programação, etc), restaurante, cantina, refeitório para funcionários, sala de fisioterapia, salas ambientes, salas de aula modernas e equipadas com tecnologia de ponta, salão de festas e auditório (a ser finalizado), além de espaço para o funcionamento do Cel. Lep in School.



Vista aérea do Colégio Eduardo Gomes em 2004

Toda essa estrutura foi sendo construída aos poucos, de acordo com a disponibilidade dos recursos financeiros. Durante esses anos, *pari passu* com a ampliação da estrutura física, o atendimento às diferentes demandas educacionais foi se expandindo e se aprimorando, inclusive com investimentos na formação continuada do corpo docente. O colégio dispõe, desde 2011, de uma escola de atletas, com equipe multidisciplinar composta de professores, técnicos, nutricionista, psicóloga e fisioterapeuta, para acompanhar crianças e adolescentes – atletas – da comunidade escolar e de seu entorno.

O Eduardo Gomes trabalha com formação acadêmica, desenvolvimento de projetos de vida, campanhas solidárias, atividades esportivas e culturais diversificadas e, a partir de

2022, com os diferentes itinerários formativos, obedecendo à legislação que regulamenta o Novo Ensino Médio. Para a consecução desse objetivo, o colégio utiliza, como norteador de seu trabalho pedagógico, o material Anglo, além de ter firmado parceria com o Cel. Lep, com a metodologia Orientação Profissional, Empregabilidade e Empreendedorismo – Leo Fraiman (Opee), com o projeto *Semente* e com a *Gemium High School*, para dupla certificação – além do diploma brasileiro do ensino médio, um diploma de *high school* norte-americano, reconhecido pelas universidades americanas.



Para finalizar - Nesses 40 anos, ocorreram mudanças profundas no mundo e nas relações humanas. A cada dia, surgem novos desafios e, diante desse cenário que se transforma rapidamente, o lema do Colégio Eduardo Gomes continua muito atual: “Compromisso de educar para transformar”.

Fiel aos valores que pratica – ética, humanização, confiança, responsabilidade, compromisso social e sustentabilidade - o Eduardo Gomes se adapta às novas demandas da sociedade e se moderniza para colocar em prática, a partir de 2022, um novo ensino médio, em consonância com a legislação vigente e com os anseios dos jovens.

O Colégio Eduardo Gomes se baseia no lema do Rotary: “Dar de si, antes de pensar em si”, buscando proporcionar bem-estar a toda a comunidade escolar e procurando deixar sua marca em cada um dos alunos, em seus familiares e nos colaboradores que fizeram e/ou fazem parte de sua história.

A dedicação e o comprometimento de cada conselheiro da Fundação de Rotarianos de São Caetano do Sul e de todos os colaboradores levaram o Colégio Eduardo Gomes a grandes conquistas. **(Equipe Colégio Eduardo Gomes) ■**

Vista aérea do Colégio Eduardo Gomes atualmente. Terreno de 8 mil m², com área construída de 17 mil m²

Equipe diretiva do Colégio Eduardo Gomes

Diretora geral
Prof^a Janice Aparecida Guizelini

Diretora Pedagógica
Prof^a Filomena Maria Fieri

Diretora de Esporte e Cultura
Prof^a Renata Trevelin

Vice-diretora
Prof^a Maria da Penha Tessarini Rodrigues

Um passeio pelas ruas de São Caetano do Sul

☰ Cristina Ortega

A CIDADE DE SÃO CAETANO DO SUL possuiu muitas ruas cujos nomes foram substituídos ao longo do tempo. E as mudanças ocorreram por diversas razões. Inicialmente, algumas ruas foram nominadas pelos próprios moradores, quando era habitual indicá-las por uma característica do lugar ou até por ser conhecida por causa de um morador local, como a rua da dona Bruna ou a rua onde vive a dona Josefina.

As chácaras também eram indicativos de localização, pelo nome do proprietário ou pelo que ele vendia. Outra razão das muitas mudanças dos nomes das ruas foi a emancipação de São Caetano, em 1948. Diversas modificações se fizeram necessárias na estrutura política e adminis-

trativa do novo município nos primeiros anos de sua autonomia, e muitos logradouros passaram a homenagear os italianos chegados ao Núcleo Colonial de São Caetano em 1877, na primeira leva de imigrantes. A lei nº 525, de 15 de março de 1955, autorizava o poder Executivo a dar a denominação de vias públicas a serem oficializadas os nomes dos “fundadores do município de São Caetano do Sul”. Constam nesta lei nomes como Antonio Garbellotto, Francisco Fiorotti, Emílio Rossi, entre outros.

O jornalista Humberto Pastore, em matéria que escreveu para o *Jornal de São Caetano*, em 1986, conta que recebeu de moradores antigos informações sobre os nomes de algumas ruas,

curiosidade como esta, assim narrada por ele:

“Rua Flórida – Fica no bairro Barcelona e segundo nos contou o comerciante Vicente Castelhana, no ano de 1975, a rua Flórida ganhou este nome devido a um fato inusitado. É que por ali existiam muitas chácaras, plantações e animais. Eram normais se ver carneiros, cavalos, cabritos, porcos e vacas. Próximo onde hoje temos a Praça dos Expedicionários morava um casal idoso de espanhóis, donos de uma vaca que ficava sempre pastando por ali. E sabem o nome da vaca? Era Florida. Sem o acento agudo. A vaca ficou tão famosa que todos ao citar o local diziam: É lá na Estrada da vaca Florida. Com o tempo encurtaram e hoje a rua é chamada por Flórida”.

Muitas ruas foram formadas e designadas com um determinado nome e depois a denominação foi alterada, até por mais de uma vez. Citaremos apenas algumas delas, das inúmeras que sofreram mudança, de acordo com matéria publicada no *Sancaetanense Jornal*, em 26 de julho de 1986. O texto apresenta uma relação de ruas com seus nomes que possuíam na época de tal publicação e as denominações anteriores, conforme dados informados pelo setor de cadastro da prefeitura municipal. Seguem alguns logradouros:



Rua Lemos Monteiro – Avenida Ariranha

Rua Bom Pastor – Rua Buenos Aires

Rua José Benedetti – Rua Projetada – Rua Santa Tereza - Rua Minas Gerais

Rua Oswaldo Cruz – Rua Júpiter – Rua Cabo Frio – Rua PR5

Av. Dr. Augusto de Toledo - Rua Lina – Rua Saladino Franco - Rua Morumbi

Rua Mal. Deodoro - Rua Saldanha da Gama - Rua Américo

Rua José Paolone – Rua Bruna

Rua Arlindo Marchetti – Rua Beatriz – Rua 2 – Rua Tapajós Rua Retirada da Laguna

Rua Tiradentes – Rua Ribeiro de Barros

Rua Teodoro Sampaio – Rua Paraná – Rua José Primo

Rua Amazonas – Rua Virgílio Rezende

Rua Baraldi – Rua Mato Grosso – Rua Luiz Baraldi

Estrada das Lágrimas – Estrada Velha de São Paulo - Estrada dos Meninos - Estrada para Santos

Rua Floriano Peixoto – Rua Polysu - Rua Brasília

Rua Gonzaga – Rua Ipú

Caso interessante foi o que ocorreu com a antiga Rua Ruy Barbosa, no Bairro da Fundação (atualmente existe outra Rua Rui Barbosa no Bairro Santo Antonio). Essa via, anteriormente chamada de Rua Um, ligava a Rua Mariano Pamplona à ponte do Rio Tamanduateí. A lei nº 161, de 27 de outubro de 1913, a denominou Ruy Barbosa.

Em 1939, ela desapareceu, sendo incorporada pelas Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo, na época, no auge de seu desenvolvimento. A fábrica, que avançou sobre a antiga rua, comprando todas as suas casas e terrenos, fez uma permuta com a prefeitura de Santo André.

Na década de 1970, o então prefeito Oswaldo Samuel Massei sancionou leis alterando a denominação de inúmeras ruas, principalmente as situadas na antiga Vila Residencial do BNH, depois chamado de Conjunto Residencial Bandeirantes, no Bairro Mauá. Essas ruas não tinham nome, eram apenas numeradas. Os nomes escolhidos foram de ilustres cidadãos sul-são-caetanenses. Exemplo é o de João Relá (antiga Rua 1.333), pessoa muito conhecida e querida na cidade, tendo sido, inclusive, durante muitos anos, juiz de Paz do município. A antiga Rua 667 recebeu o nome de Antonio Marino Morelato, dentista morto ainda jovem na década de 1950.



Octávio Hidelbrand, ilustre funcionário da justiça de São Caetano do Sul, deu nome à Rua 1.303. A Rua dos Castores, que remete ao Clube dos Castores, formado por jovens do Lions Clube, era, anteriormente, a Rua 1.326. E assim aconteceu com diversas vias: a Rua 1.334 virou João Semenoff, e a 1.304 transformou-se em Raimundo Maffei. As denominações utilizando nomes de figuras conhecidas na cidade resolveu sérios problemas de identificação do bairro, na época já populoso.

Algumas ruas de São Caetano destacam-se pela peculiaridade de seus nomes, como é o caso das vias do Bairro Prosperidade, designado assim pelos próprios loteadores, com suas ruas circulares em torno da Praça da Riqueza. Os nomes das ruas se referem a pedras e metais preciosos, como safira, turmalinas, platina, pérolas, coral, ouro, cristais, diamantes, berilos, bem como aos minerais níquel, urânio, rádio, mercúrio e lítio.

Outros bairros homenageiam os Estados brasileiros, como as ruas São Paulo, Goiás, Ma-

Na década de 1970, o então prefeito Oswaldo Samuel Massei sancionou leis alterando a denominação de inúmeras ruas, principalmente as situadas na antiga Vila Residencial do BNH, depois chamado de Conjunto Residencial Bandeirantes, no Bairro Mauá.

ranhão, Piauí, Espírito Santo, Amazonas, Rio de Janeiro, Paraíba, Alagoas, Pará, Tocantins, Santa Catarina, Pernambuco, Bahia, Acre, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Paraíba e Sergipe, sendo a maioria delas localizada nos bairros Santa Paula e Santo Antonio.

Muitas ruas homenageiam figuras ilustres locais, famílias que deram origem à cidade e a sua construção, tais como José Benedetti, Luís Cavana, Guido Aliberti, José Paolone, Archinto Ferrari, Francesco De Martini, Antonio Galo, Arlindo Marchetti, Antonio Martorelli, Giacomo Dalcin, João Molinari, Nelly Pellegrino, Pedro José Lorenzini, João Nicolau Braido, entre outros.

Pouco conhecidas, mas que participaram do desenvolvimento da cidade, pessoas simples tiveram seus nomes em ruas, como o do pedreiro Amadeu Vezzano, que trabalhou na construção da Igreja Matriz Sagrada Família entre 1933 e 1938, cuja rua se encontra no Bairro Mauá. Famosa pelo seu forte comércio no Bairro Centro, a Rua Mano-

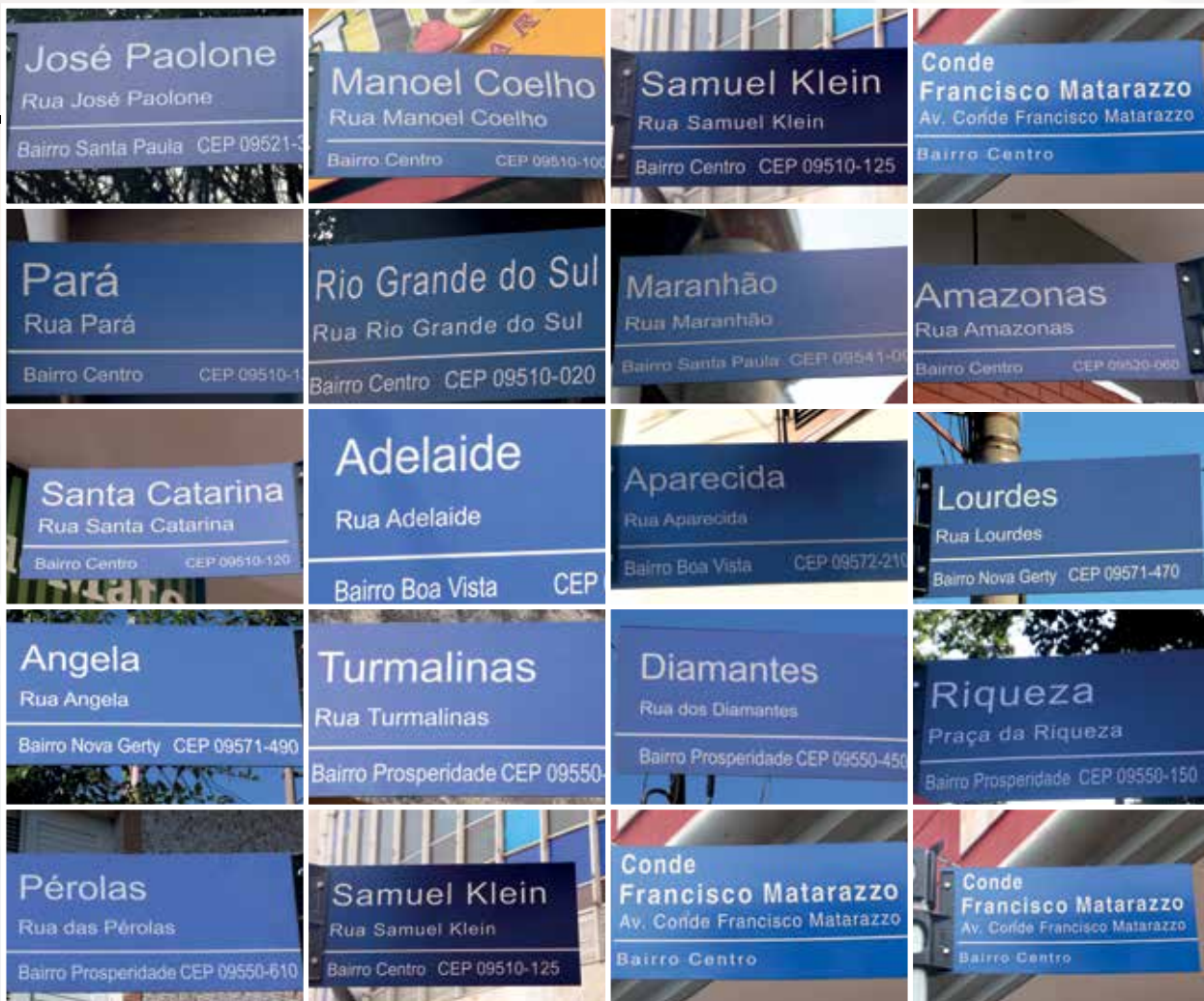


Foto: Antonio Reginaldo Coimbra

el Coelho leva o nome de um grande corretor de imóveis dos bairros Barcelona e Santa Maria, que transformou inúmeras chácaras em lotes para a venda, no início do século 20.

Há também ruas com apenas o primeiro nome de mulheres, desconhecidas na história da cidade, mas que imaginamos que deveriam ter sido importantes e conhecidas nos seus bairros, em alguma época. São elas: Aparecida, Lourdes, Ângela, Adelaide, Matilde, Margarida, Ada, Luíza, Frieda, Dora, Erna, Antonieta, Sílvia, Domitila, Maria Teresa, Ana Maria, Rosa, Maria, a maioria delas no Bairro Nova Gerty.

Figuras históricas brasileiras das áreas cultural, musical e política também são homenageadas com seus nomes nas ruas de São Caetano, tais como Villa Lobos, Carmem Miranda, Carlos Gomes, Noel Rosa, Monteiro Lobato, José de Alencar, Olavo Bilac, Graciliano Ramos, Padre Anchieta, Machado de Assis, Duque de Caxias, Tiradentes, Fernão Dias, Anita Garibaldi, João Ramalho, Barão de Mauá, Campos Sales, Clóvis Beviláqua, Senador Fláquer, Cardeal Arcoverde e Fernando Simonsen, entre outros nomes notáveis.

São Caetano do Sul tem cerca de 1.600 ruas, distribuídas em 15

bairros, em uma área de 15.331 km². Hoje todos os cruzamentos são emplacados com o nome da rua, bairro e o CEP e suas ruas, todas pavimentadas. São ações da administração que visam ao bem-estar da população de cada bairro e que dão à cidade facilidade de locomoção e um aspecto de modernidade, fazendo jus ao título de cidade com melhor índice de qualidade de vida. ■

Cristina Ortega é pedagoga e advogada. Atualmente é assessora de difusão cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, atuando na área de pesquisa, e membro de sua Comissão Editorial. É organizadora do livro *São Caetano em Crônicas*, editado em 2018 pela Fundação Pró-Memória.

Cristina Toledo de Carvalho

Casa do Artesão comemora duas décadas de atuação em São Caetano do Sul

“Fazer artesanato é transformar a matéria e tocar a alma.”

EM 2001, São Caetano do Sul encontrava-se diante dos desafios impostos pelo mundo globalizado, dominado por grandes blocos econômicos e por uma sofisticada tecnologia, responsável pelo surgimento de novos parâmetros comportamentais na sociedade. Ao mesmo tempo que esse quadro conjuntural exigia de governantes e lideranças políticas dos quatro cantos do planeta um posicionamento capaz de bem gerir as contingências do início do século 21, a urbe sul-são-caetanense acumulava honrarias e prêmios advindos de organismos nacionais e internacionais. As realizações empreendidas pelo poder público local em âmbitos considerados essenciais à promoção da

qualidade de vida da população foram determinantes para que o município obtivesse o título de cidade brasileira com o melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o qual fora concedido pela Organização das Nações Unidas (ONU).¹ No decorrer dos anos 2000, São Caetano sustentaria os indicadores sociais que lhe conferiram essa privilegiada posição.

Foi nesse cenário que a Casa do Artesão surgira na cidade, sendo idealizada na administração do prefeito Luiz Olinto Tortorello, então em seu terceiro mandato (2001-2004), como uma iniciativa “de combate ao desemprego e geração de receita ao município”² que apregoa a valorização daqueles que se

dedicam à confecção de objetos artesanais. Sua criação pode ser concebida como um marco na área, uma vez que fornecera visibilidade e condições de articulação aos artistas locais, que, assim, passaram a usufruir de um espaço destinado, exclusivamente, à exposição e comercialização de suas criações, atestando o pioneirismo da proposta no município.

Antes do advento da Casa do Artesão, os grupos citadinos que se ocupavam das artes manuais contavam, para fins de representatividade, com a Associação dos Artesãos de São Caetano (Artesc), cuja data de abertura remonta ao dia 31 de janeiro de 1993. Em tempos idos, o artesanato na cidade tinha no



Feira de artesanato no antigo Jardim Público Primeiro de Maio



O artesão Arlindo Ferreira da Silva, em foto de 1982. Ao lado de outros artífices, comercializava suas peças na região central da cidade. Na época, o comércio ambulante era, com as feiras de artesanato, a principal forma de expressão e divulgação dos trabalhos desse grupo de artistas na localidade

comércio ambulante verificado nas imediações das estações ferroviária e rodoviária e em feiras realizadas em logradouros locais a sua principal forma de expressão e divulgação.

Entre tais feiras, merece destaque a do Lero, que se tornou bastante popular frente a artistas expositores da localidade e ao público em geral. Em 1989, ano no qual fora projetada, funcionou em três lugares distintos: Bairro da Fundação, antigo Paço Municipal (Avenida Goiás, nº 600) e junto à antiga Concha Acústica, ao lado do citado paço. Ocorria aos domingos, entre 10 e 17 horas, com uma variedade de artigos artesanais comercializados por mais de 60 barracas. De acordo com uma reportagem do *Sancaetanense Jornal*, publicada no dia 15 de julho de 1989,

cerca de duas mil pessoas já tinham prestigiado a feira,³ que, na ocasião, estava apenas com dois meses de atividades.

Além da Feira do Lero, os meios de difusão do artesanato na cidade resumiam-se, ainda que dispersamente, à iniciativa privada, englobando o pequeno comércio, bem como oficinas e ateliês, que ofertavam cursos, sobressaindo-se os de pintura em materiais como gesso, tecidos, cerâmica, cortiça, *vitraux*, entre outros.⁴

Instalada na região central de São Caetano, mais precisamente em um imóvel situado na Rua Pará, nº 88 (esquina com a Rua Rio Grande do Sul), o qual servira, no passado, de sede para a

Associação Cultural Recreativa e Esportiva Luiz Gama, importante agremiação sul-são-caetanense surgida no início da década de 1960, a Casa do Artesão tornou-se referencial para os artistas da cidade. Em 2002, foi incorporada, por força do decreto nº 8.441, de 22 de março daquele ano, à estrutura organizacional do então Departamento de Educação e Cultura (Depec).

Atualmente vinculada à Secretaria Municipal de Cultura (Secult), a entidade recebera a denominação de Casa do Artesão Reinaldo Joaquim Gomes por meio do decreto municipal nº 8.301, de 2 de agosto de 2001. Ao longo dos anos, suas ativida-

des sofreram incremento e expansão. Em 2003, o decreto nº 8.828, de 10 de dezembro, instituiu a feira permanente de artesanato no Espaço Verde Chico Mendes, com realização prevista para os sábados, domingos e feriados, “sob a supervisão e gerenciamento da Casa do Artesão (...),” a ela competindo, na época, dispor sobre a localização de até 68 barracas, com gratuidade aos expositores.⁵

Tendo, em 3 de abril de 2019, o seu nome alterado para Feira Permanente de Artesanato e Gastronomia de Culinária Tradicional ou Receita de Família,⁶ a cargo da Secretaria Municipal de Cultura, a iniciativa continuou sendo um canal importante de apoio e diálogo junto a artífices da localidade. Aproximadamente 250 deles encontram-se cadastrados na Casa do Artesão. Contando com uma variedade de mais de cinco mil itens, que vão de panos de prato e toalhas de mesa a esculturas, porcelanas, velas e telas,⁷ o espaço cumpre, a contento, a finalidade para a qual foi criado em 2001: a do fomento à produção local das artes manuais. Entre os artistas que lá expõem seus artigos, o sentimento é de reconhecimento e gratidão. Para Luiz Carlos Albuquerque, detentor do registro de número um na Casa do Artesão, o local é o seu cartão de visita. Projetista de profissão e enxergando no

Contando com uma variedade de mais de cinco mil itens, que vão de panos de prato e toalhas de mesa a esculturas, porcelanas, velas e telas, o espaço cumpre, a contento, a finalidade para a qual foi criado em 2001: a do fomento à produção local das artes manuais.

artesanato uma espécie de *hobby*, ele ressalta: “Já mandei material para Minas Gerais, para revenda, tudo via Casa do Artesão. Se não tivesse minhas peças ali, ninguém saberia quem é o Luiz.”⁸

Márcia Marcão também reconhece a importância da instituição. Há mais de 12 anos expondo no espaço, faz questão de enfatizar que a Casa do Artesão teve um papel decisivo para a consolidação de sua carreira no segmento do artesanato.



Feira do Lero, no início de suas atividades, em maio de 1989, no Bairro da Fundação



Inauguração da Casa do Artesão, no dia 11 de agosto de 2001. Ao centro, o então prefeito Luiz Olinto Tortorello



Aspecto interno da Casa do Artesão, com diversos produtos expostos. Foto de 6 de agosto de 2003

Edifício onde se encontra sediada a Casa do Artesão, na esquina das ruas Pará e Rio Grande do Sul, no centro da cidade. Foto de 1º de setembro de 2021



Fachada da Casa do Artesão em 2002

Notas

¹PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. *Inclusão social em São Caetano do Sul*, São Caetano do Sul, p. 4, 2002.

²Ibidem, p. 12.

³CONCHA Acústica abriga a primeira Feira do Lero. *Saocaetanense Jornal*, São Caetano do Sul, ano VIII, n. 323, p. 2, 15 jul. 1989.

⁴CARVALHO, Cristina Toledo de. Espaços de arte na cidade. *Relances de inspiração e memória. Raízes*, São Caetano do Sul, n. 51, p. 29-35, jul. 2015, p. 30.

⁵PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. *Decreto Municipal 8.828*. São Caetano do Sul, 10 dez. 2003. Disponível em: <http://administracaoeb.saocaetanodosul.sp.gov.br/upload/legislacao/5882.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2021.

⁶PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. *Decreto Municipal 11.402*. São Caetano do Sul, 3 abr. 2019. Disponível em: <http://administracaoeb.saocaetanodosul.sp.gov.br/upload/legislacao/34838.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2021.

⁷PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. Casa do Artesão. São Caetano do Sul, 1 jan. 2021. Disponível em: <https://www.saocaetanodosul.sp.gov.br/page/casa-do-artesao>. Acesso em: 23 ago. 2021.

⁸Citado por PARMEZANI, Eliane. Casa do Artesão comemora 20 anos com café da tarde aos membros mais antigos do estabelecimento. São Caetano do Sul, 10 ago. 2021. Disponível em: <https://www.saocaetanodosul.sp.gov.br/post/casa-do-artesao-comemora-20-anos-com-cafe-da-tarde-aos-membros-mais-antigos-do-estabelecimento>. Acesso em: 23 ago. 2021.

⁹Citado por PARMEZANI, Eliane. Com artigos produzidos por profissionais locais, Casa do Artesão e Feira de Artesanato de São Caetano são opções de compras para o Dia das Mães. São Caetano do Sul, 6 mai. 2021. Disponível em: <https://www.saocaetanodosul.sp.gov.br/post/com-artigos-produzidos-por-profissionais-locais-casa-do-artesao-e-feira-de-artesano-de-sao-caetano-sao-opcoes-de-compras-para-o-dia-das-maes>. Acesso em: 24 ago. 2021.

O PATRONO

Reinaldo Joaquim Gomes foi um comerciante do Bairro Nova Gerety. A ele coube o erguimento de um dos mais antigos e tradicionais estabelecimentos da cidade, na Rua Visconde de Inhaúma, em frente à Praça da Figueira: a Relojoaria Gomes. Em reconhecimento ao empenho que dedicara ao desenvolvimento do comércio sul-são-caetanense, teve o seu nome dado à então nascente Casa do Artesão, por meio do decreto municipal nº 8.301, de 2 de agosto de 2001.

“Quando comecei a expor (...), as pessoas ficaram conhecendo o meu trabalho e isso impulsionou meus rendimentos. Hoje o artesanato é a minha profissão, a minha fonte de renda.”⁹

Sob a coordenação de Fátima Francisca Singh, a Casa do Artesão vem conseguindo superar as adversidades provenientes da pandemia do novo coronavírus com a mesma versatilidade e comprometimento de 20 anos atrás, quando despontara no cenário da cidade. ■

Cristina Toledo de Carvalho historiadora, mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e doutoranda junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em História desta universidade. É autora do livro *Migrantes amparados: a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto a nordestinos em São Caetano do Sul (1950-1965)*, publicado em 2015 pela Fundação Pró-Memória, onde atua como assessora de difusão cultural na área de pesquisa histórica. É também representante da instituição no Grupo Temático História e Memória, do Consórcio Intermunicipal Grande ABC.

O Clube Esportivo Caça e Pesca de São Caetano do Sul:

esporte e lazer em meados do século 20

Márcia Gallo

ATÉ O INÍCIO DO SÉCULO 20, cerca de três décadas após a chegada da primeira leva de imigrantes italianos ao Núcleo Colonial de São Caetano, o cotidiano das pessoas resumia-se ao enfrentamento das dificuldades encontradas, relativas à sobrevivência. Havia a difícil adaptação ao trabalho em terras pouco produtivas e a ocorrência de doenças e mortes, o que conduziu à criação de duas organizações com o objetivo principal de cuidar dos doentes e dos mortos: a Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli, em 1892, e a Sociedade Beneficente Internacional União Operária, em 1907. O registro de atividades de esporte e lazer, no então distrito fiscal de São Caetano (pertencente ao município de São Bernardo) do início do século 20, de forma organizada em clubes e associações, tem início na década de 1910, com a fundação do São Caetano Esporte Clube em 1º de maio de 1914. A principal atividade desse clube foi o futebol, esporte em que a agremiação se destacou e chegou a disputar a primeira divisão do Campeonato Paulista de Futebol nos anos de 1935 e 1936. A sede do clube oferecia inúmeras atividades, além do futebol, pois programava festas e bailes famosos nessa década e nos anos seguintes.

Arquivo/Sônia Aparecida Denadai

Victor Miguel Denadai e o amigo Nandico durante viagem para caça amadora. Foto da década de 1970



A primeira metade do século 20 foi pródiga na fundação de instituições e associações destinadas à cultura, ao esporte e ao lazer em São Caetano, algumas delas ainda em funcionamento. Equipes esportivas disputavam campeonatos importantes; as peças teatrais e apresentações de ginástica eram levadas a outras cidades da região. Podemos citar o General Motors Esporte Clube, em 1935, e o Clube Comercial e a Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acascs), na década de 1950.

O Clube Esportivo Caça e Pesca de São Caetano do Sul, entidade diferenciada dos demais clubes por seus objetivos, e presente por mais de duas décadas na cidade, foi objeto de uma das obras de Nicola Perrella – *De Caça e Espingarda* –, da qual reproduziremos alguns trechos. Outros dados foram obtidos em entrevista com Sonia Aparecida Denadai, filha de Victor Miguel Denadai, um aficionado pelo esporte da caça e pesca e membro do clube.

Caça e pesca como esporte - A legislação sobre a classificação do uso de armas para caça ou esporte no Estado de São Paulo data de 1935 e teve pequenas modificações ao longo das décadas, apenas com relação à importação dessas armas.

O decreto nº 6.911, de 11 de janeiro de 1935, assinado pelo interventor federal no Estado de São Paulo, Armando de Salles



Denadai (o segundo, a partir da direita) com os amigos Carvalho e Gabriel Mayer (à esquerda), em foto da década de 1960

Oliveira, aprovava o regulamento para fiscalização de explosivos, armas e munições, fazendo menção às armas de caça ou esporte. Somente as pessoas devidamente licenciadas poderiam praticar o esporte da caça, e isto unicamente nos lugares, no tempo e na forma determinados pelas leis e regulamentos respectivos.

Artigo 47 – A licença para porte de armas de caça ou esporte será concedida mediante requerimento dirigido ao Superintendente da Ordem Política e Social com prova de que o interessado obteve licença para caçar e não tem contra si qualquer das condições a que se refere o Parágrafo único do artigo 17.

Artigo 48 – As licenças para porte de arma de caça serão válidas durante o ano civil em que tenham sido concedidas, ficando os portadores com o direito de as revalidarem.¹

As licenças para porte das armas de caça deveriam ser pagas e, na tabela anexa ao decreto, lê-se o valor das taxas: “Licença para trânsito com armas de caça: pela 1ª arma, 25\$000; por cada uma que acrescer, 5\$000”. Concluindo-se que era uma atividade regulamentada e controlada pelo poder público. Também havia o *Código de Caça e Pesca*, que deveria ser obedecido.

A caça e a pesca eram atividades rotineiras no passado, com o objetivo de complementar a alimentação, como comenta a professora aposentada e hoje artista plástica Sonia Aparecida Denadai, que ouviu de seu pai os relatos sobre o Córrego do Moinho e o riacho Tijucusu, onde as pessoas pescavam. Nessas áreas também caçavam aves, como codornas, saracuras e jacus, e outros animais, como cotias e pacas.



Organização dos itens para viagem de caça amadora. Víctor Denadai aparece à esquerda

Abaixo, carteirinhas de Víctor Miguel Denadai: a de caçador amador, emitida pelo Instituto Brasileiro do Desenvolvimento Florestal, e a do Clube Piratininga de Tiro, ambas emitidas em 1972

Os estatutos do Clube Esportivo Caça e Pesca de São Caetano do Sul foram oficialmente aprovados na assembleia extraordinária do dia 25 de julho de 1955. Nessa data, também foi eleita a diretoria do clube, tendo como presidente Nicola Perrella e como vice-presidente, Santos Parra. A diretoria tinha mandato de dois anos, os associados e associadas deveriam ser moradores de São Caetano e maiores de 18 anos. No entanto, menores de idade também podiam se associar com o aval de um responsável maior.

Primeira diretoria do Clube Esportivo Caça e Pesca de São Caetano do Sul

Presidente	Nicola Perrella
Vice-presidente	Santos Parra
2º Vice-presidente	Hugo Scalzaretto
Secretário	Zelindo Borelli Netto
2º Secretário	Ricardo Lovatto
Tesoureiro	Flávio Salles Penteado
2º Tesoureiro	Gabriel Maier

Conselho Deliberativo	Comissão de Sindicância
Manoel Ferreira	Fioravante Mosca
Angelo Cavana	Serafim Flosi
Diano Martorelli	Elizeu de Barros Pinto
Ettore D'Agostini	Lafaiete Moreira de Carvalho
Vergílio Lazari	
João Molinari	
João B. Close	

Diretor Social
Antonio Jurado Luque

Conselho Fiscal
Serenio Gaspari
José Heronides da Silva
José Francisco Boteon
João Cavana

Diretor Técnico
Santos Parra



Dos estatutos reproduzimos o artigo 2º, que trata do objetivo do clube:

Art. 2º - O Clube tem por objetivo: promover distrações esportivas e recreativas, compreendendo-se, a prática de jogos de “boccie”, e esporte de “tiro ao pombo”, tiro ao alvo, tiro ao voo etc., piqueniques e excursões campestres, jogos de salão e carteados permitidos por Lei, bem como, organização para excursões de caçadas e pescarias dentro do seu respectivo tempo de conformidade com o Código de Caça e Pesca.

Victor Miguel Denadai era um dos sócios do clube. Nasceu em São Caetano no dia 8 de maio de 1933. Autodidata, foi metalúrgico durante 20 anos, chegando à posição de chefe da linha de montagem de motores da Willys-Overland do Brasil, e trabalhou na empresa Bordaco, onde realizava manutenção de geradores em hospitais e até em plataformas de petróleo. Casou-se na Igreja Matriz Sagrada Família, em 18 de dezembro de 1954, com Aparecida, e o casal teve três filhas: Sonia Aparecida, Dora Aparecida e Floripes Aparecida. Denadai aprendeu a caçar com o pai, Victorio Denadai, o que acabou se tornando seu hábito de lazer favorito. Victorio era o sócio número 294 do clube, e Denadai era o mais jovem dos associados.

Nicola Perrella escreveu sobre a importância dos clubes de caça e pesca, na época:

Numa forma geral, os Clubes de Caça e Pesca, dentro dos seus princípios têm essa finalidade, a finalidade de orientar os seus associados, em todas as questões da arte de caçar e pescar, especialmente o respeito do tempo das posturas, ou da pro-criação.

Se assim determina o Departamento da Divisão de Caça e Pesca, é porque em suas estâncias experimentais concretizou-se o tempo certo das posturas para a reprodução.

Assim neste particular, todo o caçador aprimorado desde a manutenção de sua arma de caça, do seu cão e apetrechos, também se aprimorará entrosadamente com respeito à caça a ser abatida, do contrário seria um matador da caça e não um esportista da cinegética.²

Esses homens eram chefes de famílias que tinham relações de amizade, de vizinhança e de compadrio entre si, pois as famílias eram muito amigas. Havia uma prática que era de treinar os cachorros perdigueiros para a caça, o que era feito em áreas de mata. Sonia Aparecida relembra as muitas vezes em que a família acompanhava Denadai a locais como Ferraz de Vasconcelos, Mauá e Ribeirão Pires, onde eram feitos pique-

niques, enquanto o pai treinava os cachorros.

A participação de Denadai e dos companheiros era realizada em duas frentes: as caçadas e pescarias pelo Estado de São Paulo e Estados próximos, como Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás; e a participação em campeonatos de tiro.

As caçadas eram programadas para o mês de maio de cada ano, quando a maioria dos amigos caçadores tiravam férias e passavam o mês inteiro fora de São Caetano. Os meses de novembro e dezembro eram de reprodução da maioria das aves, que já estavam adultas no mês de maio, e era época da semeadura nas fazendas. Os fazendeiros chamavam os caçadores para diminuir a população de aves, impedindo que se alimentassem das sementes.

Nesse mês madrugava-se para o esporte que nos é favorito, o esporte de caçar. Antes da temporada treinamos nossos “perdigueiros”, nos adestramos com tiros aos pratos e outros objetos, revalidamos nossas licenças de caça e porte de armas, ensebamos bem nossas botas, vistoriamos nossos veículos e provisionamos bem nosso farnel e na primeira madrugada do mês de Maio tudo pronto para seguirmos ou demandarmos os campos que previamente delinhamos para nossas caçadas.³

Eles partiam de São Caetano em seus veículos próprios para enfrentar estradas difíceis, com as peruas Rural Willys e Veraneio Chevrolet. Dependendo da distância, também utilizavam aviões e barcos, além de burros.

O local preferido era a região oeste de São Paulo, onde caçavam perdizes, macucos, marrecos e patos do mato. Presidente Prudente e Presidente Epitácio eram cidades em que costumavam caçar, ficando alguns dias em cada fazenda. Chegaram a caçar veados e onças e ter contato com tribos indígenas.

Nicola Perrella conta as peripécias da ocasião em que seu grupo se dirigiu à Serra da Canastra, em Minas Gerais, para uma caçada:

Após atravessarmos o Rio Grande, no Estado de Minas Gerais, em direção à serra da Canastra, encontramos a Cidadezinha de Biguatinga, de onde iniciamos a subida da serra no dorso de muires. A subida era bastante íngreme e penosa, de vez em quando a alimária sofria e lá ia eu parar no rabo do burro, mas decidimos terminar a subida a pé.

De S. Caetano do Sul, via Poços de Caldas, seguimos para Carmo do Rio Claro, Estado de Minas Gerais, onde também fizemos nosso pouso. Dia seguinte rumo à serra da Canastra em busca da apreciada “galinha” que se chama perdiz, pelo nosso esporte da arte venatória.⁴

As caçadas eram programadas para o mês de maio de cada ano, quando a maioria dos amigos caçadores tiravam férias e passavam o mês inteiro fora de São Caetano.

Victor Miguel Denadai confeccionou o próprio barco para utilizar em suas pescarias e caçadas, pois, muitas vezes, tinham de passar por rios caudalosos. Esse barco ficava guardado em um ancoradouro no Rio Grande, divisa entre São Paulo e Minas Gerais, e era utilizado quando os amigos chegavam para a pescaria.

Além dos meios utilizados por eles, outra característica eram os tra-

jes especiais compostos por polainas de couro, feitas pelas mulheres da família, botas altas e guizos de casca para espantar alguns bichos.

Segundo Sonia Aparecida, o retorno do grupo a São Caetano do Sul, lá pelo dia 29 ou 30 de maio de cada ano, era aguardado por todas as famílias. Eles chegavam irreconhecíveis, marcados pela vida nos acampamentos e pela ação do tempo. Os animais caçados eram trazidos salgados, para conservação, em quantidades imensas, que eram divididas entre os vizinhos. Alguns caçadores empalhavam alguns animais. Traziam também cobras vivas em caixas, que eram encaminhadas ao Instituto Butantan para confecção do soro antiofídico, necessário também para as viagens.

Com relação às pescarias, Nicola Perrella relata o ocorrido com o barco em que pescavam em um rio de água salgada em Cananeia (litoral de São Paulo), onde havia robalos.

De vez em quando um enorme robalo saltava acima d'água em perseguição ao seu apreciado alimento, o camarão.

De vez em quando prendia-se aos anzóis a “chatíssima” guivira, peixe esse numa forma de bacalhau seco, a qual uma vez presa dava saltos no espaço para livrar-se do farpeamento. E assim entre esse prazer da pescaria, não percebíamos a grande quantidade de gasolina que se espargia em volta do barco.

Ao movimentarmos o motor desse lugar este não dava sinal de vida... Verificamos então que o cano da gasolina havia-se partido com a trepidação do barco, e toda a gasolina do seu tanque esparra-mada por sobre a água. Não li-gamos a esse fato, pois tínhamos gasolina na reserva.

Imediatamente concertamos o motor e procuramos logo pô-lo em movimento. Duas pessoas da nossa equipe sentaram-se na proa do barco despreocupadamente e com isso levantaram a popa com o motor acima do nível da água. Ao puxarmos a cordinha do motor para movimentá-lo não verificamos que o escapamento estava acima do nível da água, e aí deu-se o inevitável. Algu-mas centelhas saíram pelo es-capamento, e imediatamente se incendiara toda a gasolina por sobre a água e em volta de nosso barco.⁵

O final feliz desse caso de-pendeu da rapidez como agi-ram. Com o motor pegando fogo, utilizaram um encerado que estava no barco para abafar as labaredas. E com os remos a toda força, conseguiram sair do fogo e chegar à água que estava livre, podendo atracar na mar-gem do rio.

Esses relatos mostram as grandes aventuras que esses ho-mens viviam durante as viagens para pescar e caçar, bem como as habilidades necessárias e o com-panheirismo entre eles.

Competições, concursos e conquistas - Por meio da lei nº 5.197, de 3 de janeiro de 1967, assinada pelo presidente da Re-pública, marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, ficou proibida a caça de animais, tan-to esportiva quanto profissional. A chamada “Lei de proteção à fauna” trazia, em seus 38 artigos, além das proibições, a definição de crimes e penas, assim como a obrigatoriedade de constarem nos livros de leitura escolares no-ções de proteção à fauna. Não só a caça como também as compe-tições deixaram de ser realizadas.

Art. 1º. Os animais de quaisquer espécies, em qualquer fase do seu desenvolvimento e que vivem naturalmente fora do cativeiro, constituindo a fauna silvestre, bem como seus ninhos, abrigos e criadouros naturais são proprie-dades do Estado, sendo proibida a sua utilização, perseguição, des-truição, caça ou apanha.

§ 1º Se peculiaridades regionais comportarem o exercício da caça, a permissão será estabelecida em ato regulamentador do Poder Público Federal.

§ 2º A utilização, perseguição, caça ou apanha de espécies da fauna silvestre em terras de domínio privado, mesmo quando permitidas na forma do parágrafo anterior, poderão ser igualmente proibidas pelos respectivos proprietários, assumindo estes a responsabilidade de fiscalização de seus domínios. Nestas áreas, para a prática do ato de caça é necessário o consentimento



expresso ou tácito dos proprietários, nos termos dos arts. 594, 595, 596, 597 e 598 do Código Civil.

Art. 2º. É proibido o exercício da caça profissional.

Art. 3º. É proibido o comércio de espécimes da fauna silvestre e de produtos e objetos que impliquem na sua caça, perseguição, destruição ou apanha.⁶

A partir de 1967, com a proibição da caça, somente res-taram os concursos de tiro, a segunda atividade para aqueles que a tinham como lazer.

Os concursos de tiro acon-teciam durante o ano todo, dos quais muitos membros do clu-be participavam. O Clube Pi-ratininga de Tiro, na cidade de São Paulo, o Clube da Fregue-



Diploma de Campeão de Tiro aos Pratos de Victor Miguel Denadai, conferido pela Federação Paulista de Caça e Tiro em 1965

sia do Ó e outros realizavam semanalmente competições de tiro aos pratos, por exemplo. As famílias acompanhavam os atiradores nesses eventos, nos quais havia a entrega de troféus em cerimônias festivas.

Victor Miguel Denadai venceu inúmeros concursos e conquistou muitos troféus, chegando a ser selecionado, em 1968, para os jogos da XIX Olimpíada, que seriam disputados na Cidade do México, mas não conseguiu o patrocínio necessário para ir à competição. Entre 1967 e 1975, ele exerceu a atividade voluntária de comissário de menores para fiscalizar a presença de menores de idade nos eventos e clubes da cidade.

A existência do Clube Es-

portivo Caça e Pesca de São Caetano do Sul demonstra a importância que essas atividades representavam no lazer da época, em que o contexto socioeconômico e cultural era muito diverso do contexto das décadas que se seguiram. Não temos a data precisa em que o clube deixou de existir, mas, no artigo 47 das disposições gerais dos estatutos, encontramos: “Em caso de dissolução da Sociedade, o Patrimônio desta reverterá em benefício das instituições de caridade de São Caetano do Sul.”

Nas palavras de Nicola Perrella encontramos os princípios éticos das atividades da caça:

Nenhum caçador vai sistematicamente abater toda a caça que encontra pelo mero prazer de matar,

não, também não matam a caça para fabricar sabão ou outras matérias. É um esporte, e como tal devemos encará-lo.

Devem caçar aqueles que o fazem por prazer esportivo dentro dos princípios da verdadeira ética desportiva, do contrário seriam verdadeiros “matadores da caça” e não caçadores por esporte, seriam destruidores comuns neste caso.⁷

O clube continua vivo na memória de familiares dos associados que guardam troféus, medalhas e outras lembranças de seus pais e avôs, como Sonia Denadai. Durante a Campanha do Desarmamento, desenvolvida pelo Ministério da Justiça entre 2004 e 2005, Sonia entregou à Guarda Civil Municipal de São

VICTOR - CAMPEÃO DE TIRO AO PRATO



O "Tiro ao Prato" é um esporte de alta precisão, que pode ser explicado mais ou menos assim. Aproximadamente a 15 metros do atirador, fica uma pessoa manejando u'a máquina que lança pratos, 100 ou 200 (conforme a Prova), um por vez e nas mais variadas direções, os quais devem ser quebrados a tiros.

Quando Victor atirou pela primeira vez, não tinha certeza se acertaria, mas imediatamente o tilintar do prato despedaçando-se veio anunciar que surgia um nôvo e grande Campeão.

Nos seus 34 anos de idade e 10 na prática desse esporte, Victor Miguel Denadai, Feitor da nossa Fábrica de Motores, já realizou proezas sensacionais e consagrou-se como um valoroso desportista do tiro.

Vejam os seus cartéis de glórias: 8 vezes Campeão Paulista por Equipe; Campeão Paulista Individual em 1965; 4 vezes Vice-Campeão Paulista Individual; 3.º lugar no Campeonato Brasileiro de 1964 e 3.º lugar no Campeonato Mineiro de 1963, quando defrontou-se com o Campeão da Europa, da Coréia e outros mais.



A família reunida, e os inúmeros prêmios conquistados por Victor.

Estes os seus principais títulos que estão registrados em 5 troféus, 6 taças e 1 cartão de prata, 14 medalhas de ouro, 12 de prata, 10 de ouro e prata e 3 de bronze.

Victor pertence ao Clube de Tiro de São Caetano do Sul, e é considerado um dos melhores atiradores do país.

Mas, nosso companheiro não dorme sobre os louros das vitórias alcançadas e está cons-

tantemente aperfeiçoando a sua técnica e conhecimentos, seja treinando intensamente, como lendo livros especializados no assunto.

Brevemente, ele estará disputando o Campeonato Paulista deste ano. Esperamos que nessa oportunidade, possa conquistar outro grandioso laurel. São os nossos votos e de todos os seus colegas.

Artigo sobre Victor Denadai, na foto com toda a família, publicado no Willys Overland do Brasil em Notícias, em 1967

Caetano do Sul mais de 40 quilos de cartuchos e nove armas devidamente registradas na polícia federal. Nessa época, seu pai adoeceu e não poderia mais participar de campeonatos. Veio a falecer em 2012.

Novas formas de lazer e esporte foram aparecendo na segunda metade do século 20. Em 1961, foi fundada a Associação Cultural, Recreativa e Esportiva Luiz Gama, por um grupo de esportistas afrodescendentes, em sua maioria, adicionando as conferências temáticas entre as atividades festivas e esportivas.

No segundo mandato do prefeito Hermógenes Walter Braido (1973-1977), um projeto executado sob o comando de João Luiz Paschoal Bonaparte, presidente da Comissão Muni-

cipal de Esportes, e sua equipe tinha por objetivo levar o esporte a toda a população da cidade.

Com as fusões dos diversos clubes existentes nos bairros da cidade surgiram oito novas agremiações, procedendo-se à construção das unidades de recreação e esportes, dotadas de toda a infraestrutura necessária (ginásio coberto, campo de futebol, piscinas, dependências administrativas, áreas livres, etc.).⁸

Teve início a era dos centros esportivos recreativos (CER), que se constituíram em espaços para toda a família e reveladores de tantos atletas que vieram a representar a cidade em muitas competições, tanto individualmente quanto em modalidades de grandes equipes. Novas práticas em novos espaços no final do século 20. ■

Notas

¹ ESTADO DE SÃO PAULO, Assembleia Legislativa. Decreto nº 6.911, de 11 de janeiro de 1935. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1935/decreto-6911-19.01.1935.html>. Acesso em 20 set. 2021.

² PERRELLA, Nicola. *De Caniço e Espingarda*. 1956, p. 14.

³ *Ibidem*, p. 115.

⁴ *Ibidem*, p. 31. A expressão "arte venatória" corresponde à caçada com cachorros, assim como a palavra cinegética.

⁵ *Ibidem*, p. 84.

⁶ BRASIL, Presidência da República. Lei Federal nº 5.197, de 3 de janeiro de 1967. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15197.htm. Acesso em 3 out. 2021.

⁷ PERRELLA, op. cit., p. 118.

⁸ MUNARI, Rodrigo Marzano. "Braido voltou nos braços do povo!": vida política e administração municipal entre 1973 e 1977. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 58, p. 23-33, dez. 2018, p. 32.

Márcia Gallo

é mestre em Educação: História, Política e Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Foi docente da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs) e atualmente é coordenadora geral e membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória. É autora dos livros *A Parceria Presente: a relação família-escola numa escola da periferia de São Paulo* (2009), e *Indisciplina, violência e bullying – Um desafio para os gestores escolares* (2019), e coautora em outras obras sobre Educação, como o livro *70 Anos de História da Educação em São Caetano do Sul*, editado pela Fundação Pró-Memória em 2021.

Do antigo Grupo Escolar de Vila Barcelona à atual EMEF Dom Benedito:

85 anos de atividade em São Caetano

 Rodrigo Marzano Munari

DE ACORDO COM o *Álbum de São Bernardo*, publicado em 1937 por João Netto Caldeira, São Caetano era “um dos mais prósperos distritos” daquele município, “graças às numerosas indústrias de grande vulto ali localizadas”.¹ A pujança econômica dessa localidade, que em futuro não muito distante obteria sua elevação ao status de município (1948), fez-se acompanhar do crescimento populacional e do aumento da demanda por serviços públicos de fundamental importância. No ramo da educação, o então distrito de São Caetano, pertencente à cidade de São Ber-

nardo, tinha já passado por uma transformação substancial desde a implantação do seu primeiro grupo escolar, reunindo diversas das antigas escolas isoladas, que paulatinamente iam cedendo lugar a instituições escolares dotadas de uma nova concepção de ensino, mais condizente com os atuais padrões de organização escolar.² Com efeito, possuía o distrito quatro estabelecimentos oficiais de ensino em tais moldes: o 1º e o 2º grupos escolares (atuais Senador Fláquer e Bartolomeu Bueno da Silva), o Grupo Escolar da Cerâmica (vinculado à fábrica de mesmo nome) e o

Grupo Escolar de Vila Barcelona; “todos eles frequentados por elevado número de crianças de ambos os sexos”.³

Hoje, quase ninguém há de se recordar do antigo Grupo Escolar de Vila Barcelona, que há décadas teve sua denominação alterada para Dom Benedito Paulo Alves de Souza, este sim um nome muito conhecido por sul-são-caetanenses de antigas e novas gerações. Uma trajetória que já completou 85 anos em São Caetano, passando pelas distintas fases da história político-administrativa da localidade: primeiro como distrito de São

Bernardo, depois como zona distrital e subdistrito de Santo André e, finalmente, como cidade de São Caetano do Sul.

Oficialmente, o Grupo Escolar de Vila Barcelona foi instalado em 24 de outubro de 1936. No mês de maio daquele ano, um decreto assinado pelo governador de São Paulo, Armando de Salles Oliveira, aprovou um “contrato celebrado na Secretaria de Estado da Educação e da Saúde Pública para arrendamento ao Governo do Estado, pelo prazo de 5 (cinco) anos, mediante os alugueres de 600\$000 (seiscentos mil réis) mensais, de um imóvel de propriedade do sr. Tommaso Del Frate, destinado à instalação de um estabelecimento de ensino”.⁴ O prédio que pertencia a Tommaso (ou Tomaz) Del Frate, situado na Rua Goiás, nº 1.582, foi o primeiro endereço do antigo estabelecimento escolar de Vila Barcelona,⁵ criado com a anexação das seguintes escolas: 1ª e 2ª mistas de Vila Paula, 1ª e 2ª mistas de Vila da Ressaca e 1ª e 2ª mistas de Vila Barcelona.⁶ Por força do decreto nº 17.078, de 8 de março de 1947, passou a denominar-se Grupo Escolar Dom Benedito Paulo Alves de Souza, em homenagem ao “inesquecível Vigário-Geral da Arquidiocese de São Paulo e ilustre prelado do Espírito Santo”.⁷

Nascido em São Paulo e tendo suas origens radicadas nas mais tradicionais famílias da velha Piratininga, Dom Benedito sentiu desde menino a vocação que o chamava para o serviço de Deus. Após frequentar o Curso Anexo da Faculdade de Direito, realizou sua máxima aspiração: ingressar para o Seminário Episcopal.

Secretário de Dom Joaquim Arcoverde – ao qual se ligou por dedicada e afetuosa amizade –, mais tarde Subdiácono, Diácono, Lente de Liturgia e Cerimônias Sagradas, desenvolveu Dom Benedito brilhante carreira eclesiástica em São Paulo, continuada mais tarde em Roma, onde recebeu o presbiterato. Teve destacada atuação no Concílio Latino-Americano, exercendo ali a função de Notário. Em 1889, doutorou-se em Direito Canônico na Gregoriana.

Exercia o cargo de Prefeito no Colégio Pio Latino, em Roma, quando voltou ao Brasil para mais uma vez servir junto a Dom Joaquim Arcoverde, de início na Diocese de São Paulo, e, posteriormente, na Arquidiocese do Rio de Janeiro.

Após desempenhar-se piedosa e proficientemente de todas essas atividades, regressou à sua cidade natal, São Paulo, substituindo Dom Duarte Leopoldo e Silva na Paróquia de Santa Cecília, donde passou para a Secretaria Geral do Bispado de São Paulo.

A Academia Paulista de Letras recebeu-o acolhedoramente, premiando seus dotes de inteligência e cultura.

Em 1918, era sagrado, em São Paulo na Igreja de Santa Cecília, Bispo do Espírito Santo e nesta Diocese, durante quinze anos, foi “O pastor exemplar, operoso e boníssimo de suas ovelhas, tomando sempre a divisa ‘Pro Ovibus Meis’”, conforme palavras de um de seus biógrafos.

Justa e merecida portanto a homenagem que se lhe presta hoje, colocando o seu santo nome a abençoar o Grupo Escolar de Vila Barcelona, em Santo André.

Decreto nº 17.078, de 8 de março de 1947.
“Dá denominações a grupos escolares”.

Localizado no coração de Vila Paula, na Goiás, o Grupo Escolar Dom Benedito funcionou durante toda a década de 1940 em propriedade particular, que, pelos idos de 1950, segundo um testemunho publicado no *Jornal de São Caetano*, já estava “em péssimas condições de conservação e higiene”.⁸ A localidade havia obtido sua autonomia político-administrativa após o plebiscito de 24 de outubro de 1948, estabelecendo-se como município de São Caetano do Sul por lei estadual de 24 de dezembro do mesmo ano. Tomando posse em 3 de abril de 1949, o prefeito, Ângelo Raphael Pellegrino, e os primeiros vereadores eleitos encararam a dura missão de estruturar como município aquela localidade que se tornara independen-



Fachada do Grupo Escolar de Vila Barcelona, que depois receberia a denominação de Dom Benedito Paulo Alves de Souza, em seu antigo endereço na Avenida Goiás. Foto de 1944

te e cujas maiores necessidades, conforme as reivindicações dos munícipes, contemplavam fartamente o segmento educacional. Havia que enfrentar, no âmbito do ensino primário, o problema da deficiência e inadequação dos prédios escolares existentes e, sobretudo, a questão da falta de vagas para as crianças em idade escolar.

A gestão Pellegrino não descurou das reclamações dos moradores da antiga Vila Paula e adjacências; e por isso é que, pelo decreto nº 48, de 10 de abril de 1951, declarou de utilidade pública uma área de terreno situada na Rua Martim Francisco, a qual se destinaria à construção de um prédio para grupo escolar.⁹ O lançamento da pedra fundamental da nova escola ocorreu no dia 29 de julho daquele mesmo ano, por ocasião dos festejos comemorativos do 74º aniversário da cidade.¹⁰ A construção foi iniciada em 1952 e se encerrou no ano seguinte, quando entrou no rol das “festivas inaugurações” que assinalaram o término da administração Pellegrino. Em 28 de março de 1953, foi solenemente inaugurado o novo prédio do Grupo Escolar Dom Benedito Paulo Alves de Souza,



Classe masculina do Grupo Escolar de Vila Barcelona, em foto do final da década de 1930. À esquerda, pode-se ver o diretor Allyrio Barbosa de Saraiva. A professora era dona Terezinha Nardossi. Na foto, aparece a professora substituta, dona Irani



Alunas do Grupo Escolar de Vila Barcelona, em registro fotográfico da década de 1940. À esquerda aparece o diretor Allyrio Barbosa de Saraiva e, à direita, a professora Alcimira

na Rua Martim Francisco, nº 177, onde a escola funciona até hoje. Com a presença de autoridades diversas e profissionais da educação, entre eles o ex-diretor do estabelecimento, professor Allyrio Barbosa de Saraiva, e o então diretor, professor Antônio Messias Szymanski, a nova casa de ensino foi posta em funcionamento com 18 classes e cerca de 800 alunos.¹¹

Iniciava-se assim uma nova etapa da história da “Dom Benedito”, escola que passava a

quando a então denominada Escola Estadual de Primeiro Grau D. Benedito Paulo Alves de Souza, em 13 de março de 1981, foi reinaugurada.¹² Em 2007, já municipalizada, fato que se deu durante a primeira gestão de José Auricchio Júnior (2005-2008), buscando uma melhora na qualidade da educação, a escola passou por um processo de readaptação a fim de oferecer ensino em período integral. E por isso, em fevereiro de 2010, foi entregue à população com

cila aponta que um dos principais desafios enfrentados pela escola no atual contexto, marcado pela pandemia de Covid-19, está sendo a retomada das aulas presenciais em período integral, com todas as orientações sanitárias estabelecidas pelas autoridades. Afinal, uma das características da escola é justamente contar com um currículo diversificado e uma grade mista, que contempla, além das disciplinas regulares, oficinas pedagógicas ministradas por profissionais capacitados

Iniciava-se assim uma nova etapa da história da “Dom Benedito”, escola que passava a funcionar em um prédio adequado ao desenvolvimento de suas atividades didático-pedagógicas e que, enquanto espaço de convivência e socialização, passava também a fazer parte da infância de cada pequeno escolar

funcionar em um prédio adequado ao desenvolvimento de suas atividades didático-pedagógicas e que, enquanto espaço de convivência e socialização, passava também a fazer parte da infância de cada pequeno escolar que por ali fizesse seus primeiros estudos. Ao longo do tempo, alguns reparos e melhoramentos em suas instalações se fizeram necessários. Uma grande obra de reforma e ampliação foi levada a efeito durante a administração de Raimundo da Cunha Leite,

uma estrutura física revitalizada e um currículo reformulado, ganhando novas atividades de grande relevância para os estudantes.¹³

Atualmente, a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Dom Benedito tem 454 alunos matriculados, distribuídos do 1º ao 5º ano, segundo Priscila Leone Colli, em entrevista concedida à Fundação Pró-Memória no mês de agosto de 2021. Diretora do estabelecimento escolar desde 2013, Pris-

em diversos campos do conhecimento, contribuindo, assim, para o aprimoramento cultural e o desenvolvimento de habilidades específicas nos alunos. “Eles ficam o dia todo na escola”, conta Priscila, “mas o dia todo com atividades. Fora daquela atividade de sala de aula nós temos as oficinas de artes cênicas, dança, música, italiano para o 4º e 5º ano... Isso faz com que a criança tenha uma rotina diferente daquela em que o aluno só vai à escola para ter a aula regular”.



Fachada do Grupo Escolar Dom Benedito Paulo Alves de Souza em foto de 1953, ano em que passa a ocupar o prédio localizado na Rua Martim Francisco, nº 177, no Bairro Santa Paula



Ala da Escola Estadual Dom Benedito em desfile cívico realizado na Avenida Goiás, em 7 de Setembro de 1960



Corpo docente e funcionários da Escola Estadual Dom Benedito em foto da década de 1980

O que também contribuiu para tornar a escola mais atrativa aos alunos, que assim se apresentam mais participativos, além de possibilitar que eles tenham um melhor aproveitamento, por meio do caráter lúdico de tais oficinas, no interior das atividades desenvolvidas em sala de aula.

“É uma escola muito querida”, finaliza a diretora, que destaca o fato de estar localizada em um bairro onde há uma

comunidade bastante participativa. Por ser uma escola famosa e tradicional, não é difícil ouvir dos pais de alunos algumas falas deste gênero: “Eu estudei aqui!”. Ou ainda: “Nossa, mudou bastante o prédio!”. Tradição e participação são palavras que definem adequadamente a comunidade escolar da EMEF Dom Benedito, patrimônio sul-são-caetanense que caminha a passos largos rumo a seu centenário. ■

Foto/Rodrigo Marzano Munari



Fachada da EMEF Dom Benedito Paulo Alves de Souza em agosto de 2021

Hino do Grupo Escolar Dom Benedito Paulo Alves de Souza (Autoria do diretor Antônio Messias Szymanski – 1953)

Eu tenho em ti, ó meu grupo querido
Segundo lar augusto e hospitaleiro
Onde eu encontro o guia decidido
A me ensinar qual o melhor roteiro
Umbral da ciência, porta do saber
És garantia da nova geração
Em Deus me fazes firmemente crer
E o Brasil me é no coração.

Dom Benedito, doce patrono
Varão modelo, mestre amoroso
Faze de mim honrado e forte
Do meu Brasil bom filho ser.

Quero formar na fiel corte
Que os estudantes fazem crescer
E ver a Pátria do Sul a Norte
Unida e grande pelo saber.

¹ CALDEIRA, João Netto. *Álbum de São Bernardo*. São Paulo: Organização Cruzeiro do Sul – Bentivegna & Netto, 1937, sem paginação.

² Segundo Eliane Mimesse, “o surgimento dos grupos escolares ocorreu para organizar e restaurar a instrução pública, instituindo novas formas de controle. O grupo tinha um diretor durante todo o tempo de funcionamento da escola, um horário para as aulas que todas as salas deveriam seguir, salas adequadas para as aulas e os intervalos, reunindo todos os requisitos em um mesmo espaço físico. Foi pensado para substituir as antigas escolas isoladas e escolas rurais com classes multisseriadas. O grupo era a demonstração da modernidade e do progresso na instrução. As matérias no grupo escolar eram melhor trabalhadas em função do tempo ordenado das aulas e por não ser mais necessária a união de alunos com idades e níveis de conhecimentos diferentes. As classes eram divididas em séries. O horário de funcionamento do grupo também era diferente das antigas escolas isoladas, pois os alunos permaneciam na escola apenas por um período do dia”. *A Educação e os Imigrantes Italianos: da escola de primeiras letras ao grupo escolar*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2001, p. 95.

³ CALDEIRA, op. cit., sem paginação.

⁴ DECRETO no 7.683, de 20 de maio de 1936. “Aprova os termos do contrato para adaptação e arrendamento ao Governo do Estado, de um prédio na Vila Barcelona em São Caetano, município de São Bernardo”. *Legislação Estadual – Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo*. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/alesp/pesquisa-legislacao/>.

⁵ DECRETO no 12.737, de 2 de junho de 1942. “Aprova os termos do contrato para arrendamento ao Governo do Estado, de um prédio sito à rua Goiás, n. 1.582, em São Caetano, Município de Santo André, de propriedade do Sr. Tomaz Del Frate, destinado ao funcionamento do Grupo Escolar de “Vila Barcelona”. *Legislação Estadual – Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo*.

⁶ Conforme “HISTÓRICO DA EEPG ‘D. BENEDITO PAULO ALVES DE SOUZA”. Acervo da EMEF Dom Benedito Paulo Alves de Souza, consultado em agosto de 2021.

⁷ DECRETO no 17.078, de 8 de março de 1947. “Dá denominações a grupos escolares”. *Legislação Estadual – Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo*.

⁸ JORNAL DE SÃO CAETANO, São Caetano do Sul, ano V, n. 158, 2 dez. 1950, última página. Acervo da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul (FPMSCS).

⁹ JORNAL DE SÃO CAETANO, São Caetano do Sul, ano V, n. 177, 14 abr. 1951, p. 7 e 4. Acervo da FPMSCS.

¹⁰ JORNAL DE SÃO CAETANO, São Caetano do Sul, ano VI, n. 193, 4 ago. 1951, p. 1 e 5. Acervo da FPMSCS.

¹¹ JORNAL DE SÃO CAETANO, São Caetano do Sul, ano VII, n. 311, 1 abr. 1953, p. 1 e 3. Acervo da FPMSCS.

¹² FOLHA DE SÃO CAETANO, São Caetano do Sul, ano V, n. 247, 14 e 15 mar. 1981, p. 9. Acervo da FPMSCS.

¹³ PREFEITURA de São Caetano do Sul entrega novas instalações de escola. PTB Notícias, 13 fev. 2010. Disponível em: <https://ptb.org.br/prefeitura-de-sao-caetano-do-sul-entrega-novas-instalacoes-de-escola/>.

Rodrigo Marzano Munari é historiador. Bacharel, licenciado e mestre em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), onde é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social. É autor do livro *Deputados e delegados do poder monárquico* (Intermeios, 2019) e coautor do livro *70 Anos de História da Educação em São Caetano do Sul* (Fundação Pró-Memória, 2021). Membro da Comissão Pró-Memória Histórica da Diocese de Santo André e assessor de difusão cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, atua na área de pesquisa.

Acervo Mercedes Sanches Graças



Fachada da Papeleria Universo, que ficava localizada na esquina das ruas Rio Grande do Sul e Monte Alegre. João Sanches e sua esposa Carmen foram proprietários do estabelecimento até a década de 1960. Na imagem, de 1935, aparecem, em pé, a partir da esquerda: João, Carmen e Maria (irmã de João). As crianças são as filhas do casal: Mercedes e Odette



Márcia Sanches Graça como baliza do então Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva no desfile de 7 de Setembro, realizado na Avenida Goiás, no ano de 1961. Márcia nasceu no dia 13 de setembro de 1954, filha de Mercedes Sanches Graça e Geraldo Graça



Filho de Mercedes Sanches Graça e Geraldo Graça, Maurício Sanches Graça posa para foto, em 1984, na Escola Preparatória de Cadetes do Exército, em Campinas, interior de São Paulo. Nascido em 17 de fevereiro de 1964, frequentou o local por três anos

Uma quadra poliesportiva leva o nome de uma vencedora: Delenice

Paulo Moriassu Hijo

Delenice Aparecida Fonseca Oliveira em foto da década de 1990



“A prática esportiva, além de estimular a participar de competições, proporcionar a produção e a manutenção da saúde corporal, pode nos propiciar o desenvolvimento espiritual.”

INICIEI O MEU TRABALHO como técnico de atletismo da equipe principal da cidade de São Caetano do Sul em meados dos anos de 1970. A minha primeira providência foi atrair jovens para treinar, já que muitos atletas tinham deixado a equipe com o ex-técnico, Carlos Ventura, e ido para o São Paulo Futebol Clube.

Não quis trazer atletas de fora, já formados. Decidi preparar estudantes da cidade, para que pudesse incluí-los na equipe local. Foi feita uma grande divulgação nas escolas, com a finalidade de atrair jovens de ambos os sexos, para formarmos novos atletas. Os professores Djacyr Meira e Zuleica Dau de Freitas visitavam as escolas, levando alguns dos seus alunos da escolinha de atletismo. Realizavam uma palestra, durante o intervalo, no pátio, enquanto seus alunos demonstravam o salto em altura. Não demorou muito e a

pista se encheu de centenas de estudantes, de manhã e à tarde, todos os dias.

Numa tarde de 1976, em agosto, então, me surgiu, na pista do Estádio Anacleto Campagnella, um grupo de meninas, em roupas simples e sem o devido autocuidado. Notava-se que elas vinham de origem bem humilde. Entre elas, havia uma, de nome Delenice, que estava com 14 anos de idade, com 1,57 m de altura e muito acima do peso ideal. Sem biotipo para corrida ou salto, iniciei-a nos arremessos. Não levava jeito, no entanto, entre as novatas, era a que mais mostrava interesse e desejava ser atleta.

Delenice nasceu em 29 de outubro de 1962, em Mirassol, interior de São Paulo, e chegou a São Caetano do Sul em fevereiro de 1973. Portanto, tinha 11 anos, quando a sua mãe, Isabel Magalhães da Fonseca, que morava em São Caetano com os filhos

João, Dirce e Pedro, decidiu buscá-la. Havia deixado as outras filhas Carol e Delenice com a mais velha, Delice, que era casada. Isabel decidiu vir para a cidade depois de seu marido, Melchíades José da Fonseca, ter sido assassinado. Ficou viúva aos 36 anos, com seis filhos: Dirce, com 16 anos, Delice, 14, João, 12, Pedro, 7, Carol, 4, e Delenice, com apenas 11 meses.

A filha mais nova de Isabel, que perdeu o pai quando ainda

precisava do colo da mãe, mesmo órfã de pai, cresceu determinada a viver intensamente e ser alguém, apesar da difícil fase que a família enfrentava. Casou-se com o Moyses de Oliveira, em 4 de dezembro de 1993. Casamento que a fez muito feliz. Mas logo ficou viúva, sem ter tido filhos, em agosto de 1995, aos 33 anos de idade, o que causou a ela uma profunda tristeza.

Voltando a sua juventude. Então, três anos depois de ter

chegado a São Caetano, Delenice passou a treinar atletismo, prática esportiva que logo se tornou sua paixão. Todas as suas colegas atingiam, com o passar do tempo e cada qual em sua modalidade, um resultado satisfatório. Algumas chegaram às seleções paulista e brasileira. Mas ela, aquela menina de olhos vivos, mesmo treinando com afinco, não rendia. O peso lhe era muito pesado. O dardo não saía com velocidade. O disco voava qual uma borboleta. Mas ela era a mais viva, a mais risonha, a mais simpática, a mais falante e bem carismática. Era também decidida.

Delenice entrou para a equipe de atletismo contra vontade da família. Somente seu irmão Pedro a incentivava, por considerar a prática esportiva algo saudável. Na véspera das competições, realizadas em São Paulo, eu ia às casas das atletas, algumas viviam em cortiços lá na Rua Silvia, no Bairro Nova Gerty - na época, um lugar muito temido - , para conversar com os pais, para que autorizassem as filhas a competirem. No primeiro momento eles não permitiram. Tive de insistir, insistir e insistir, pedindo a cada um, até que os convenci, pelo cansaço.

Só que quando chegou a primeira viagem para o interior do Estado, a maioria negou a permissão, principalmente Isabel Magalhães da Fonseca, mãe de Delenice, que me inquiriu:



Registro da formatura de Delenice em Educação Física



Arquivo/Família Fonseca

Delenice durante prova de arremesso de peso, na década de 1980

Delenice entrou para a equipe de atletismo contra vontade da família. Somente seu irmão Pedro a incentivava, por considerar a prática esportiva algo saudável.

“Quem vai tomar conta da minha filha?”. De pronto respondi: “Eu”. Daí, ela retrucou: “Você, seu moleque? Você é tão moleque quanto a minha filha”. Eu tinha apenas 23 anos. Outra vez, pelo cansaço, a convenci, dizendo que as amigas da rua também viajariam. A partir de então, os pais passaram a confiar em mim. Viajamos a muitas cidades do interior e outros Estados, até eu deixar a equipe, no fim do ano de 1984.

Depois que deixei a profissão de técnico de atletismo, poucas vezes vi os meus ex-atletas. Alguns, por vezes, me ligavam. Outros, poucos por sinal, me procuravam. Estes, nunca se esqueceram de mim. Para os demais, fui apenas uma pessoa que passou pela vida deles. Mas não foi assim com aquela mocinha

de olhar vivo. Sempre que possível, ela me contactava. Tornara-se amiga também da minha falecida esposa, Nilsen, e por vezes nos fazia visita. Gostava de conversar com a Nilsen. Às vezes, me enviava cartas com palavras carinhosas. Mas, com o tempo, os contatos foram se tornando raros.

Há muito que não ouvia sobre a risonha mocinha. Aconteceu que, seu irmão, Pedro Fonseca, doutor em farmácia, me fez uma visita em novembro de 2002. Ele disse que estava ali a pedido da sua irmã. Ela desejava me ver e me esperava, ainda naquele dia, no Hospital Beneficência Portuguesa, onde estava internada. Disse que uma doença autoimune, de nome lúpus renal, a acometera e que comprometera os seus rins. Naquela mesma tarde, fiz-lhe uma visita.

Ao me ver, Delenice forçou um sorriso e pediu que eu me aproximasse para que pudesse me abraçar, o que fiz com cuidado, pois avistei um cateter em seu pescoço, por onde recebia a medicação. Apesar de demonstrar uma alegria por eu estar ali, estava longe de ser aquela menina cativante, de olhos brilhantes, que sempre olhava para frente, como que algo no futuro estivesse a lhe esperar.

Naquela primeira visita, falei pouco. Ela disse que havia me chamado para me pedir desculpas. Lembrou-se das vezes que brigara comigo por não conseguir os resultados desejados. Das vezes em que me exigiu que eu a treinasse com mais intensidade para que a fizesse campeã. Que muito desejara ser medalhista.

Mas só quando se desenvolveu, o seu espírito compreendeu o sentido verdadeiro das minhas palavras ditas, nas conversas, antes dos treinamentos.

Num certo momento, ela parou de falar, pegou o copo e molhou a boca com um mínimo de água. Estava proibida de tomar líquido e necessitava de sessões de hemodiálise. Depois, retomou a conversa e continuou a dizer que, só quando deixou as competições, entendeu os meus ensinamentos. Que então compreendia que medalhas e títulos eram importantes, mas que eram coisas passageiras. Que vencer os adversários não era o mais relevante. Que o melhor era vencer os obstáculos que a vida nos apresenta. Portanto, nosso maior adversário somos nós mesmos. Que aprendera comigo que era preciso desenvolver não só a parte corpórea, comandada pelo cérebro, mas também a incorpórea, que é a parte espiritual.

A ex-atleta, outrora alegre, mas agora adoecida, orgulhava-se de si mesma, dizendo que, graças à passagem pelo atletismo, ganhou bolsa de estudo para fazer Educação Física. Formou-se, prestou e passou no concurso da prefeitura de São Caetano do Sul, tornando-se professora de atletismo. Fez uma brilhante carreira e foi convidada a ser a diretora de Esportes – não havia a secretaria, na época – pelo então prefeito Luiz Olinto Tortorello, nos meados da década de

1990. Recusou, pois não se sentiria à vontade atrás de uma mesa. Então, foi colocada no posto de supervisora do Departamento de Esportes. Era a responsável pelo Programa Esportivo Comunitário (PEC), por meio do qual comandava os professores das escolinhas de esportes, muitos deles ex-atletas campeões. Visitava todos os clubes que tinham escolinhas esportivas. Trabalhando no esporte, havia conseguido comprar um apartamento e um automóvel. Depois de um bom tempo de conversa, decidi deixá-la. Percebi que estava se cansando.

Passado um tempo, Fonseca me avisou que Delenice tinha tido alta do hospital. Contento, a convidei para jantar em casa. Também chamei seu irmão e a esposa, Maria. Também veio a mãe, Isabel, e Tita, ex-atleta, professora de atletismo e amiga de infância de Delenice. Foi uma noite agradável. Ela conversou bastante. Parecia estar bem. Daí, então, por achar que estava se recuperando da doença, a convidei para mais um encontro. Como da primeira vez, estava alegre e falante. Mostrou-se decidida e proativa, dizendo que ainda tinha planos para o futuro. De nada reclamou. Ficou até próximo das 23h e saiu feliz.

Mas, em 8 de fevereiro de 2003, o irmão da esperançosa e espirituosa supervisora de esportes me telefonou. Antes que lhe perguntasse sobre sua irmã,

me contou que ela acabara de falecer. Emudeci, respirei fundo, tomei fôlego, mas não pude continuar a conversar. Silenciosamente, ouvi onde ela seria velada. Depois que desliguei o telefone, tive a sensação de que alguém da minha família havia partido. Era como se nunca mais fosse ver uma irmã mais nova que eu estimava muito. Ela não venceu o mal que portava, mas não foi derrotada. Os que vencem na vida, continuam vencedores mesmo depois que partem.

Depois que Delenice nos deixou, conversando com um e com outro, soube que em todos os fins de ano ela tinha o prazer de realizar as festas de confraternização no ginásio do Clube Esportivo Recreativo Vila São José. Eram convidados para um banquete, além dos alunos, os pais e colaboradores do esporte. Somavam-se mais de 500 participantes. Após o encerramento da festa, os alunos recebiam, como presentes, um brinquedo e um par de tênis. Os pais voltavam para a casa com uma cesta básica nas mãos. Delenice conseguia tudo por meio de patrocínios e doações, e por conta de sua perseverança, talento e liderança. Decidida, com seu carisma, conseguia quase tudo que queria para os alunos das escolinhas de esportes.

Pelas suas boas ações e dedicação ao esporte, a família Fonseca foi recompensada. Um



Arquivo/Familia Fonseca

Arquivo/FMAGCS

Arquivo/FMAGCS

Equipe de atletismo em foto de 1980. Delenice (a primeira à esquerda, sentada) está ao lado do Paulo Hijo

ano e pouco depois de seu falecimento, recebi uma visita de Pedro Fonseca. Ele me trouxe um envelope com o timbre da prefeitura, com um convite, para eu participar da inauguração de um ginásio esportivo. A Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul quis prestar uma bela homenagem àquela que ajudei um pouco a ser o que foi, decidida e proativa. Por essas e outras, ela saiu da pobreza, na juventude, e levou uma vida confortável quando adulta, pois soube crescer espiritualmente. O prefeito da época, Luiz Olinto Tortorello, em 8 de setembro de 2004, inaugurou uma quadra poliesporti-



Inauguração do Centro Poliesportivo Delenice Aparecida Fonseca Oliveira, no dia 8 de setembro de 2004. Descerram a placa o então prefeito, Luiz Olinto Tortorello, e o vice-prefeito, Sylvio Torres (à esquerda), e familiares de Delenice

va, localizada na Rua Espírito Santo, nº 1.530, no Bairro Cerâmica, que foi batizada com o nome dela, o nome da grande vencedora: Delenice Aparecida da Fonseca de Oliveira. ■

Paulo Moriassu Hijo é formado em Educação Física e técnico de atletismo pelas Faculdades Integradas de Santo André (Fefisa). Foi técnico da equipe da equipe de São Caetano do Sul de 1976 a 1984. Antes de ser promovido a técnico, foi corredor de 100m rasos. Atualmente, se dedica a escrita literária. É membro da Academia Popular de Letras (APL).



Aspecto interno do centro poliesportivo no dia de sua inauguração

O Centro Poliesportivo Delenice Aparecida Fonseca Oliveira (Rua Espírito Santo, nº 1.530, Bairro Cerâmica) foi construído em um terreno junto à Escola Estadual (EE) Joana Mota, no entanto, trata-se de uma quadra independente da escola, sendo a Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude responsável pelo espaço. É utilizada para treinamento esportivo da equipe masculina de basquete de alto rendimento e da pré-equipe masculina de basquete.



Fachada do Centro Poliesportivo Delenice Aparecida Fonseca Oliveira em foto de 2020

Depoimentos

“Delenice tinha criatividade, confiança, tolerância, amorosidade, carisma, sinceridade, foco e disciplina. Tinha o poder de engajar as pessoas nos eventos, mesmo sem recursos financeiros. Era extrovertida. Seu grande defeito foi não levar a sério o tratamento, não se curvando às limitações que a doença causou. Teve a infelicidade de pegar uma infecção hospitalar, durante uma hemodiálise. Essa foi minha irmã, que viveu pouco entre nós, mas colocou toda a intensidade em tudo que se propôs a fazer”.

(Pedro Aparecido da Fonseca, irmão)

“Falar o que da Delê? Que era bastante perfeccionista, brincalhona, brava na hora de ser brava, maleável na hora de ser maleável. Contava piadas, era competitiva e não gostava de perder”.

(Carolina de Fátima Fonseca, irmã)

“Minha tia Delenice foi minha inspiração para ser uma atleta comprometida e profissional de Educação Física. Era competente. Quando vim morar em São Paulo, para jogar basquete, tive seu incentivo o tempo todo. Uma frase que ela me disse, que jamais esquecerei, é: ‘Não desista nunca dos seus sonhos pois mesmo o percurso sendo difícil, você vencerá’. Ou seja, nas dificuldades aprendemos e evoluímos na vida. Por isso sempre serei grata a minha tia Delê.”

(Erica Fonseca Poiati, sobrinha)

“Delê era o sorriso... a alegria... e também a tenacidade... tinha de repetir muitas vezes os difíceis educativos técnicos do arremesso de disco... e fazia, de novo, de novo... com uma força interior ímpar. Driblou as adversidades e as trocou por conquistas. Foi uma campeã. Provavelmente não de tantas competições de arremessos, mas foi campeã na vida!”.

(Márcia Raquel Aldecôa Ferreira, ex-atleta e professora de Educação Física)

“Amiga Delenice, gratidão pelo privilégio de ter te conhecido. De poder ter tido sua companhia na escola, nos treinos de atletismo no Lauro Gomes, como professora na prefeitura, como minha chefe. De ter sido uma ótima ouvinte dos meus momentos de alegria e tristeza. Enfim, uma amiga que deixou saudades e a certeza de que sempre podemos fazer a diferença, quando colocamos amor naquilo que nos propomos a fazer.”.

(Maria Aparecida de Jesus Triunfo, conhecida por Tita, ex-atleta e professora de atletismo)

“Falar o que de um ser iluminado? Uma pessoa simples, que tinha sempre uma palavra de carinho para com os colegas. Ser humano sem igual, de um coração grande e generoso, simpática por natureza, e que foi um exemplo de superação em todos os sentidos. Treinamos juntas, vivenciamos vitórias e derrotas, sempre com admiração pelo trabalho que conseguíamos realizar. Saudades dessa amiga que partiu tão cedo mas estará para sempre em nossos corações. Delenice, você é merecedora de todas as homenagens. Saudades eternas...”.

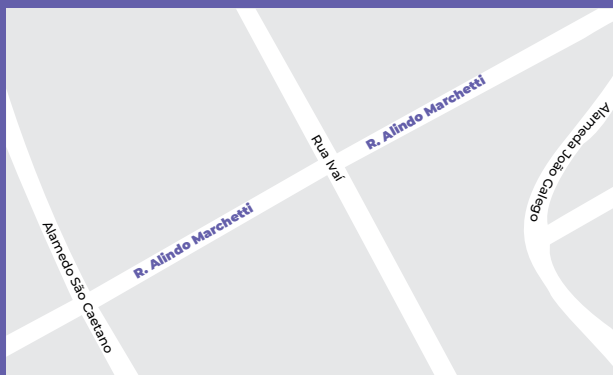
(Zuleica Sein, professora de Educação Física e ex-atleta)

“Falar da Delenice... não sei se sou capaz. Posso dizer que, como atleta, era muito dedicada. Como profissional de Educação Física, exemplar. Acima de tudo, muito dedicada, criativa e superorganizada. Como amiga, deixou saudades. Foi muito justa e merecida a homenagem que recebeu”.

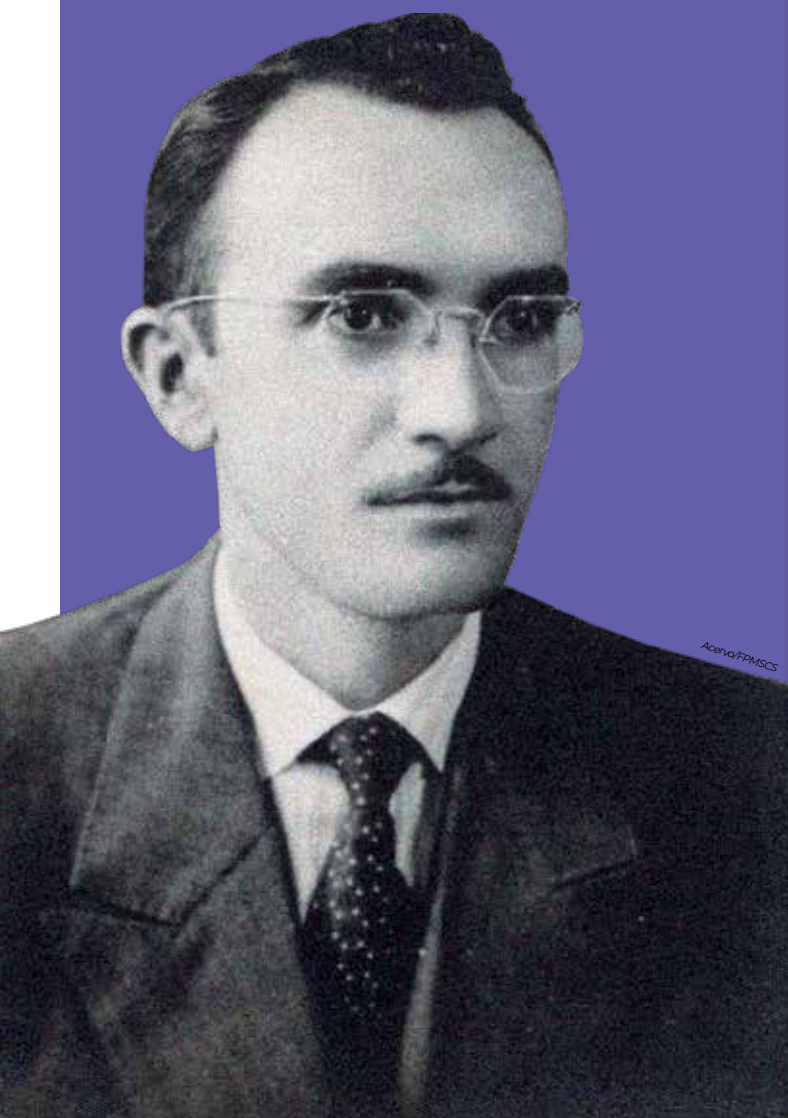
(Antônio dos Santos, conhecido por Santão, professor de Educação Física e ex-atleta)

“Eu e a Delenice éramos vizinhas, crescemos juntas. Éramos atletas e fazíamos os treinos com o professor Paulo, mais conhecido como Paulinho, que tinha como maior preocupação não formar atletas, e sim, pessoas, cidadãos para o mundo. Íamos juntas aos treinos no Lauro Gomes e lá formamos uma família. Treinávamos e brincávamos como irmãs. Delenice se formou em Educação Física e foi uma professora exemplar. Amava o atletismo e também foi coordenadora e supervisora do Programa Esportivo Comunitário (PEC), de muito sucesso. Infelizmente morreu muito cedo. Até a sua partida foi muito querida por todos”.

(Fátima Nascimento, ex-atleta)



ARLINDO MARCHETTI



O NOME deste profissional da contabilidade e político foi dado à rua que se inicia na Rua Boa Vista, no Bairro Boa Vista, e se estende até a Alameda João Galego, no Bairro Santa Maria. A antiga Rua 932, no Bairro Santa Maria, teve sua denominação substituída, passando a chamar Rua Arlindo Marchetti, por força da lei nº 817, de 29 de setembro de 1959.

Rua de grande extensão, abriga dezenas de estabelecimentos, entre eles lojas, escritórios, pizzarias, padarias e outros. Destaca-se nesta via o Lar Nossa Senhora das Mercês, no Bairro Santa Maria, o Lions Clube de São Caetano do Sul – Centro e a EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil) Antonio de Oliveira.

Arlindo Marchetti nasceu em Itabatinga (SP), no dia 1º de novembro de 1917. Era contador de profissão, mas, desde muito jovem, envolveu-se com os problemas de São Caetano, então subdistrito de Santo André. Trabalhou em prol de campanhas memoráveis, tais como a da construção do Hospital Beneficente São Caetano e a da emancipação político-administrativa local (sendo escolhido, posteriormente, para ocupar a vice-presidência da Coligação Autonomista). Integrou a Sociedade dos Amigos de São Caetano, além de ter colaborado para o projeto *Natal das Crianças Pobres*, sempre com entusiasmo e eficiência.

Líder do PR (Partido Republicano) e presidente do mesmo, foi eleito vereador para a primeira legislatura do município (1949-1953), correspondente à gestão do prefeito Ângelo Raphael Pellegrino, ocupando também, na ocasião, a vice-presidência da Câmara Municipal. Foi diretor do São Caetano Esporte Clube e um grande entusiasta da fundação do *Jornal de São Caetano*. Faleceu muito jovem, aos 33 anos de idade, no dia 12 de junho de 1951. ■

Tênis Clube de São Caetano do Sul, uma escola de campeões!

TUDO COMEÇOU no início da década de 1990, nas quadras que ficavam ao lado do campo de futebol do Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida, no Bairro Olímpico. Foi ali que a prática do tênis começou em São Caetano do Sul, sem muito planejamento. A equipe tinha à frente a supervisora técnica Cássia Lorenzini e, como presidente da Associação de Pais e Mestres (APM) de Tênis de Campo, Altevir Anhê. O corpo de professores era formado por Givaldo Barbosa, Carlos Bernardes, Carlos Roberto Salmazzi, Altamiro Graciano Soares, Robson Pegoraro, Pedro Daza, Júlio Hidalgo, Armando Corujeira Júnior, Marcos, Marina e Rosemeire de Oliveira. Os preparadores físicos eram Claudia Perrella, Rosemeire Oliveira e Valmir Herrerias. Na parte administrativa, atuavam Tereza Anhê, Ana Maria e Sonia Piacentini. O apoio psicológico era realizado por Regina Brandão.

Não era um esporte tão difundido na época, por isso o início da prática contou com uma estrutura improvisada. Porém, tudo foi se ajustando pouco a pouco, com pessoas comprometidas que levaram muito a sério os ensinamentos dentro das quadras.

Os treinamentos eram aplicados por professores especializados, tanto técnicos como físicos, para crianças e adultos, nas categorias masculino e feminino. Assim, depois de certo tempo, a procura cresceu tanto que o espaço já não comportava o número de alunos. Além disso, já tínhamos iniciado nossos torneios internos com a participação dos alunos e alunas e premiações para os melhores classificados.

Foi um trabalho árduo, mas sabíamos que os frutos viriam em seguida. E foi, realmente, o que ocorreu. Logo, muitas pessoas chegaram interessadas em vagas para a prática do tênis, e o trabalho que tinha a inten-

Altevir Vargas Anhê

Estrutura reformada: quadras de piso duro na sede do Jardim São Caetano



ção de difundir esse esporte foi acontecendo com a ajuda de todos. Graças a esses professores e colaboradores, a procura só aumentou e, em pouco tempo, já tínhamos lista de espera. Vários alunos e tenistas passaram a se destacar e se filiaram à Federação Paulista de Tênis, iniciando suas participações em torneios estaduais, nacionais e até internacionais.

Exatamente por esse início promissor, fomos convidados a enviar professores para o Curso de Árbitro de Tênis de Campo, ministrado por profissionais da Federação Paulista de Tênis. Com muito orgulho, o professor Carlos Bernardes, aproveitando todos esses ensinamentos, transformou-se no maior árbitro de tênis do Brasil e atuou inúmeras

vezes em importantes jogos dos maiores tenistas do mundo, casos de Rafael Nadal e Roger Federer. Grande satisfação ter um tenista e árbitro que iniciou sua trajetória nas quadras do estádio, começando do zero e chegando ao píncaro da glória no tênis, orgulho da cidade e do Tênis Clube.

No final do ano 2000, o espaço onde as aulas eram realizadas precisou ser ocupado por novas arquibancadas para adequar a estrutura do estádio, sede da Associação Desportiva São Caetano, às exigências para a disputa do time de futebol na primeira divisão. A notícia trouxe preocupação, pois todo aquele trabalho não poderia parar. Mas não tivemos outra escolha, a não ser procurar um novo espaço.

Enfim, tudo deu certo e encontramos um local muito bom, localizado na Rua Justino Paixão, nº 367, onde funcionava uma academia. Havia necessidade de reformas imediatas, e, antes de iniciarmos os treinos, restauramos as quadras – que eram todas do tipo lisonda, piso duro –, mantendo duas delas com esse piso e alterando outras duas para saibro. Também restauramos completamente a quadra coberta e construímos academia, sala dos professores, sala da administração, lanchonete, cozinha, banheiros, almoxarifado, depósito de materiais, sala para atendimento psicológico e arquibancadas.



Maria Irigoyen, atleta da equipe feminina, em ação pelo Tênis Clube em torneio de 2008

Ainda trocamos a iluminação das quadras e recuperamos outros detalhes em todo o clube, isso com ajuda de empresas e bancos patrocinadores.

Dois décadas de conquistas – O Tênis Clube de São Caetano do Sul foi fundado no dia 1º de fevereiro de 2000, sob a presidência de Altevir Vargas Anê. Agora, completam-se 21 anos de muitas glórias e conquistas, período em

que seus tenistas trouxeram para a cidade mais de 1.500 títulos de campeonatos estaduais e nacionais. O clube chegou a representar São Caetano do Sul nos Jogos Regionais e Jogos Abertos do Interior, sendo campeão por oito vezes.

O Tênis Clube também organizou 23 campeonatos abertos, com o aval da Federação Paulista de Tênis. Os torneios tinham participação de mais de

300 atletas, incluindo todos os nossos alunos, em várias categorias. A entrega dos prêmios ocorria no salão da A.D. São Caetano, com presenças dos campeões e vices, além das autoridades do tênis de campo e governamentais. O evento acontecia como fechamento das nossas atividades em dezembro.

Em 2001, fomos convidados pela Federação Paulista a participar dos campeonatos interclubes, com mais de 100 agremiações. Era considerado o maior torneio entre clubes do Estado de São Paulo, pela participação de grandes atletas e campeões, em 26 categorias femininas e 40 masculinas, com idades entre 10 e 75 anos.

Fizemos a inscrição, em um primeiro momento, apenas com atletas do clube. Mas tínhamos de montar equipes masculina, feminina e duplas, e não foi fácil. Aos poucos, fomos convidando alguns atletas do Grande ABC que já tinham experiência em torneios.

No primeiro ano, tivemos o comando de Givaldo Barbosa, o Gica, que, em sua carreira profissional, chegou a ser o 82º melhor do mundo, em simples, e 32º, em duplas. Ele começou como pegador de bolinhas, foi o sexto melhor do Brasil e hoje é dono de uma academia em São Paulo. Foi duas vezes campeão brasileiro, em 1978 e 1989, e vice-campeão de 1979 a 1984. Em duplas, foi campeão em 1982 e 1983, e vice em 1984, além de campeão em Madri, na Espanha.

Com comprometimento e superação, a equipe chegou ao terceiro lugar na competição estadual, o que trouxe ainda mais confiança aos atletas e corpo técnico. O clube disputou com cerca de 50 atletas, dos 10 aos 70 anos, no masculino e feminino. Era apenas o início e todos já estavam muito empolgados, afinal era o tênis de São Caetano brilhando no Estado.

Mesmo durante o período de preparação para os jogos, as aulas seguiam normalmente com total organização, graças a professores dedicados e compro-



Área de convivência e quadras do Tênis Clube, na Rua Justino Paixão, em 2010



Quadras de saibro são utilizadas para treinos e campeonatos

metidos. A procura pelas aulas continuava a crescer.

No segundo ano, em 2002, muito mais preparada, a agremiação montou excelentes equipes em todas as categorias. O resultado foi um orgulho para a cidade: Tênis Clube de São Caetano do Sul campeão dos Jogos Interclubes de 2002.

Com o êxito nas quadras e a visibilidade conquistada, a equipe foi ficando cada vez mais fortalecida, com ajuda de patrocinadores e a chegada de

grandes atletas. Assim, veio uma brilhante sequência de títulos: novamente campeão Interclubes, em 2003, e o tricampeonato, em 2004. Já em 2005, montamos talvez a mais forte de todas as equipes e chegamos ao título de tetracampeão Interclubes.

Uma rainha – Além de contar com a atleta Patrícia Medrado, por vários anos, conquistando títulos nos Jogos Interclubes, o Tênis Clube teve suas cores defendidas por essa tenista em torneios internacionais. Destaque para seus títulos de campeã mundial na categoria 45 anos, na Áustria, em 2001, e na Alemanha, em 2003. Um orgulho para nós.

Essa atleta baiana teve seu primeiro contato com as raquetes aos 10 anos, quando foi matriculada na Escolinha da Associação Atlética da Bahia. Chegou a concluir duas faculdades antes de atuar como tenista profissional, formando-se em Educação Física e Fisioterapia.

Entre seus principais feitos está a 48ª posição no ranking mundial de simples, além da conquista da medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos de 1975, na Cidade do México. Na disputa em duplas, chegou ao 9º lugar do mundo, ao lado da pau-

(...) há também uma importante atuação voltada à qualidade de vida e à responsabilidade social. Professores, atletas e dirigentes sempre tiveram o olhar para o esporte como um vetor de transformação na vida de crianças, jovens e adultos.

lista Claudia Monteiro. Durante 11 anos consecutivos (1974 a 1985) foi a tenista número 1 do ranking brasileiro e é, até hoje, a atleta com o maior número de participações e vitórias pelo Brasil na Fed Cup (torneio mundial feminino, equivalente à Copa Davis, do masculino), tendo representado o país por 14 anos.

Após 15 anos no circuito profissional, encerrou sua carreira em 1989, disputando torneio em Miami, nos Estados Unidos. Em 1996, trouxe para o Brasil o programa *Tênis nas Escolas*, criado pela Federação Internacional de Tênis, com o propósito de tornar o esporte acessível a todas as camadas sociais.

Ao todo nossa *Rainha*, como a chamamos, soma 11 títulos mundiais (cinco em simples, quatro em duplas, e dois em duplas mistas), e várias conquistas com a camisa do Tênis Clube de São Caetano do Sul. Um dos maiores momentos da sua carreira vitoriosa ocorreu em 2016, quando foi convidada pelo Ministério do Esporte a carregar a tocha olímpica dos Jogos Rio 2016, em Salvador (BA).

O lado social e comunitário – São Caetano do Sul, com certeza, se orgulha de ter um clube tão vitorioso, porém há também uma importante atuação voltada à qualidade de vida e à responsabilidade social. Professores, atletas e dirigentes sempre tiveram o olhar para o esporte como um vetor de transformação na vida de crianças, jovens e adultos.

Desde sua fundação, em 2000, o Tênis Clube sempre esteve presente no Programa



Dupla masculina formada por Adriano Ferreira e Alexandre Simoni compôs equipe masculina que ganhou ouro nos Jogos Regionais de 2006

Esportivo Comunitário (PEC), criado e mantido pela Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. Tivemos uma média de 200 alunos por ano. Pode se considerar que mais de três mil alunos estiveram presentes nos treinamentos de tênis pelo programa, em 20 anos de atividades. Por conta da pandemia da Covid-19, o PEC retornou as atividades presenciais, seguindo todos os protocolos de segurança, somente em meados de 2021. A atual presidente é Tereza Anhê.

Tal programa já rendeu bons frutos para as equipes competitivas. Muitos atletas que, hoje, disputam jogos profissionais, iniciaram no PEC e já vestiram a camisa do Tênis Clube, disputando campeonatos internos e da Federação Paulista de Tênis. Muitos conquistaram títulos e, entre eles, cerca de 50 atletas acabaram indo para países como Japão e Estados Unidos, em busca de vagas em universidades. Alguns conseguiram bolsas com o aval e referências do Tênis Clube, casos dos irmãos Henrique e Marco, filhos da família Ruíz.

A história continua – Tanto para o Tênis Clube, quanto para muitos atletas, a vida esportiva segue



Altevir Anhê (o primeiro, à esquerda) e equipe de 2002, formada por Rodrigo Pavão, Patricio Arnold, Adriano Ferreira e Marcelo Saliola



Premiado time feminino da categoria 45 anos



Vitoriosa equipe feminina nos Jogos Regionais de 2008



Agência M&CS

Patrícia Medrado, em 2003, quando conquistou título mundial na Alemanha defendendo as cores do clube de São Caetano

viva. Muitos atletas daquela época continuam “batendo suas bolinhas”, enquanto outros seguem trabalhando como professores em academias ou ministrando suas aulas no próprio clube. São profissionais dedicados, formados em suas universidades e com a marca do Tênis Clube de São Caetano do Sul no início de suas formações técnicas.

Um agradecimento especial a todos que fizeram e fazem parte dessa história: Adriano Ferreira, Alexandre Simoni, Altamiro Soares, Ana Clara Duarte, Andréia Vieira, Bruna Colosio, Bruno Dall’Anese, Caio Zampieri, Carla Tiene, Daniel Mello, Eduardo Boher, Eric Gomes, Felipe Le-

mos, Flavio Saretta, Franco Ferrero, Franklin Durigheto, Gabriel Pitta, Givaldo Barbosa, Henrique Ruíz, Jaime Oncins, Jenifer Widjaja, José Nascimento, Larissa Carvalho, Leonardo Kirche, Lucas Arnold, Lucas Angel, Luiz Sgarbi, Marcelo Saliola, Maria Irigoyen, Mariana Dias Oliva, Marjorie Ceppo, Martim Bok, Miriam D’Agostini, Natasha Lotufo, Nathaly Kurato, Otavio Della, Pablo Albano, Patrício Arnold, Raphael

Pfister, Ricardo Hocevar, Ricardo Mello, Rodrigo Gili, Ronaldo Carvalho Jr., Roxane Vaisemberg, Santiago Gonzalez, Sumara Passos, Thiago Alves, Vanessa Menga, Vinicius Bortolato, Vivian Segnini e muitos outros que honraram o nome do Tênis Clube de São Caetano do Sul. ■

Altevir Vargas Anhô é químico industrial e analista de sistemas. Formado em Matemática pelas Faculdades Associadas do Ipiranga, também tem formação em Jornalismo.

Futebol profissional nos festejos do aniversário de São Caetano do Sul

Parte 2:
Saad E.C. nas décadas de 1960, 1970 e 1980

 Renato Donisete Pinto

DEPOIS DAS APRESENTAÇÕES da Associação Atlética São Bento na década de 1950, o Saad Esporte Clube representou São Caetano do Sul no futebol profissional nas três décadas seguintes. Foi fundado em 28 de abril de 1961, e disputou o Campeonato Paulista, pela cidade, de 1966 a 1988. Seu presidente, Felício José Saad, sempre que possível, convidava equipes para jogos amistosos na data do aniversário da cidade (28 de julho). Vários destes jogos fizeram parte dos festejos oficiais. Neste artigo, vou utilizar o nome Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida, denominação utilizada de 1964 até 1989, quando voltou a se chamar Anacleto Campanella.

Antes de mencionar os jogos do Saad, é importante registrar que no 88º aniversário de São Caetano do Sul, no estádio mu-

nicipal, foi realizada uma partida entre a Seleção Amadora de São Caetano do Sul, comandada pelo esportista Alcides Gimenes, contra a Seleção Amadora da capital de São Paulo. A seleção sul-são-caetanense venceu por 3 a 1, com gols de Zacarias, Nivaldo e Nanã, com Hermes diminuindo o placar para a equipe da capital paulista. O jogo teve início às 14h do dia 25 de julho de 1965. O árbitro foi o João Seguidim, auxiliado por Genaro Avólio e Felipe Sanches Martins. A seleção de São Caetano atuou com Mazolla; Nelseta, Zezinho e Agenor; Nivaldo e Walter Codello; Birruga, Zacarias, Guedes (Naná), Lamparina e Canhoto. A seleção da capital jogou com Paulinho; Nery, Alberto, João 21 e Vitor; Mario e Clóvis; Gilberto, Hermes, Rubens e Mauro.



Jornal do SFC - Arquivo Paulo Roberto Gonzalez

Equipe do Saad E.C. em foto de 16 de julho de 1967. Da esquerda para direita, em pé: Romeu, Fininho, Décio Bianco, Pando, Bicas, Murilo e Rocha (massagista). Agachados, vemos: Norberto, Décio Dias, Luizinho, mascote Nadir, Canhoteiro e Nelson Shindo



Arquivo Diário da Grande ABC - Foto Roberto Almeida

Saad E.C. Da esquerda para direita, em pé: Fininho, Flávio, Zanetti, Celso, Coppini e Oscar; agachados: Fernandes, Arnaldo, Arlindo, Márcio e Valdir. Foto de 28 de julho de 1972

1967, vitória do Saad sobre o Jabaquara pelo

Campeonato Paulista - O primeiro dos jogos

festivos realizados pelo Saad aconteceu em 1967.

A equipe recebeu e venceu o Jabaquara Atlético

Clube pelo Campeonato Paulista da primeira di-

visão. Este jogo foi realizado no dia 16 de julho

com portões abertos ao público, em homenagem

ao aniversário da cidade. A atração da partida foi

a participação do craque Canhoteiro, habilidoso

ponteiro esquerdo consagrado no São Paulo Fu-

tebol Clube, que passou pela Seleção Brasileira e

jogou no Saad em 1967. Depois de um empate no

período inicial com gols de Décio Dias (Saad), aos

15 minutos, e Gilberto (Jabaquara), aos 20 minu-

tos; Nelson garantiu a vitória com um gol aos 16

minutos da etapa complementar.

Saad E.C. 2 x 1 Jabaquara A.C. (Santos-SP)

Data: 16 de julho de 1967

Local:

Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida
(São Caetano do Sul)

Árbitro: Antonio Romeiro

Saad E.C.: Fininho; Romeu, Murilo, Pando e Bicas; Décio Bianco e Canhoteiro; Norberto, Luizinho, Décio Dias e Nelson.

Jabaquara: Alcides; Pardal, Sérgio Cunha, Carriça e Ademar; Valter e Mário; Arlindo, Buzone, Gilberto e Cacalo.

1968, torcida acompanha vitória sobre o Nacio-

nal - Em 1968, em partida válida também pelo

Campeonato Paulista da primeira divisão, o Saad

venceu o Nacional Atlético Clube, da capital pau-

lista, com portões abertos para a torcida. No fi-

nal da primeira etapa, aos 40 minutos, o atacante

Buzzzone abriu o placar. Na etapa complementar,

Zé Carlos ampliou para o Saad, aos 15 minutos, e

Bazaninho diminuiu para o Nacional, aos 31.

Saad E.C 2 x 1 Nacional A.C (São Paulo-SP)

Data: 28 de julho de 1968

Local:

Estádio Lauro Gomes de Almeida
(São Caetano do Sul)

Árbitro: Oscar Scolfaro

Saad E.C.: Balbino; Lima, Dagoberto, Zanetti e Oscar; Baltasar e Miguel, Luizinho, Zé Carlos, Buzzzone (Orlando) e Marinho (Ferreirinha).

Nacional: Agnaldo; Zé Carlos, Jaime, Melão e Geraldo Scotto; Gonçalves e Bazaninho; Ademar (Mingo), Airton, Luís Carlos e Agenor.



Jogadores do Estudiantes de La Plata (Argentina), na partida realizada em São Caetano no dia 28 de julho de 1972



Arlindo comemorando gol sobre o Estudiantes

Registro de 28 de julho de 1973 da equipe do Saad E.C. Da esquerda para direita, vemos: Flávio, Leonetti, Zanetti, Oscar, Celso e Eli. Agachados, a partir da esquerda, estão: Fernandes, Coppini, Márcio, Wagner e Arlindo



1971, aniversário com direito a goleada e inauguração do sistema de iluminação - No começo da década de 1970, o Saad formou uma equipe muito competitiva, comandada pelo treinador Aurélio Loureiro Bastos e, em 1971, por pouco não subiu para a divisão especial. Neste ano, o Saad recebeu o Juventus da Mooca para uma partida amistosa. Este jogo marcou, além das festividades do aniversário da cidade, a inauguração do sistema de iluminação do Estádio Distrital Natale Cavalheiro. A equipe esteve em noite inspirada, principalmente pelo meia Coppini, que fez dois gols. O primeiro em um rápido contra-ataque no primeiro tempo e o segundo gol por meio de um potente chute desferido na risca da grande área juventina. Nelson também fez um belo gol depois de driblar dois marcadores. Antes do jogo Saad e Juventus, foram realizadas duas partidas preliminares, que resultaram em empate sem gols entre as equipes amadoras do São José Futebol Clube e Flamengo Futebol Clube e vitória da equipe feminina da Águias de São Paulo, por 2 a 0, sobre a Seleção Feminina de São Caetano.

Saad E.C 3 x 0 C.A. Juventus (SP)

Data: 27 de julho de 1971

Local: Estádio Distrital Natale Cavalheiro (São Caetano do Sul)

Árbitro: Celso Alves Santana; auxiliado por José Previato e Vitor Timóteo

Saad E.C.: Ronaldo (Fininho); Roberto, Flávio, Oscar e Celso; Zanetti e Coppini; Antenor (Rui), Raimundinho (Nelson), Zélio (Gilberto) e Valdir (Cruz).

Juventus: Sérgio; Chiquinho, Carlos, Lecynio e Osmar; Luis Moraes e Brecha; Zé Lopes (Salvador), Ziza, Valter e Paulinho (Carbone).



1972, grande festa com vitória sobre equipe argentina - No aniversário de 95 anos da cidade, o Estudantes de La Plata, da Argentina, foi a principal atração dos festejos. E a festa ficou completa com a vitória da equipe sul-são-caetanense. Vitória construída no final do primeiro tempo, quando, aos 41 minutos, o atacante Arlindo fez o gol. No segundo tempo, aos 35 minutos, o mesmo jogador fez o segundo gol, após receber lançamento do meia Márcio. Encarregado diminuiu, aos 40 minutos, para os argentinos. Antes do jogo, houve queima de fogos, exibição da fanfara do então Colégio Comercial Alcina Dantas Feijão, hasteamento das bandeiras, acompanhado pelo então prefeito Oswaldo Massei, e execução dos hinos do Brasil e da Argentina, a cargo da Corporação Musical da Polícia Militar de São Paulo, sob regência do maestro 2º tenente José Souza Mello. Durante a solenidade de hasteamento da bandeira do Brasil, o aviador Alberto Bertelli fez várias evoluções sobre o campo. Bertelli era campeão sul-americano de acrobacias a baixa altura.

Saad E.C 2 x 1 Estudantes de La Plata (Argentina)

Data: 28 de julho de 1972

Local: Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida (São Caetano do Sul)

Árbitro: Roberto Nunes Morgado

Saad E.C.: Fininho; Celso, Flávio, Oscar e Arnaldo; Zanetti (Caxias), Márcio e Coppini (Edinho); Fernandez, Arlindo e Valdir.

Estudantes: Flores; Belcurto, Chirido, Etcheu e Martines; Encarregado, Sabala e Zalay; Moyrano (Suares), Giahello e Zyle.

Figueirense em foto de 28 de julho de 1973. Almir é o terceiro, em pé, da esquerda para direita

1973, visita do Figueirense com o volante Almir

- No ano de 1973, a festa de aniversário de São Caetano do Sul recebeu a equipe do Figueirense Futebol Clube, de Santa Catarina, para uma partida amistosa. O Saad abriu o placar aos 16 minutos de jogo com Nenê, mas foi superado pelo Figueirense com dois gols do volante Almir. Almir José Gil começou a carreira no Figueirense, foi bicampeão paulista, pelo São Paulo, e campeão paranaense e brasileiro, pelo Coritiba Futebol Clube.

Saad E.C 1 x 2 Figueirense F.C. (Santa Catarina)

Data: 28 de julho de 1973

Local: Estádio Lauro Gomes de Almeida (São Caetano do Sul)

Árbitro: Nilson Cardoso Bilha

Saad E.C.: Leonetti; Celso, Flávio, Oscar e Eli; Zanetti, Coppini e Márcio; Nenê, Arlindo e Vagner.

Figueirense: Celio; Pinga, Nicota (Jaílton), Moenda (Quincas) e Casa Grande; Adailton e Almir; Severo, Neto, Neilor e Caco (Tião Marino).



Arlindo dando trabalho para o defensor da equipe do Figueirense na partida de 28 de julho de 1973

Saad no ataque contra o Paulista no Estádio Lauro Gomes lotado na partida de 28 de julho de 1974



1974, classificação emocionante e permanência na divisão especial - Em disputa pelo Torneio Paulistinha, na última rodada, o Saad se classificou para a divisão especial de 1975 em emocionante vitória sobre o Paulista Futebol Clube, de Jundiaí. Depois de um empate na primeira etapa de jogo (Via, aos 11 minutos, e Arlindo, aos 40 minutos), o gol da vitória sequiana saiu aos 43 minutos do segundo tempo, marcado pelo zagueiro Flávio. Uma festa para os quase cinco mil presentes no estádio. Este jogo fez parte do teste 194, da loteria esportiva. Na semana seguinte, o Saad estrearia na elite do futebol paulista, empatando em 2 a 2 com o poderoso Palmeiras, em pleno Estádio Palestra Itália.

Saad E.C 2 x 1 Paulista F.C. (Jundiaí-SP)

Data: 28 de julho de 1974

Local: Estádio Lauro Gomes de Almeida (São Caetano do Sul)

Árbitro: Dulcídio Wanderlei Boschilia

Renda: Cr\$ 23.955,03 (público de 4.866 pagantes)

Saad E.C.: Helio; Eli, Celso, Flávio e Arnaldo; Zanetti, Luis Américo e Edinho (Toninho); Fernandes, Arlindo e Wagner (Jonas).

Treinador: Baltazar

Paulista: Vaninho; Jair, Valdir, Marcos e Lázaro; Adair, Via e Adílson; Tonho (Daniel), Bosco (Carlinhos) e Ferreirinha.

1975, derrota e despedida de Zé Duarte - Depois de encerrada sua participação no Campeonato Paulista da divisão especial de 1975, o Saad recebeu o Guarani Futebol Clube, da cidade de Campinas, em um amistoso que fez parte dos festejos do 98º aniversário da fundação de São Caetano do Sul. Com portões abertos e um público aproximado de 15 mil torcedores, logo aos 13 minutos o Saad marcou seu gol pelo meia Carlos Alberto, que chutou forte no canto esquerdo do arqueiro campineiro Sidnei. Aos 38 minutos, Sérgio Lima empatou; e o mesmo Sérgio, com um minuto da etapa complementar, fez de cabeça, decretando a vitória do Guarani. Este amistoso marcou o último jogo do Zé Duarte como treinador do Saad. De 1976 até 1988, o Saad permaneceu na divisão intermediária do Campeonato Paulista, sendo equivalente à série A2 atual.

Saad E.C. 1 x 2 Guarani F.C. (Campinas-SP)

Data: 28 de julho de 1975

Local: Estádio Lauro Gomes de Almeida (São Caetano do Sul)

Árbitro: Almir Peixoto Laguna

Saad E.C.: Valdir; Celso (Giba), Tecão, Wagner e Valter; Serginho, Carlos Alberto e Zé Rubens; Ivan, Benê (Toninho) e Nascimento.

Guarani: Sidnei; Odair (Mauro), Joãozinho, Amaral e Claudio; Ednaldo, Alexandre (Mingo) e Ademir (Erb); Hamilton Rocha, Sérgio Lima (Zé Carlos) e Ziza.

1978, empate com os meninos da Vila - Em 1978, para comemorar o aniversário da cidade, o Saad (comandado pelo técnico Celso Cipriano) recebeu a equipe do Santos. Com portões abertos ao público, novamente recebeu lotação total. O jogo foi bastante movimentado e com várias chances de gol. O Santos veio com uma equipe mista e aproveitou a partida para promover alguns juvenis, tanto que o técnico Formiga preferiu observar o jogo da arquibancada, deixando o Mengálvio (treinador dos juvenis) no campo, orientando a equipe.

Saad E.C. 0 x 0 Santos F.C. (Santos-SP)

Data: 28 de julho de 1978

Local: Estádio Lauro Gomes de Almeida (São Caetano do Sul)

Árbitro: Nilson Cardoso Bilha

Saad E.C.: Carlos; Jaime Pereira, Jair, Rodolfo e Tadeu; Raul (Ademir), Joãozinho, Vicente, Valmir, Serginho e Carlinhos (Antoninho).

Santos: Flávio; Fausto, Gilberto Costa, Fernando e Edson; Toninho Vieira, Rubens Feijão e Alvares (Cardin); Carlos, Claudinho (Esquerdinha) e Márcio.

1979, empate pela intermediária - No ano seguinte, o Saad disputou um jogo válido pelo Campeonato Paulista da divisão intermediária. Empate sem gols contra a Associação Esportiva Guaratinguetá.

Saad E.C. 0 x 0 A.E. Guaratinguetá (Guaratinguetá-SP)

Data: 28 de julho de 1979

Local: Estádio Lauro Gomes de Almeida (São Caetano do Sul)

Árbitro: Oswaldo dos Santos Ramos

Saad E.C.: Carlos, César, Flávio, Rodolfo e Tadeu; João Regina (Zanata), Joãozinho e Toninho; Carlinhos (Nilson), Serginho e Rômulo.

Guaratinguetá: Adilson; Paulo, Wilson, Gilberto e Donizetti; Betinho (Jânio), Golê e Admundo; Aílton, Abadia e Capetinha.

1980, goleada no Volta Redonda (RJ) - Em 1980, a cidade recebeu a visita da equipe do Volta Redonda Futebol Clube, do Rio de Janeiro, para uma partida amistosa que fez parte dos festejos do 103º aniversário de São Caetano do Sul. O primeiro tempo foi muito equilibrado e a goleada do Saad (comandada pelo treinador Walter Ramos) veio no segundo tempo. O primeiro gol foi de Ivan, aos 15 minutos. Na sequência, Dadinho marcou aos 16, Bárbara, aos 34, e Ivan, novamente aos 43.

Saad E.C. 4 x 0 Volta Redonda F.C. (RJ)

Data: 28 de julho de 1980

Local: Estádio Lauro Gomes de Almeida (São Caetano do Sul)

Árbitro: Roberto Nunes Morgado

Saad E.C.: Tinão; Jacques (Chicão), Melão (Flávio), Tadeu e Luís Augusto; Zanata, Toquinho (Miro) e Dadinho (Bento); Ivan, Valdomiro e Everaldo (Bárbara).

Volta Redonda: Renato; Morrete, Mauro, Edinho e Jorge Luiz; Carlinhos (Nem), Ademir e Coca (Betinho); Durval (Rubinho), Amauri e Orlando.

1984, confraternização com a GM - Em 1984, a comemoração foi caseira. A equipe do Saad realizou um amistoso, no dia 24 de julho, à noite, no campo da Associação Desportiva Classista General Motors, o famoso campo dos eucaliptos. Lá o Saad jogou contra a Seleção da General Motors, ou seja, um combinado formado pelos melhores jogadores das equipes internas da GM. O Saad venceu por 1 a 0.

Acervo/Diário da Grande ABC - Foto/Ricardo Hernandez



Ivan, jogador do Saad, tentando o drible sobre o zagueiro do Volta Redonda. Foto de 28 de julho de 1980

1985, empate com o Expressinho do São Paulo - A festa de comemoração de aniversário da cidade recebeu o “Expressinho” do São Paulo F.C., uma equipe treinada pelo Zé Carlos Serrão, que excursionava e dava experiência para os novos talentos do clube. Com portões abertos e ótimo público, a torcida acompanhou um jogo movimentado e com dois gols para cada time. O Saad, do treinador Hamilton Cunha, abriu o marcador aos 34 minutos, com o atacante Andrade. Na saída de bola, Agnaldo empatou para o São Paulo. No segundo tempo, Bárbara, aos sete minutos, ampliou para o Saad, e Agnaldo empatou aos 25 minutos, cobrando uma penalidade máxima. O centroavante Agnaldo viria a vestir a camisa da Associação Desportiva São Caetano na temporada de 1991. As equipes femininas do Saad e do São Paulo empataram sem gols na preliminar. Pelo Saad jogaram: Mara; Eugênia, Gui, Sandra e Sueli; Sueca, Silvinha e Simone; Lúcia, Rita (Haidê) e Silvia. E no São Paulo: Eliana; Malu, Samara, Ida e Vavi; Neva, Tânia e Rosana; Rosaninha, Neusa e Marta.

Saad E.C. 2 x 2 São Paulo F.C. (São Paulo-SP)

Data: 28 de julho de 1985

Local: Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida (São Caetano do Sul)

Árbitro: Epitácio Pinheiro Rodrigues

Saad E.C.: Swami (Silvio); César, Márcio (Valter Alemão), Edir (André), e Odair (Zé Luís); Valdemir, Sabá (Dedê), Bárbara e Cacá (Klen); Chumbinho e Andrade (Gideon).

São Paulo: Zé Carlos (Oliveira); Luís Carlos, Santos (Varlei), Cícero e Marcos; Renato, China (Marcelo) e Lange (Vagner); Rudnei, Agnaldo e Freitas (Mussashi).

1986, derrota para a Seleção da Segunda - Em 1986, a comemoração do aniversário da cidade foi em um amistoso do Saad contra a Seleção da Segunda Divisão Paulista. Com um bom público, o Saad (treinado pelo Alfredo Ramos) perdeu com um gol contra do zagueiro Márcio, aos 30 minutos da etapa inicial.

Saad E.C. 0 x 1 Seleção da Segunda Divisão (SP)

Data: 28 de julho de 1986

Local: Estádio Lauro Gomes de Almeida (São Caetano do Sul)

Árbitro: Reinaldo Tadeu Acquestra

Saad E.C.: Mendes (Edgar); Daniel, Márcio, Vâner e Edir (Cacá); Valdemir (Bárbara), Melo e Boca (Silva); Miguel (Chumbinho), Londrina e Chicão.

Seleção da Segunda Divisão: Altair (Fernando); Wagner (Isaac), Papinha e Wallace; Antônio Carlos, Marquinhos e Nina; Jorginho, Dirceu e Joãozinho. ■

Arquivo/Diário do Grande ABC – Foto/Luciano Vicini



Agnaldo, do São Paulo, mesmo marcado por Edir, chuta à direita do goleiro Swami. Foto de partida realizada em 1985

Agradecimentos: Cecília Del Gesso (*Diário do Grande ABC*), Paulo Roberto Gonzalez e Sérgio Santana.

Renato Donisete Pinto é pedagogo e professor de Educação Física. Membro da Academia Popular de Letras de São Caetano do Sul e do Memofut (grupo de Literatura e Memória do Futebol), é autor do livro *Fanzine na Educação* (Marca de Fantasia, 2013) e coautor do *Almanaque do Saad Esporte Clube* (Edição dos Autores, 2019).

Referências Bibliográficas:

ALVES, Milton. O Empate. *Diário do Grande ABC*, 30 de julho de 1985, Caderno A15.
 DIOGÓ, Julio Bovi; PINTO, Renato Donisete; STÉLLA, Rodolfo Pedro. *Almanaque do Saad Esporte Clube*. São Paulo: Edição dos Autores, 2019.
 FESTA da GM tem Saad como atração. *Diário do Grande ABC*, 25 de julho de 1984.
 JORNADA de Gala da Seleção Amadora de SCS: batida inapelavelmente a da Capital por 3 a 1. *Jornal de São Caetano*, 7 de agosto de 1965.
 LAURO Gomes lotado vê Saad x Santos sem gol. *Diário do Grande ABC*, 29 de julho de 1978, p. 13.
 PRESIDENTE do Saad impõe e técnico escala titulares. *Diário do Grande ABC*, 29 de julho de 1980, p. 13.
 SAAD, uma tristeza na festa de São Caetano. *Diário do Grande ABC*, 29 de julho de 1975, p. 8.
 SÃO Caetano festejou com vitória do Saad. *Diário do Grande ABC*, 29 de julho de 1972, p. 12.
 SELEÇÃO vence Saad em dia de festa: 1 a 0. *Diário do Grande ABC*, 29 de julho de 1986.
 SOB as luzes do Natale Saad vence o Juventus. *Diário do Grande ABC*, 29 de julho de 1971, 2º Caderno.

São José Futebol Clube

Duas vezes campeão no mesmo ano!

Luiz Domingos Romano

NASCE UM CLUBE - Uma reunião, muita vontade, 11 camisas, surgia mais um time de futebol. Era 1º de março de 1954. Nascia o São José Futebol Clube. Apesar da boa vontade dos homens reunidos naquela noite, nem mesmo eles acreditavam que as 11 camisas daquele time pudessem, um dia, formar um grande clube esportivo.

Nomes como João Nunes Barbosa, Benedito Colla Filho, José Cavalheiro, Francisco Batista de Oliveira, Aparecido Brasilino, José Henrique Marques e tantos outros, foram responsáveis pelo nascimento do São José Futebol Clube.

Reproduzimos, em seguida, um texto com data de 1976, de autoria de José Pires Maia, conhecido como Zezé. Figura conhecida na locução dos jogos da cidade, memorialista do esporte local, atuou como atleta e diretor do São José por 18 anos.

“São José Futebol Clube foi fundado em 1º de março de 1954. A história do clube se inicia num pequeno espaço cedido por José Cavalheiro, em sua residência, onde eram guardadas as camisas, bolas e alguns documentos.

Esse espaço foi utilizado de 1954 a 1959. O clube teve como primeiro presidente Natale Cavalheiro, filho de José Cavalheiro, que foi vereador em São Caetano do Sul na década de 1960.

Continuando sua história, a partir de 1960 conseguiu um novo espaço maior em um “barracão” cedido pelo torcedor João Pedro de Barros, que viria a ser presidente do clube entre 1960 e 1962.

Nos anos seguintes, outros presidentes contribuíram para o crescimento e desenvolvimento do clube, culminando com a inauguração do Estádio Natale Cavalheiro, em 3 de outubro de 1968, com o jogo São José F.C. 3 x 3 Bonsucesso F.C.; e com dois grandes títulos de campeão de futebol da cidade, com a equipe principal e a equipe do 2º quadro, no ano de 1969.

Com brilhantismo, muita garra e amor às cores do clube, o São José F.C. deixou um forte legado em suas performances esportivas nos jogos amistosos e nos campeonatos promovidos pela Liga Sancaetanense de Futebol, além de alguns jogos realizados pelas cidades do interior.

Nesses 67 anos ficaram muitas lembranças para os torcedores. O São José F.C. tem todos os seus jogos documentados pelo historiador José Pires Maia (Zezé) entre 1954 e 1972, com riqueza de detalhes. Inclusive com uma camisa na qual foram relatados, nominalmente, 521 atletas e mais os respectivos presidentes, que com muita honra fizeram parte dessas memoráveis histórias no futebol, orgulhosamente lembradas por todos torcedores. Foram eles: Natale Cavalheiro, João Pedro de Barros, Osvaldo Lavrado, Benedito Evanberto Cokui, Aldo Rossini e Luiz Laurindo Marcelino, que tiveram muito amor em suas atuações.

Já em 1973, houve a fusão entre as equipes do América Futebol Clube, Ponte Preta Futebol Clube, Bela Vista Futebol Clube, Flamengo Futebol Clube e São José Futebol Clube, formando assim um novo clube poliesportivo denominado Centro Recreativo Esportivo Vila São José, com sua praça esportiva existente até os dias de hoje.”





Equipe do São José F.C. em 1969, quando o time sagrou-se campeão da primeira divisão de 1969, da Liga Sancaetanense de Futebol, conquistando o troféu Rádio Cacique



Ainda em 1969, o São José F.C. sagrou-se campeão do 2º Quadro da Liga Sancaetanense de Futebol, conquistando o troféu Rádio Independência



José Pires Maia (Zezé), jogador do São José, com a faixa de campeão, em 1969



Zezé em foto de 2019, aos 82 anos

Luiz Domingos Romano

é designer na área de produto e embalagem e pós-graduado em comunicação visual. Atualmente é proprietário da LD Romano Design Ltda. Colecionador, pesquisador e memorialista na área esportiva, é membro do Memofut (Memória do Futebol), em São Paulo e conselheiro da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Campanha da equipe

principal do São José F.C. - 1969

1/6/1969 - São José F.C. 2 x 0 América F.C.
30/11/1969 - São José F.C. 1 x 1 A.A. Vila Gerti
14/12/1969 - São José F.C. 2 x 2 Ponta Porã
21/12/1969 - São José F.C. 1 x 1 União Jabaquara
28/12/1969 - São José F.C. 2 x 0 Alvi Celeste (Decisão)

Campanha total da equipe principal (1954 a 1972)

696 jogos, 336 vitórias, 157 empates, 203 derrotas
1.315 gols marcados, 1.034 gols sofridos

Campanha do 2º Quadro do São José F.C.

1/6/1969 - São José F.C. 4 x 1 América F.C.
15/6/1969 - São José F.C. 2 x 2 Santos F.C.
13/7/1969 - São José F.C. 2 x 2 Corinthians
20/7/1969 - São José F.C. 3 x 1 Ponte Preta
17/8/1969 - São José F.C. 5 x 1 América F.C.
31/8/1969 - São José F.C. 7 x 1 Bonsucesso
7/9/1969 - São José F.C. 2 x 3 Ponte Preta
21/9/1969 - São José F.C. 1 x 0 Santos F.C.
5/10/1969 - São José F.C. 5 x 0 Alviceleste
12/10/1969 - São José F.C. 4 x 0 Corinthians

Campanha total da equipe 2º Quadro (1954 A 1972)

649 jogos, 300 vitórias, 170 empates, 179 derrotas
1.271 gols marcados, 1.019 gols sofridos

HINO DO SÃO JOSÉ FUTEBOL CLUBE

Letra: Antonio Zanirapo (Tonho) – 4/12/1972

São José o teu nome é importante
Nesta terra de paz e de amor
Te ergueram com luta incessante
És um clube de grande valor.

Do passado guardas lembranças
De jornadas de glória e de dor
Nos momentos atrozos aprendeu
Que as derrotas também tem o seu valor.

No presente és um gigante
És altivo, soberbo e audaz
Siga em frente a caminho da glória
E mostre a todos do que és capaz.

No futuro será monumento
E o povo irá reconhecer
O valor de um clube glorioso
Que nasceu pra sempre vencer.
(BIS)

Acervo Darcy Tuninato

Darcy Tuninato Nogueira nasceu no dia 17 de julho de 1940, filha de Nestor Tuninato e Geni Marina Tuninato. Por volta dos 9 anos, começou a ter aulas de acordeão com Nélio Fasani, músico conhecido na cidade, que havia participado de alguns conjuntos musicais e que dava aulas em domicílio. Sua irmã, Dirma, estudava violino.

As fotos encaminhadas por Darcy nos mostram um festival de música, que reuniu alunos de Fasani, em benefício das obras da Igreja Matriz Sagrada Família, realizado no Salão Paroquial Padre Alexandre Grigolli, em meados da década de 1950.

Na ocasião, foram apresentadas 14 músicas, entre composições clássicas e canções populares brasileiras. Mais de 20 jovens participaram do evento.



Alunas reunidas no palco do salão paroquial. Ao centro, o professor Nélio Fasani



Neste pequeno grupo, Darcy Tuninato é a primeira, à esquerda



Dirma Tuninato apresentou-se em um grupo de quatro violinistas

Em 1979, eu e meu primo Ricardo Iavarone, à beira dos 12 anos, entramos para o escotismo. Alguns amigos em comum, filhos de amigos do meu pai que frequentavam a sede da Rosacruz em São Caetano do Sul, comentaram certo dia que estavam a fim de adentrar o curioso e interessante mundo de Baden Powell. E acabamos entrando juntos nessa aventura. Em tempo: Robert Baden-Powell (1857-1941), tenente-general do exército britânico, criou o movimento escoteiro em 1907, após perceber a enorme repercussão e o interesse dos jovens em aprender e replicar as técnicas do seu livro *Ajudas à Exploração Militar*, de 1899, que, além de conter informações sobre ex-

 Marcos Eduardo Massolini

Sempre

ploração e técnicas na vida em campo, incluía elementos positivos de camaradagem, altruísmo, coragem e autodisciplina.

O agrupamento escolhido foi o tradicional 18º Grupo Escoteiro João Ramalho, fundado em 14 de maio de 1952, por iniciativa do então funcionário da General Motors, José Gonçalves de Oliveira, baseado no interior da Associação Desportiva Classista (ADC) General Motors de São Caetano do

Ramalho), que de “selvagem” não tinha praticamente nada, já que foi na própria sede do clube da GM, com as barracas de escoteiros de toda a região do ABC espalhadas pelas bordas do campo de futebol da agremiação. Mas, mesmo sem o aspecto mais “agreste”, a emoção de dormir em barracas longe dos pais, do alto de nossos 12 anos de idade, foi uma experiência muito marcante.

**(ou quase sempre)
alerta!**

Sul, no Bairro Barcelona, na época ainda com o nome de General Motors Esporte Clube.

Sete décadas depois da primeira bandeira fincada de mister Powell, lá fomos nós em nosso primeiro acampamento (27º aniversário do G.E. João

Justamente para não formar “panelinha”, cada um de nós foi para uma patrulha (pequeno grupo liderado por um jovem) diferente: tanto eu, quanto meu primo, e nossos amigos Marcelão, Riordan e Adilzinho, fomos distribuídos para as patrulhas



Arquivo/Marcos Massolini

Marcos Massolini em foto do final da década de 1970, antes de entrar no escotismo

estabelecidas no grupo: Touro, Lobo, Cão e Águia. Eu acabei incorporado à patrulha Lobo, que já não era naquele instante a mais elogiada ou vitoriosa.

Vale lembrar que, embora eu fosse muito bom em esportes – futebol, handebol, vôlei, corrida – era, ao mesmo tempo, desligado, um tanto atrapalhado com atividades manuais e propenso, principalmente na infância e adolescência, a me meter em acidentes/incidentes (a queimadura no braço, o nariz abalroado e os diversos pontos espalhados pelo corpo comprovam essa sina), o que, para a Lobo, que precisava de um *upgrade* para sobreviver e reagir como patrulha, não era uma aquisição salvadora – pelo contrário. E realmente, durante meses e meses, tentei conquistar, a todo custo, o meu lenço branco e azul (aquele que os escoteiros amarram no pescoço), que era alcançado por mérito, tanto nas atividades curriculares, como nos “pontos” disputados em exercícios e provas entre as

tropas. Mas, por conta de várias “presepadas” e faltas cometidas ao longo do período, eu e alguns da tropa Lobo acabamos sendo os últimos dos “moicanos” nesse quesito. Para que vocês tenham noção de algumas dessas mancas, dividi os momentos inglórios em tópicos:

- No acampamento do Clube da GM, o chefe pediu para as tropas saírem à cata de lenha para a grande fogueira que seria acesa à noite. A patrulha Lobo saiu em disparada e foi uma das primeiras a trazer madeira. Mas o grande problema é que Carlos, o nosso líder, avistou um pequeno tronco seco, ainda enterrado, e tratou de derrubá-lo a machadadas. Mas, quando os chefes foram averiguar o material, viram que a madeira ainda estava verde, ou seja, viva! Para essa falta gravíssima, nossa patrulha perdeu vários pontos.

- Atividades no Pico do Jaraguá, um dos pontos mais altos dentro da Grande São Paulo, com altitude de 1.135 metros.

Provas valendo pontos. Em um dos exercícios, tínhamos de levar um recipiente aberto com suposta nitroglicerina dentro dele, amarrado no meio de um pequeno tronco que era transportado por duas pessoas nos caminhos íngremes e inclinados da mata fechada. Ganhava a patrulha que chegasse lá em cima com o líquido intacto – o grupo que derrubasse mais, estava desclassificado. Nessa prova não fomos mal e acabamos em segundo lugar. Mas, na atividade derradeira, o nosso entusiasmo acabou escorrendo pelas botas. A prova escolhida foi a “corrida de troncos”, na qual cada grupo corria com um pesado tronco sobre as cabeças e venciam quem cruzasse a linha de chegada primeiro, sem derrubá-lo. Milagrosamente, a patrulha Lobo estava prestes a vencer a primeira prova de sua existência, quando, faltando menos de um metro para alcançar a linha final, o tronco pesou demais e eu acabei soltando-o...no pé do Carlos! Não preciso nem dizer que a vontade dele logo depois do ocorrido foi jogar o tronco de volta na minha cabeça.

- Final de um dia normal no clube. Eu, Rica, Marcelão e Ronan (um dos mais espevitados de todo o grupo) brincávamos distraidamente de chutar uma bola de tênis um para o outro, dentro da sede. Até que o Ronan, perna de pau que só, deu um chute atravessado e a bolinha acabou quebrando o vidro do armário

de medalhas. Pernas pra que te quero. Um pouco depois descobriram os responsáveis...e eu que já estava até preparando o meu pescoço para a solenidade de entrega das premiações no domingo próximo, tive de adiar mais uma vez o tão almejado lenço.

- Hora do almoço do último dia de um acampamento selvagem, no interior de Mauá (2º Elo Nacional - Mauá). A patrulha Lobo, extenuada, exaurida e destroçada, acabara de quebrar as regras que impediam a gente de comer qualquer coisa “industrializada”, e cozinhava no fogão improvisado feito de pedras e madeiras, tenras salsichas (que adquirimos em uma troca de *souvenirs* e pins com uma patrulha mineira) que boiavam dentro de um pote. O lastimável fogãozinho arriou e como estávamos em um terreno íngreme, as salsichas rolaram morro abaixo. Olhamos um para o outro, com a barriga roncando de fome e não tivemos dúvida: corremos para salvar as salsichas, jogamos elas de novo no pote e mandamos ver. A água fervida ficou toda marrom, por causa da terra. Depois, até brincamos que o prato principal do dia foi “salsichas ao molho barrê”.

Por essas e outras, eu só fui ganhar o lenço quase um ano depois da minha entrada no escotismo. Um pouco porque o chefe ficou condoído com minha situação e outra porque ele sabia que eu podia ser um pouco fora de órbita, mas tinha muita

força de vontade, sabia dividir e cooperar em grupo e tinha um espírito pacífico.

Ganhei o tal às vésperas do Jamboree, um dos maiores eventos do escotismo mundial, que reúne, de quatro em quatro anos, desde 1920, grupos de escoteiros de todo o mundo em um determinado país-sede. Mas eis que o de 1979, que ia ser realizado no Irã, por causa da revolução islâmica no país, acabou sendo cancelado, o que não impediu que fosse realizado, algum tempo depois, uma espécie de Jamboree nacional na cidade de Uberaba (Minas Gerais), onde centenas de grupos escoteiros do Brasil todo acabaram se confraternizando.

Foi lá em Uberaba que fizemos uma atividade social que me marcou para sempre. Antes da partida de São Paulo, arrecadamos quilos e quilos de saquinhos plásticos de leite (muito em voga na época, antes do advento das caixas longa-vida) e eu não sabia qual era a finalidade daquilo. Quando soube, já em Minas Gerais, fiquei emocionado: uma das visitas que faríamos na cidade era para o Lar da Caridade (popularmente conhecido como Hospital do Fogo Selvagem, que existe até hoje), criado pela Vó Cida, ex-enfermeira da Santa Casa de Uberaba. Consternada com a falta de tratamento aos pacientes com pênfigo foliáceo, uma doença cujos sintomas se assemelham a labaredas que per-



Antiga sede do Grupo de Escoteiros João Ramalho, quando ainda estava instalado no então Clube da GM. Foto de 1956



Estampa do acampamento na sede do Clube da GM, de 1979



Rara estampa do Jamboree 1979 - Encontro Mundial de Escoteiros. Esta edição, por causa da revolução islâmica, foi cancelada

correm o corpo e deixam na pele marcas de queimadura, acabou levando-os para sua própria casa em 1957, onde fundou algum tempo depois o Lar da Caridade. As embalagens plásticas de leite serviam para forrar as camas e aliviar a sensação de queimadura desses pacientes. Escotismo também é solidariedade!

Outra atividade marcante dos meus tempos de escotismo foi realizada em 1980, quando escoteiros de todo o mundo se comunicaram em uma mesma noite, através de um meio de comunicação muito atuante no mundo antes do celular - no Brasil, desde os anos 1960: o radioamador. E foi justamente nesse ano que as normas do setor do radioamadorismo criaram o Serviço Rádio do Cidadão, mais conhecido como Rádio PX. Em um desses aparelhos de PX, devidamente instalado na residência do seu Nuno, um simpático morador de São Caetano, eu e alguns membros da tropa Lobo conseguimos contatar alguns colegas escoteiros de outros países, adentrando a madrugada e aprendendo alguns macetes da linguagem característica de um radioamador. Inesquecível!

No fim, mesmo com alguns “percalços” no caminho, o escotismo foi fundamental para a



minha formação e acredito que para meu primo e amigos também. Trabalho em equipe, companheirismo, solidariedade, disciplina, boas maneiras, primeiros socorros – recomendo essa atividade para qualquer menino ou menina, principalmente nesses tempos tão egoístas e individualistas.

O Grupo Escoteiro João Ramalho está instalado, desde 2015, no Parque Botânico Presidente Jânio da Silva Quadros, no Bairro Mauá, depois de 62 anos dentro do Clube da GM (desativado em 2020). Em maio de 2022, o grupo completa 70 anos, e eu torço muito para que ele continue na cidade por muitos e muitos anos ainda. ■

O tão almejado lenço azul e branco, que era alcançado por mérito, tanto nas atividades curriculares, como nos “pontos” disputados em exercícios e provas entre as tropas

Marcos Eduardo Massolini é jornalista e escritor. Em 2001 lançou, de forma independente, o livro *Borboletas Abissais*. Mantém o blog *Almanaque do Malu* desde 2009 e o grupo São Caetano Inesquecível, no Facebook. Em 2014, lançou seu segundo volume de poesias, *Aura de Heróis* e, em 2016, o livro de ficção *Abílio e o Espelho* no formato e-book. O ano de 2021 marca o lançamento de seu terceiro livro de poesias: *Quase Oásis*.

HANS SULIMAN GRUDZINSKI



Nossa Senhora
de Todos os Portos
Hans Suliman Grudzinski
Calcogravura - mista
1970
83 x 70 cm

O que é

A calcogravura ou calcografia é o processo de gravura feito a partir de uma matriz de metal. Litografia ou litogravura é um tipo de gravura que envolve a criação de marcas sobre uma matriz de pedra calcárea com um lápis gorduroso.

Nessa edição, *Nosso Acervo* traz a obra *Nossa Senhora de Todos os Portos*, do gravador Hans Suliman Grudzinski, que foi premiada no V Salão de Arte Contemporânea de São Caetano do Sul, realizado em 1971.

Além desta, o acervo da Pinacoteca Municipal conta com mais duas outras do artista – *Peixes, Ilha e Sol e Ilhas no Espaço*, que foram premiadas na oitava edição do mesmo salão.

HANS SULIMAN

GRUDZINSKI nasceu

em 1921, na Iugoslávia (atual Sérvia). Começou a pintar aos 16 anos como autodidata. Posteriormente formou-se arquiteto, estudou calcogravura no ateliê do gravador inglês Stanley William Hayter. Em 1947, mudou-se, com a família, para o Brasil, fixando residência em Mauá (SP). Na cidade, trabalhou por 20 anos em uma fábrica de porcelanas, como chefe da seção de modelagem. Entre 1954 e 1956, estudou pintura na Associação Paulista de Belas Artes. Em 1957, fez o curso de litogravura na Fundação Armando Álvares Penteado (Faap). Por volta de 1960, passou a ter aulas com Lívio Abramo.

Sua produção artística se concentrou principalmente

nas gravuras em metal, trabalhando sempre no limiar entre o abstrato e o figurativo. Suas obras se destacam pelo refinamento e apuro técnico, que o levaram a desenvolver uma carreira bastante profícua, participando de mostras nacionais e internacionais.

Suas obras estão nos principais museus do Brasil, como o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP) e a Pinacoteca do Estado de São Paulo, além de fazer parte dos acervos artísticos das instituições da região do Grande ABC. Grudzinski faleceu em 1986, vítima de um incêndio em sua residência, deixando um grande legado para a arte brasileira. ■

Referências:

VERGOLINO, Paulo Leonel Gomes e MELLO, Regina Lara Silveira.

CHAPELEIRA

O MÓVEL DA FOTO é chamado de chapeleira ou porta-chapéus. No passado, era muito comum encontrá-lo nas residências, em estabelecimentos comerciais e escritórios. Ficava posicionado perto da porta de entrada.

A partir do início do século 20, o chapéu passou a ser peça quase que obrigatória na vida cotidiana dos homens, principalmente. Mulheres e crianças também utilizavam bastante. Essa peça de vestuário já representou tanto a liberdade do indivíduo quanto a classe social à qual pertencia.

Mas o costume de usar chapéus prevaleceu somente até meados da década de 1960, quando caiu em desuso, e as chapeleiras foram perdendo sua utilidade.

O acervo do Museu Histórico Municipal conta com um lindo e imponente porta-chapéus em madeira, que foi utilizado no gabinete do primeiro prefeito de São Caetano do Sul, Ângelo Raphael Pellegrino. Doado pela prefeitura municipal, estima-se que a peça tenha sido fabricada na década de 1940. ■



Foto: Antônio Reginaldo Camhori (FPMCS)

Nessa seção você vê uma pequena amostra das mais recentes doações recebidas pelo Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória. Faça uma doação também e nos deixe guardar as memórias de sua família!

Doação Família Dal'Mas

Acervo de Mario Dal'Mas doado à Fundação Pró-Memória por sua filha Clívia Mara Dal'Mas Romero



Recrutas do Tiro de Guerra 34, formados em 1940, posam para foto na Igreja Nossa Senhora do Carmo, em Santo André. Foto de 7 de setembro de 1940



Moinho Santa Clara, localizado na Rua Heloísa Pamplona, no Bairro da Fundação, em foto da década de 1930

EXPOSIÇÕES

Pinacoteca 360°

De 28 de maio a 1º de setembro, a Pinacoteca Municipal apresentou a exposição *Pinacoteca 360°*. A mostra celebrou o acervo da instituição que conta com cerca de 750 obras e que teve como base inicial os trabalhos exibidos nos Salões de Arte Contemporânea, realizados de forma pioneira pela cidade entre os anos de 1967 e 1988. Uma parte dessa coleção esteve disponível nesta mostra e o público pôde apreciar a qualidade e representatividade desse patrimônio cultural de São Caetano.



PINACOTECA MUNICIPAL
MAIO-SETEMBRO

As Artes do Fogo – Ateliê Pedagógico e os cinco elementos

O Espaço Cultural Casa de Vidro realizou, de 21 de agosto a 29 de outubro, a exposição *As Artes do Fogo – Ateliê Pedagógico e os cinco elementos*, contando com dezenas de peças em cerâmica produzidas por artistas e também obras que contemplam

as técnicas realizadas no local como xilogravura, litogravura e papel artesanal. Durante a mostra foi colocado em funcionamento também um torno mecânico e um forno específicos para a produção e manipulação das chamadas artes do fogo, como cerâmica, porcelana e *fusing*. Esses equipamentos foram doados pela ceramista Sallye Novikov.



ESPAÇO CULTURAL
CASA DE VIDRO – ATELIÊ
PEDAGÓGICO
AGOSTO-OUTUBRO

São Caetano no “país do futebol”: da várzea ao profissionalismo

O esporte mais popular do Brasil e sua ligação umbilical com São Caetano é tema da exposição aberta em 27 de agosto no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes. *São Caetano no “país do futebol”: da várzea ao profissionalismo* contemplou imagens de diferentes períodos e equipes, apresentando um panorama da trajetória futebolística na cidade, em seus aspectos amador e profissional, a partir da primeira metade do século passado. Além disso, a mostra conta com um vídeo produzido especialmente

para a atividade, relembrando alguns jogadores de destaque nacional e internacional que passaram pelos clubes sul-são-caetanenses. A visitação é até 28 de janeiro de 2022.



SALÃO EXPOSITIVO
ESPAÇO VERDE
CHICO MENDES
AGOSTO 2021 - JANEIRO 2022

Cenas do Cotidiano da Cidade

Desde o dia 17 de setembro, o Espaço do Forno está com *Cenas do Cotidiano da Cidade* em cartaz. Na mostra, são apresentadas, em suas variadas dimensões, minúcias e multiplicidades das cenas da rotina de outrora. Nas imagens contempladas, moradores aparecem em momentos comuns em seus respectivos contextos domésticos, de trabalho, de lazer e de fé. Em diálogo com essas referências iconográficas, objetos do acervo do Museu Histórico Municipal completam a mostra, representando, a partir dos significados da cultura material, os modos de apropriação do corriqueiro e do habitual no dia a dia da vida cidadina, ao longo de alguns períodos do século passado. A exposição vai até o dia 28 de janeiro de 2022.

ESPAÇO DO FORNO
SETEMBRO 2021-JANEIRO 2022

É Hora de Brincar

O Museu Histórico Municipal está apresentando a exposição *É Hora de Brincar*. Com início em 22 de setembro e término programado para 30 de dezembro, o público pode lembrar ou conhecer brinquedos populares no século 20 como carrinhos, bonecas, jogos de casa e de conhecimentos gerais, além de artefatos como bambolê e skate.



MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL
SETEMBRO-DEZEMBRO

Aquarelas & Aquarelas, uma conexão além do Atlântico e Dos Momentos e das Alegrias

Entre 24 de setembro e 19 de novembro, duas exposições simultâneas marcaram presença na Pinacoteca Municipal.

Aquarelas & Aquarelas, uma conexão além do Atlântico e *Dos Momentos e das Alegrias*.

A primeira foi o resultado de convite feito a artistas de dois países que compartilham uma história e sua língua: o português. A mostra consistiu em um intercâmbio cultural no qual brasileiros aquarelaram

imagens relacionadas a Portugal e portugueses aquarelaram o Brasil. Já *Dos Momentos e das Alegrias* trouxe aquarelas produzidas por artistas associados à Associação Brasileira de Aquarela e da Arte sobre o Papel (ABA), instituição que já conta com mais de três décadas de existência. Cada obra presente retratou momentos especiais da interação de cada artista com papel, pigmento e pincel.



PINACOTECA MUNICIPAL
SETEMBRO-NOVEMBRO

7ª Vitrine de Arte – Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul

Tradicional atividade artística de São Caetano que tem como objetivo o conhecimento e a divulgação da produção artística local, além de revelar novos talentos e provocar discussões em torno dessas obras, a sétima edição da *Vitrine de Arte – Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul* teve início em 10 de dezembro e conta com dezenas de trabalhos de artistas em diversas temáticas, linguagens, técnicas e materiais. A mostra fica em cartaz até fevereiro de 2022.

PINACOTECA MUNICIPAL
DEZEMBRO 2021- FEVEREIRO 2022

EXPOSIÇÕES VIRTUAIS



De junho a dezembro de 2021, a Fundação Pró-Memória realizou, em seu site (www.fpm.org.br) e também em suas redes sociais, seis exposições virtuais que continuam disponíveis ao público. São elas: *144 anos de São Caetano do Sul e a herança dos imigrantes italianos*, *São Caetano de Todos os Povos*, *São Caetano e seus 15 bairros*, *E a Escola Municipal de Idiomas Paulo Sérgio Fiorotti chegou aos 60 anos*, *Penteados, uma questão de identidade*, *Homenagem ao Professor e Pelas Ruas de São Caetano do Sul*.

SITE E REDES SOCIAIS
JULHO A DEZEMBRO

REDES SOCIAIS

Além de mostras virtuais, a Fundação Pró-Memória deu início, em 2021, a um projeto voltado para as redes sociais da instituição. Semanalmente, são divulgados posts com informações sobre os acervos da Pinacoteca, do Museu Histórico e do Centro de Documentação, com o objetivo de ampliar o alcance da atuação

da Pró-Memória, aproximando seu público e promovendo a difusão destes acervos. Outra ferramenta utilizada na internet é o famoso #tbt, por meio do qual imagens antigas são divulgadas de acordo com datas comemorativas municipais.

REDES SOCIAIS JULHO A DEZEMBRO

PROJETO EDITORIAL

70 anos de História da Educação em São Caetano do Sul: 1949-2019 e O Nome da Minha Escola



No segundo semestre de 2021 a Fundação Pró-Memória lançou mais dois livros totalizando assim 30 obras publicadas por meio de seu projeto editorial. *70 anos de História da Educação em São Caetano do Sul: 1949-2019* e *O Nome da Minha Escola* tiveram lançamento simultâneo realizado dia 12 de novembro. As obras enaltecem a educação da cidade, que é

parâmetro positivo e referência nacional e fortalecem a missão de despertar nos cidadãos a consciência da valorização do patrimônio cultural e histórico.

FPM
NOVEMBRO

PROJETOS ESPECIAIS

30 Anos



2021 foi o ano em que a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul celebrou seus 30 anos de existência. Para comemorar o aniversário, foram promovidas extensas ações nos meios digitais e também presencialmente.

Exposição itinerante - Resultado de trabalho de pesquisa de nossos historiadores e pesquisadores, a instituição lançou a exposição itinerante *Fundação Pró-Memória, uma trajetória de 30 anos em São Caetano do Sul*. Reunindo dezenas de fotos e painéis contando as três décadas de história, a mostra já esteve aberta ao público no Teatro Santos Dumont, Câmara Municipal, Atende Fácil e circulou por diversos centros integrados de saúde e educação da terceira idade.

Redes sociais - Dando prosseguimento às mudanças iniciadas ainda no primeiro semestre do ano, a Pró-Memória reforçou suas redes sociais como ferramenta de comunicação com maior utilização de vídeos por meio da criação de seções como o #TourVirtual com visitas aos nossos espaços expositivos, o #PordentrodaFPM em que os funcionários explicam as funcionalidades de cada setor e o #FpmparaMim, por meio do qual integrantes dos conselhos da instituição e demais personalidades falam sobre o trabalho desenvolvido pelo local.

FPM
JUNHO A DEZEMBRO

PARCERIAS

Associação Cultural do Povo Búlgaro no Brasil



Em 12 de julho, a Pró-Memória formalizou parceria com a Associação Cultural do Povo Búlgaro no Brasil. Com o convênio, a associação, localizada em São Caetano, concedeu em custódia o seu acervo de documentos históricos, imagens, fotografias e objetos relativos à história e à memória dos imigrantes búlgaros e gagaúzos, oriundos da Bessarábia em São Caetano do Sul e São Paulo, reunidos pelo professor Jorge Cocicov, que é autor de livros sobre esse tema.

FPM
JULHO

EVENTOS

Roda de Conversa e exibição do documentário *Águas Passadas*

A Fundação Pró-Memória realizou, no dia 30 de julho, na Estação Cultura, roda de conversa e exibição do

documentário *Águas Passadas*. A atividade contou com a participação de Denise Szabo, Lucas Migliorini, respectivamente diretora e produtor do documentário, e com Enio Moro Junior, arquiteto e presidente do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da cidade de São Caetano do Sul (Conprescs).



FPM
JULHO

Painel sobre a Autonomia de São Caetano do Sul

Como parte das comemorações pelos 73 anos da autonomia de São Caetano do Sul, a Fundação Pró-Memória promoveu painel on-line com duas palestras no dia 20 de outubro. O professor e sociólogo José de Souza Martins ministrou sua fala com o tema *Fatores, consequências e personagens ocultos no processo da autonomia de São Caetano*. Já a historiadora e integrante do quadro de funcionários da Pró-Memória, Cristina Toledo de

Carvalho, fez apresentação cujo título é: *Uma história narrada pela metade? Hipóteses e questões sinalizadoras da participação de mulheres na articulação do movimento autonomista*.

FPM
OUTUBRO

Oficinas de Aquarela



Como parte das mostras *Aquarelas e Aquarelas: uma conexão além do Atlântico e Dos Momentos e das Alegrias*, a Pinacoteca Municipal realizou duas oficinas artísticas nos dias 5 e 19 de novembro. *Aquarela Criativa* foi ministrada pela artista Lilian Arbex, diretora da Associação Brasileira de Aquarelas, e *Água em Movimento* conduzida pela artista Isabel Cardoso. Ambas trouxeram técnicas e dicas para as pinturas com o uso de recursos que facilitam as representações.

FPM
NOVEMBRO

Alunos da Escola Alemã, em foto de 1930. Em 1931, a escola foi instalada na Rua Wenceslau Brás e o nome da entidade foi mudado para Associação Escolar Teuto-Brasileira de São Caetano. A escola funcionou por cerca de nove anos. Foram identificados: José Hager, Roberto Baade, Bernard Schmidt, Franz Kraemer, José Lorenz Gustav Buss, Eduard Nackur, João Kaiser, João Hoffman, André Pats, Pedro Heski, Zechmeister, Anton Zeller, Karlheinz Buss, Roberto Ertner, Miguel Heski, Georg Pasku, Nikolaus Schunk, Carlos Wachtleer, Henrique Enis, Georg Teubel, João Pats, Frans Muller, João Hemerka, Henrique Koter, Nicolau Zahne, João Bernat, Emil Floter, Adam Mutter, João Zeller, Henrique Enis, Henrique Koter, Bubi, João Isler, Franz Kraemer, Adam Hoffman, Nicolau Pasku, Dennis, Zahner, Francisco Schutz, Gustav Vogel, Franz Muleer, Christian Seifert e João Hemerka



Acervo/FPMSCS



Acervo/FPMSCS

Vitória Lorenzini no pátio do Cine Parque Monte Alegre em foto de 1938, uma semana após o seu casamento com Ricieri Lorenzini, proprietário deste cinema, bem como do Cine Central

Acervo/FPMSCS



Médico Helio Lobo, no ambulatório da Cerâmica São Caetano, onde fazia atendimento aos funcionários. Foto de 1945

Acervo/FPMSCS



Grupo formado pela diretoria, gerência e subgerência da Cerâmica São Caetano, durante o lanche oferecido pelo Serviço Social, na festa de Natal de 1948

Acervo/FPMSCS



Jorge Carlovich e Carlos Flerckner em foto de 1946. Ao fundo, vemos a casa onde morava o avô de João Gallo, na esquina das ruas Monte Alegre e José Benedetti

Acervo/FPMSCS



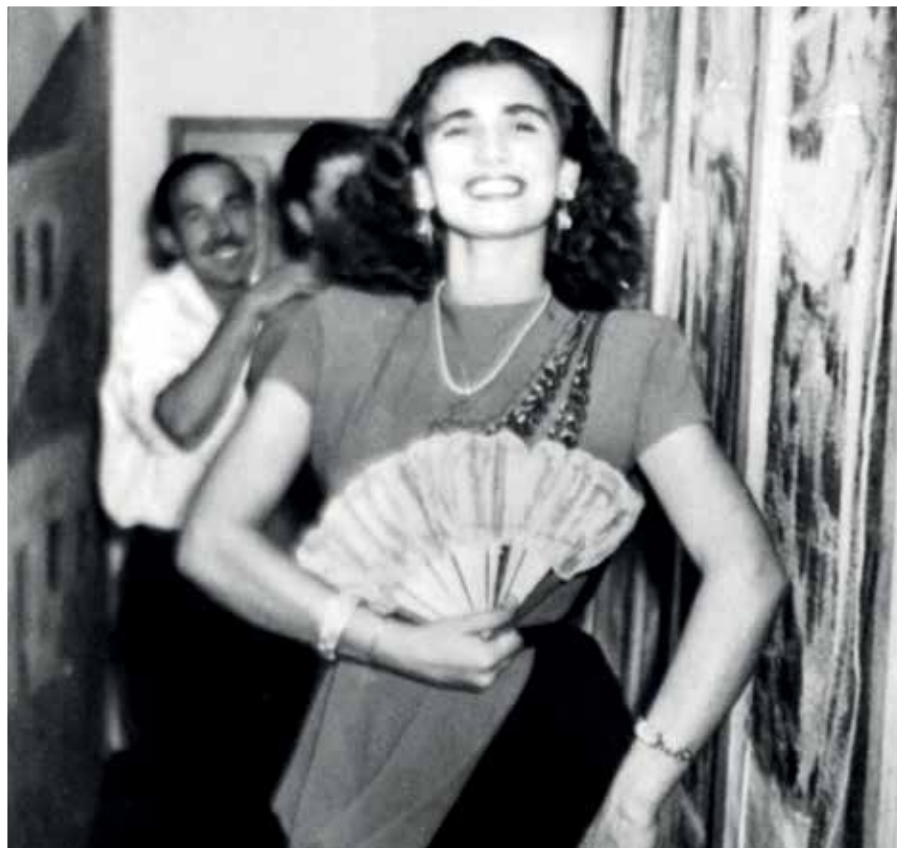
Nicolino Puccetti e sua esposa Anésia Lorenzini Pucetti durante baile de carnaval no São Caetano Esporte Clube, em 1950

Acervo/FPMSCS



Classe masculina do Grupo Escolar Senador Fláquer, em 1950

Acervo/FPMSCS



Visita e apresentação da cantora e apresentadora Hebe Camargo no clube da General Motors do Brasil, na década de 1950



Festa de Natal de 1952, na fábrica da Cerâmica São Caetano. Na imagem, momento de conferência dos brinquedos a serem distribuídos aos filhos dos funcionários



Anacleto Pires dançando com sua esposa, em local não identificado. Ele era professor e foi vereador em duas legislaturas (1957-1961 e 1961-1965). Foto da década de 1960

Acervo/FPMSCS



Foto de um grupo de fundadores da Sociedade Amigos do Bairro Fundação, em 1960. A entidade foi criada em 26 de junho de 1960, contando com 46 membros

Acervo/FPMSCS



Vereador Maurício Hoffman e sua esposa Maridna Hoffman em evento não identificado, em 1980, durante a gestão do então prefeito Raimundo da Cunha Leite. Hoffman foi eleito vereador em duas legislaturas (1977-1983 e 1983-1988)



Praça Cardeal Arcoverde, na década de 1960. Ao fundo, a Igreja Matriz Sagrada Família

Aspecto do Córrego dos Meninos, na década de 1960

Acervo/FPMSCS





Cerimônia que marcou o início das obras das futuras linhas de montagem dos produtos da General Motors do Brasil em São Caetano, ocorrida em 24 de setembro de 1927. A nova fábrica viria a transferir suas linhas de montagem, instaladas, há cinco anos, na Avenida Presidente Wilson, no Ipiranga. As operações de montagem só aconteceriam a partir de 1º de outubro de 1929, dez meses antes da inauguração oficial das instalações, que se deu em 12 de agosto de 1930

Acervo/FPMSCS



Piquenique entre amigos de São Caetano do Sul, em Paranapiacaba. Também era muito comum nessa época, amigos se reunirem para passar o dia em Santos. Tomavam um trem em Paranapiacaba e desciam rumo ao litoral. No final da viagem, uma lotação os aguardava para levá-los até a praia. Foto de 1929

Avenida Goiás na
década de 1980



FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA

SEDE ADMINISTRATIVA PINACOTECA MUNICIPAL CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255
São Caetano do Sul – SP
(11) 4223-4780
fpm@fpm.org.br
pinacoteca@fpm.org.br
centro.documentacao@fpm.org.br

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL

Rua Maximiliano Lorenzini, nº 122
São Caetano do Sul – SP
(11) 4229-1988
museu@fpm.org.br

SALÃO EXPOSITIVO ESPAÇO VERDE CHICO MENDES

Avenida Fernando Simonsen, nº 566
São Caetano do Sul – SP

ESPAÇO CULTURAL CASA DE VIDRO

Praça do Professor
(altura da Av. Goiás, nº 1.111)
São Caetano do Sul – SP

ESPAÇO DO FORNO

Praça do Forno
Espaço Cerâmica
São Caetano do Sul – SP

Fundação
Pró-Memória



1991_2021
SÃO CAETANO DO SUL



ISSN 1415-3173



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



PREFEITURA MUNICIPAL
SÃO CAETANO DO SUL